

**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara - SP**

LUCAS HENRIQUE DE SOUSA

**Produzindo cidades e sexualidades em  
Alfenas (MG) e Mococa (SP): *experiências  
de homens gays em cidades pequenas e  
interioranas***



ARARAQUARA – S.P.

2021

LUCAS HENRIQUE DE SOUSA

**Produzindo cidades e sexualidades em  
Alfenas (MG) e Mococa (SP): *experiências  
de homens gays em cidades pequenas e  
interioranas***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre.

**Linha de pesquisa:** Diversidade, Identidade e Direitos

**Orientadora:** Ana Lúcia de Castro

**Bolsa:** CAPES

ARARAQUARA – S.P.

2021

S725p Sousa, Lucas Henrique de  
Produzindo cidades e sexualidades em Alfenas (MG) e Mococa (SP) : experiências de homens gays em cidades pequenas e interioranas / Lucas Henrique de Sousa. -- Araraquara, 2021  
110 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

1. Ciências Sociais. 2. Homossexualidade. 3. Sexualidade. 4. Cidades. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUCAS HENRIQUE DE SOUSA

# **Produzindo cidades e sexualidades em Alfenas (MG) e Mococa (SP): experiências de homens gays em cidades pequenas e interioranas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Diversidade, Identidade e Direitos

**Orientadora:** Ana Lúcia de Castro

**Bolsa:** CAPES

DATA DA DEFESA: 28/04/2021

**MEMBRAS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro**  
Universidade Estadual Paulista - UNESP.

---

**Membra Titular:** Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai  
Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL

---

**Membra Titular:** Profa. Dra. Silvana de Souza Nascimento  
Universidade de São Paulo - USP.

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

Aos que ousam, transgridem e experimentam as potências que é viver.

## **AGRADECIMENTOS**

Esse é um dos momentos em que se reflete sobre a importância que as pessoas e as instituições possuem na construção do conhecimento científico. Isso demonstra a qualidade coletiva desse trabalho. Pensar, refletir, analisar e escrever é parte de processos que envolvem inúmeras pessoas que corroboram com a sua formação humana e profissional. É a partir dessa perspectiva que eu compartilho da ideia de que a materialização dessa pesquisa é produto de diálogos, abraços e conhecimentos compartilhados.

Tomando os bons afetos como um dos principais combustíveis que nos movem, gostaria de agradecer aos meus pais por me proporcionarem a opção de seguir estudando e, mesmo sem entender muito o que é essa tal de “ciências sociais”, não mediram esforços para me apoiar nessa trajetória. Sem os apoios que me foram dados, afetivo e financeiro, não conseguiria dar continuidade à minha formação acadêmica. A você, pai e mãe, meus agradecimentos e minha eterna gratidão por se desdobrarem para possibilitar que eu seguisse buscando meus objetivos.

Agradeço também a todos os meus colegas de graduação que compartilharam diferentes afetos e anseios durante a nossa formação e que hoje sei que são imprescindíveis para mim. Em especial, gostaria de agradecer a minha amiga Daniele Soares, companheira que vem caminhando comigo, ouvindo meus medos e me encorajando a seguir em frente. Obrigado por insistir em dizer que eu sou capaz.

Agradeço também as minhas amigas que compõe em diferentes cores a minha rotina e a minha história de vida e que, de diversas maneiras, dão o tom às minhas memórias mais bonitas. À Tayná Ribeiro Genari e Ana Helena Zamarian, grandes parceiras que me proporcionam a bonita experiência que é ter amigas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais de Araraquara e aos professores com os quais tive a oportunidade de aprender. Aos colegas de mestrado que conheci e pude dialogar durante essa caminhada conjunta. À minha amiga que me permitiu estreitar os laços, Marília Azevedo.

Às minhas amigas que conheci em Araraquara, em especial as que mais aturaram minhas inquietações – Vanessa e Débora. Vocês deixaram meus dias araraquarenses mais vivíveis.

Agradeço aos colegas do Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia Contemporânea (GEPAC) que quinzenalmente me proporcionaram reflexões importantíssimas para minha formação.

À minha orientadora Ana Lúcia de Castro, pela oportunidade de ser seu orientando. Agradeço a confiança que depositou na minha pesquisa e nas minhas ideias. Obrigado pelas leituras, conversas e pela sensibilidade afetuosa de entender as particularidades de cada um nesse processo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida. Essas diferenças não são “representáveis” porque são “monstruosas” e colocam em questão, por esse motivo, os regimes de representação política, mas também os sistemas de produção de saberes científicos “normais”.*

Paul Preciado (2011, p. 18)



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as experiências de homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens em contextos de cidades pequenas e interioranas. Pressupondo que os espaços de sociabilidade para LGBTQIA+ são restritos nestes contextos, analisaremos tais experiências e vivências nas cidades de Mococa, interior de São Paulo e Alfenas, interior de Minas Gerais. A partir dessas experiências, traçar uma análise entre a produção de sexualidade e de cidade. Nesse sentido, desloca-se a sexualidade como um importante dispositivo na subjetivação (Foucault, 1988), dispondo estratégias discursivas com o intento de normatização das sexualidades, dos corpos e dos sujeitos. Pensar a dimensão política e normativa da sexualidade nos aponta para a desnaturalização de práticas e desejos sexuais que estão perpassadas por normativas que contribuem com a produção de expectativas sociais que os sujeitos devem cumprir. Assim, a sexualidade atravessa não só os sujeitos, mas rearticula significados na produção das dinâmicas das cidades. Adota como metodologia a análise de histórias de vidas em duas cidades interioranas de pequeno porte: Alfenas e Mococa. Os resultados da pesquisa apontam como tais cidades não oferecem para os sujeitos espaços de pertencimento e de produção de identidades, produzindo silenciamentos dessas experiências, ou como foi conceituado, ocultá-las em seus “regimes de visibilidades”. Apesar disso, tais sujeitos escapam e exploram seus desejos mesmo que sejam nas invisibilidades que as cidades produzem. O trabalho contempla, ainda, análise de instituições sociais como, a escola e a família e seus papéis na produção de masculinidades que atendam às expectativas da comunidade, alinhadas aos padrões cisheteronormativo.

**Palavra-chave:** cidades pequenas; sexualidade; homossexualidade; Mococa; Alfenas.

## **RESUMEN**

El objetivo de este trabajo es investigar las experiencias de hombres que se relacionan emocional e sexualmente con otros hombres en contextos de pequeñas ciudades. Assumiendo que los espacios de sociabilidad para LGBTQIA+ son restringidos en estos contextos, analizaremos tales experiencias en las ciudades de Mococa, en interior de São Paulo y Alfenas, en el interior de Minas Gerais. A partir de estas experiencias se puede realizar un análisis de la producción entre la sexualidad y la ciudad. En este sentido, la sexualidad se discota como uno dispositivo importante en la subjetivación (Foucault, 1988), proporcionando estrategias discursivas con el objetivo de normalizar las sexualidades, los cuerpos y los sujetos. Penar en la dimensión política y normativa de la sexualidad apunta hacia la desnaturalización de prácticas y deseos sexuales que están permeados por normas que contribuyen a la producción de expectativas sociales que los sujetos deben cumplir. Así, la sexualidad no solo atraviesa los sujetos, sino que rearticula significados en la producción de la dinámica de las ciudades. Adopta como metodología el análisis de historias de vida en pequeñas ciudades interiorana: Alfenas, en el interior de Minas Gerais y Mococa, en el interior de São Paulo. Los resultados de la investigación muestran cómo dichas ciudades no ofrecen a los sujetos espacios de pertenencia y producción de identidades, produciendo silenciamiento de estas experiencias o, como se conceptualizó, escondiéndolas en sus “regímenes de visibilidad”. A pesar de esto, tales sujetos escapan y exploran sus deseos incluso si se encuentran las invisibilidades que producen las ciudades. El trabajo también contempla el análisis de instituciones sociales como la escuela y la familia y sus roles en la producción de masculidades que respondan a las expectativas de la comunidad, en línea con estándares cisheteronormativos.

**Palabras-claves:** ciudades pequeñas; sexualidad; homossexualidad; Mococa; Alfenas.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**LGBTQIA+:** Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais

**MGA:** Movimento Gay de Alfnas

## **LISTA DE QUADROS**

**QUADRO 1.** – Informações das cidades de Mococa e Alfenas

**QUADRO 2.** – Informações dos entrevistados

## **LISTA DE IMAGENS**

**Imagem 1** – Praça da Matriz

**Imagem 2** – Praça Getúlio Vargas – Alfenas

**Imagem 3** – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2006

**Imagem 4** – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2016

**Imagem 5** – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2018

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	15
1.1 – Construindo as memórias .....	16
1.2 Objetivos e metodologia.....	20
1.3 Estrutura dos capítulos .....	24
2. As sexualidades como domínio das relações de poder.....	26
2.1 A sexualidade como dispositivo de poder .....	31
2.2 As homossexualidades como dispositivo da sexualidade .....	36
2.3 <i>The celebration</i> .....	42
3. Entre a sexualidade e o espaço: investigando a produção das cidades pequenas e interioranas .....	49
3.1 “Lugar nenhum. Aqui não tem lugar nenhum” .....	53
3.2 Refletindo sobre a política do espaço .....	57
3.3 A invisibilidade como regime de produção de visibilidades.....	61
3.4 Os pontos de fuga e as válvulas de escape para os encontros em contextos de cidades pequenas e interioranas.....	66
3.5 – A importância de novas perspectivas para pintar a cidade de outras cores... 73	
4. A produção da masculinidade em contextos de cidades pequenas e interioranas .....	81
4.1 Tensionando a produção de sexualidade e masculinidades no ambiente escolar .....	86
4.2 “Vira homem, rapaz. Aqui você vai virar homem”.....	92
Considerações finais.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: .....	102
ANEXOS.....	108

## 1. Introdução

Iniciamos esta introdução com a proposta de uma breve viagem, uma rápida passagem pelas cidades que ocupam a discussão central – Alfenas, cidade localizada no Sul de Minas e Mococa, cidade localizada no estado de São Paulo, fronteira com o estado de Minas Gerais. Começamos pela cidade de Alfenas. Imagine que você está chegando na cidade, nas proximidades da principal entrada. É nesse momento que você encontra uma das duas principais Universidades, a Universidade José do Rosário Vellano, mais conhecida como UNIFENAS. É nesse trecho que se localiza o trevo que dá acesso a uma das principais avenidas da cidade – a Avenida Governador Valadares, uma importante artéria que liga vários bairros da cidade. Assim, estamos entrando em um espaço que dá acesso não só ao centro da cidade, mas também liga de ponta a ponta os extremos da urbe. Nessa avenida e por todo o seu percurso, pode-se encontrar um espaço que é bastante ocupado por estabelecimentos comerciais e se pode ver também algumas residências de diferentes estéticas e que ainda guardam suas características antigas. Poucos quilômetros após percorrermos essa avenida, estaremos no centro da cidade, percebendo muitas vezes como há ruas estreitas e irregulares, um fluxo bastante contínuo de carros e a praça central que muitas vezes é usada como norte para direcionamentos: “tal ou qual lugar fica a três quarteirões da praça Getúlio Vargas”.

Seguindo um pouco mais adiante no sentido que estamos caminhando, podemos observar as lojas e estabelecimentos comerciais que compõem a paisagem, as ruas bastante estreitas de mão única e com os paralelepípedos que ainda estão conservados. Logo mais à frente existe uma outra praça que também possui grande circulação na cidade e que aos domingos é bastante frequentada devido à feira dominical que Alfenas oferece aos alfenenses, turistas e estudantes. É nesses arredores, poucos quilômetros descendo novamente algumas ruas de paralelepípedos que vamos chegar à outra Universidade da cidade – a Universidade Federal de Alfenas, chamada cotidianamente por todos pela sua sigla UNIFAL. É nesses arredores que morei durante alguns anos em Alfenas, circulando pelo bairro na proximidade do centro, espaço esse que exige alguns cuidados durante o período da noite devido à alta taxa de furtos.

Nesse mesmo exercício, imagine-se chegar em Mococa a partir da sua entrada principal. A cidade recebe seus visitantes com a estátua de Jesus Cristo de braços abertos e se segue por duas avenidas paralelas que levam ao centro da cidade. Diferente de Alfenas, a avenida principal da entrada da cidade não é composta por estabelecimentos

comerciais, mas por algumas instituições de ensino, postos de gasolina, pistas de skate e praças (que são bastante frequentados por jovens aos finais de semana). É nessa avenida que encontramos as duas Instituições de Ensino Superior da cidade – a FATEC, faculdade pública com cursos superiores e a faculdade FUNVIC, faculdade particular.

Seguindo por essas avenidas podemos apreciar a paisagem que fica composta por praças, algumas escolas (uma das quais estudei durante o ensino médio), um palco para *shows* que é utilizado poucas vezes para eventos e comemorações municipais. Descendo por essa avenida, pode-se chegar no centro da cidade. E assim como a cidade de Alfenas, alguns trechos desse nosso percurso conservam também os paralelepípedos, inclusive no entorno da Igreja Matriz da cidade, lugar procurado aos domingos para a socialização de famílias e jovens. Outra diferença que marca a paisagem da cidade de Mococa nos arredores das praças centrais (localizadas no centro), são os casarões históricos construídos em meados do século XIX e resultado do circuito paulista do café com leite.

Essa breve descrição das espacialidades que dão boas-vindas nas duas cidades que estão aqui sendo produto e produtora das narrativas dos nossos interlocutores tem também como objetivo desejar aos que agora navegam pelas páginas desta dissertação, que sejam bem recebidos para construir as memórias que aqui serão deslocadas e perscrutar uma cidade outra composta por experiências de sujeitos homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens que são poucas vezes contadas, mas que existem. O espaço da cidade narrada está alinhavado naquilo que está sendo relatado pelos interlocutores, não meramente como um espaço palco, mas um espaço coprodutor das trajetórias.

### **1.1 – Construindo as memórias**

Escrever é um ato processual que nos desloca para outros lugares e tem a potência de desenvolver a construção de memórias que fazem parte de nossas experiências. Refletindo, percebo que seria pertinente à pesquisa me colocar também como personagem (Ana Luiza Rocha; Cornélia Eckert, 2010) na construção das cidades que estão sendo analisadas. Afinal, para além da minha situação como pesquisador, também transitei por essas duas cidades, que fazem parte da minha trajetória de vida: Mococa e Alfenas. Dizendo isso, assim como aponta Clifford Geertz (2008) não podemos nos furtar de esclarecer que os nossos interesses de pesquisa, em alguma medida, também estão



assentados em interesses pessoais. Aponto isto aqui, pois, ao longo do texto, minhas memórias também são desenvolvidas para compor as análises<sup>1</sup>.

Desta forma, incluo a minha trajetória de vida diante das duas cidades em questão, trazendo para a reflexão a implicação de ser um homem gay<sup>2</sup>. Não pretendo fazer deste espaço uma autobiografia pura e simplesmente, mas mobilizar as diferentes memórias que me recorrem para introduzirmos os questionamentos críticos sobre as possibilidades e dificuldades de crescer enquanto sujeito gay em contextos de cidades pequenas e interioranas. Assim, lançaremos a pergunta que norteará a condução das análises: “Quais as implicações entre ser homem que deseja outros homens em contextos de cidades pequenas e interioranas?”. Tal questionamento possibilitará guiar as discussões teóricas e as análises das entrevistas realizadas.

Como um sujeito gay e que desde a mais tenra infância foi lido e, muitas vezes, colocado no lugar do estranho e do “viadinho”, percebo que não podemos separar a subjetivação dos sujeitos de gêneros e de sexualidades dissidentes dos espaços em que crescem e vivem. Assim como aponta Vinicius de Almeida (2019), refletirmos sobre os espaços é também refletirmos sobre os processos de construção das sexualidades e dos gêneros. Dito isso, admite-se a insuficiência de se pensar as cidades sem levar em consideração como pensar cidade é pensar as experiências dos sujeitos, seus corpos, os gêneros que performatizam, as sexualidades, as relações étnico-raciais.

É essa complexa intersecção de marcadores que atravessam a experiência dos sujeitos nas cidades que me fazem revisitar as minhas próprias memórias. Assim, posso relembrar a minha infância no bairro popular onde cresci, em que as brincadeiras de ruas compunham a rotina do meu dia a dia. Brincadeiras coletivas que utilizavam a rua como

---

<sup>1</sup> Deixamos aqui explícito que, ao dialogar com tais temáticas e com os interlocutores desta pesquisa, mobilizamos também as memórias construídas do pesquisador, sujeito homossexual e que também viveu nos contextos que estão aqui sendo dialogados.

<sup>2</sup> Ao utilizamos os termos “gay” ou “homossexuais”, assim como aponta Emerson Martins (2017), estamos nos referindo a homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens. O intento não é trazer com esses termos uma noção essencialista e acabada, mas indicar que há tantos significados para homossexualidades e gays quanto há sujeitos para ressignificá-los. Assim, concordamos com a resposta dada por Michel Foucault (2004) em entrevista ao ser questionado sobre quais eram os significados a identidade gay, em que o filósofo argumenta que é sempre um tornar-se. E aqui compartilhamos com a perspectiva dada por Foucault: pensar as possibilidades criativas para outros modos de vida. Vejamos a potente resposta que nos coloca Paco Vidarte em sua proposta por uma “Ética bixa” (2019): “O que é ser bixa? Continuo sem responder. E não precisa. Algo que se assetou já irrevogavelmente é o fato de que não há identidade além da identidade política, da identidade estratégica, e que ninguém mais anda buscando essências homossexuais na medicina, na embriologia, na genética, na biologia, na paleontologia, em nada” (p. 55).

cenário eram parte da minha rotina, sem muitas preocupações com violências, explorávamos as adjacências de onde morávamos e o bairro em que vivíamos.

Como aponta Rosane Prado (1995) o bairro borra as barreiras atribuídas entre o espaço privado e o espaço público. A vizinhança marca uma relação de confiança que é de pessoalidade, indicando uma articulação menos dicotômica. E assim também foi a minha infância e pré-adolescência, recorrendo sempre que necessário à vizinhança para ajudar com a falta de algum suprimento do cotidiano, por exemplo. As trocas, portanto, nesses espaços fizeram parte da construção de uma relação de proximidade e de contraprestações.

Ao mesmo tempo em que a afinidade se fez presente entre os moradores daquela rua, a cobrança que muitas vezes recebia para me comportar como um “menino” eram constantes. A postura corporal e os interesses eram sempre tolhidos, buscando-se assim uma possível correção das incoerências no sistema gênero-sexo-desejo (Judith Butler, 2015). Essas múltiplas advertências recebidas podem ser refletidas a partir da ideia de “pedagogia da sexualidade” de Guacira Louro (2007). Nesse conceito, a autora pensa a importância do ambiente escolar em suas múltiplas formas discursivas de subjetivação e disciplinamento do corpo e da sexualidade. Aqui, afirma-se que não só a escola atua em suas teias de “pedagogias da sexualidade”, mas a família, a vizinhança, o espaço e diferentes dimensões atuam no controle daquilo que deveríamos ser ou parecer ser.

Já na adolescência, minha família se muda de bairro e eu passo a viver em um outro espaço e conviver com novas pessoas. Apesar de a adolescência ser um período em que temos bastantes questionamentos sobre nós mesmos, no âmbito dos desejos sexuais ainda era uma dificuldade compreender o interesse desperto por outros homens. Nisso a religião teve bastante influência. Crescido em uma família católica, a atração por pessoas do mesmo sexo era um tabu desde então. Sem muitas opções de entretenimento na cidade além das praças e do único clube esportivo pago (do qual não era sócio), um dos poucos espaços que poderiam ser possíveis para debater essas questões era a escola, o que infelizmente não acontecia.

Em meados de 2007 e 2008, últimos anos em que cursava ensino médio, ainda com difícil acesso à internet e com poucas possibilidades para se dialogar sobre o assunto das sexualidades, do desejo, consigo abertura para conversar sobre quando uma amiga e um amigo de escola decidem compartilhar comigo também sentirem desejos sexuais e afetivos por pessoas do mesmo gênero. É nesse momento que começo a falar abertamente

sobre o assunto com eles e articular um processo de me entender melhor enquanto sujeito de sexualidade dissidente.

Apesar disso, havia uma dificuldade para mim e para meus amigos e amigas lésbicas e gays conseguir expressar e explorar seus desejos. Com poucos e limitados espaços para a circulação e sociabilidade de jovens de modo geral, e muito menos para os encontros de jovens da comunidade LGBTQIA+, era difícil estabelecer formas de sociabilidade. Ainda sem os acessos aos aplicativos de relacionamento geolocalizados voltados para a homens que procuram sexo com outros homens, uma das poucas possibilidades de explorarmos nossos desejos e afetos eram sites de *chats online* e mídias sociais (como o *Facebook*, por exemplo).

Alguns anos mais tarde, comecei a residir na cidade de Alfenas (2014), interior do sul de Minas Gerais, uma cidade com configurações territoriais e demográficas parecidas com a de Mococa, tendo como uma das diferenças mais evidentes as duas Universidades da cidade – a Universidade Federal de Alfenas (Unifal) e a Universidade José do Rosário Vellano (Unifenas) que impactam na dinâmica cotidiana do município. Apesar de trazer um circuito universitário para Alfenas, a cidade ainda está centrada em uma dinâmica característica de pequenas cidades: poucas ofertas culturais e de lazer, uma praça central que é local de encontro dos jovens aos domingos à noite e a falta de espaços e programação destinada especificamente ao público LGBTQIA+. Vejamos o quadro com as características da cidade de Alfenas e de Mococa:

**QUADRO 1. Informações das cidades de Mococa e Alfenas**

	<b>Alfenas</b>	<b>Mococa</b>
<b>População (2010)</b>	73.774	66.290
<b>População estimada (2019)</b>	79.996	68.885
<b>Densidade demográfica (2010)</b>	86,75 hab/km <sup>2</sup>	77,55 hab/km <sup>2</sup>
<b>Área da unidade territorial (2019)</b>	850,446 km <sup>2</sup>	855,156 km <sup>2</sup>

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)

Apesar dessa lacuna existir na cidade, as festas de repúblicas e organizadas pelos e pelas estudantes universitárias(os) oferecem alguma possibilidade de confraternização. No entanto, muito dessas festas, principalmente as realizadas em repúblicas universitárias, tem como público-alvo os indivíduos vinculados à Universidade. Por isso,

apesar de trazer para a cidade a dinâmica de cidade com grandes Universidades, aponto que a população em geral muitas vezes não chega a ter acesso a esses espaços.

Além disso, importante pontuar aqui, uma surpresa que Alfenas me trouxe foi o fato de, mesmo com as características de uma cidade interiorana, existir uma articulação política em prol da comunidade LGBTQIA+ levada pelo Movimento Gay de Alfenas (MGA) desde início dos anos 2000. Marta Rovai (2019) analisa o histórico de luta e a atuação do MGA na busca por políticas públicas no município e ressalta a importância das inúmeras conquistas.

Pode-se perceber que as cidades pequenas também fazem parte na formação de sujeitos de sexualidades dissidentes. Apesar disso, assim como aponta Emerson Martins (2017) em sua tese de doutorado sobre a temática das homossexualidades nesses contextos, há dificuldade em encontrar pesquisas que orbitem sobre o tema de cidades pequenas, gêneros e sexualidade dissidentes. Essa lacuna teórica sobre tais problemáticas aponta também a importância desse estudo.

## **1.2 Objetivos e metodologia**

A análise de experiências de homens gays em cidades pequenas nos coloca algumas dificuldades para podermos apreender como os interlocutores da pesquisa experienciaram suas sexualidades nas cidades em que viveram a maior parte de suas vidas. Clifford Geertz (2008) aborda que é a partir do encontro entre pesquisador e os interlocutores que são construídos os diálogos informativos sobre os sistemas sociais em análise. Por sua vez, tais trocas são ricas para a construção do conhecimento antropológico. Nesse sentido, a proposta geertziana da pesquisa etnográfica é apostar na perspectiva interpretativa e dialógica, ou seja, investir esforços em compreender as formas sociais a partir do “fluxo do discurso social” (p. 15) de um contexto específico e extrair a partir daí interpretações culturais. Assim, apoiando-se em Geertz, apontamos a necessidade de mergulharmos nas narrativas dos nossos interlocutores para compreendermos a teia de significados do nosso campo de pesquisa.

Bruce Kapferer (1986) afirma que a experiência é o conjunto de significados que expressam a nossa interação com o mundo. Nesse sentido, está se indicando que é a partir das experiências e do compartilhamento delas com outros que se adentra a um conjunto de construtos culturais que dão significado aos atos e organizam a socialidade. Flávio Silveira (2007) ao discorrer sobre a perspectiva de experiência para Kapferer, afirma que

ela está ligada a nossas vivências, incluindo aí a importância do corpo como elemento para refletir sobre essas experiências. Entretanto, o ponto de vista não é unicamente individual, pois está atravessado também pelas experiências de outros sujeitos, fornecendo elementos para que possamos compreender a nossa própria experiência no mundo. Dialogando com isso, Kapferer vai apontar que:

*Further, I do not experience your experience. Paradoxically, your experience is made mine; I experience my experience of you. The expressions reveal on your face, in the gestural organization of your body, through the meeting of our glances, are experienced through my body and my situation* (KAPFERER, p. 1986, p. 189).

Ao se desdobrar sobre as explicações analíticas do conceito de experiência, está-se apontando que aquilo que eu compreendo sobre as minhas experiências é atravessado por um complexo organizado de sentidos culturais que está implicado também pelas experiências de outros sujeitos. A experiência pode ser compreendida, portanto, como parte da nossa relação com a produção de sentidos que constitui a socialidade. Ao se analisar a experiência de homens gays, está se deslocando um conjunto de relatos de vivências produtoras e produtos de significados que possibilitam investigarmos a constituição de uma socialidade. Nesse caso específico, a socialidade de sujeitos de sexualidades dissidentes em contextos de cidades pequenas e interioranas.

A proposta de uma “etnografia da duração” elaborada pelas autoras Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha (2010), corrobora com a perspectiva analítica delineada nesta dissertação ao argumentar a possibilidade de se apreender, a partir das experiências dos sujeitos, as diferentes maneiras de se viver a cidade. As autoras articulam a ideia de que, ao narrar aquilo que se viveu, podemos acessar as imagens construídas nas memórias daqueles e daquelas que contribuem na construção cotidiana da cidade. Nesse sentido, indica-se a importância dos trajetos, das vivências, das experiências dos sujeitos para se pensar as cidades, ao mesmo tempo em que a cidade articula formas de permitir a vida em seu cotidiano. A importância dessa perspectiva é deslocar as histórias de vida narradas como dados importantes para analisar a cidade enquanto espaço narrado. Assim, as autoras afirmam que:

A etnografia da duração realizada pelo antropólogo, é, assim, devedora das histórias vividas que lhe foram transmitidas e das quais, nós, antropólogos, nos apropriamos para produzir teorias e conceitos desde nossa matriz disciplinar. Narramos histórias vividas quando produzidos

descrições etnográficas e, com isso, evocamos reminiscências seja por meio da escrita, de fotografias, de vídeos ou de filmes (ECKERT; ROCHA, 2010, p. 133).

Articulado com o objetivo de pesquisa de articular histórias de vida de homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens em um contexto de cidades pequenas para compreender a coprodução entre sexualidades e cidade. Para isso recorreremos às reflexões de Michael Pollak (1989), que a partir da metodologia da história oral, argumenta que ouvir as narrativas de experiências de grupos silenciados ou pouco ouvidos, possibilita-nos o alargamento discursivo e contribui para que os silêncios possam ser transformados em vozes, atingindo diferentes espaços. A perspectiva da história oral proposta por Pollak (1989) alicerça a pesquisa, pois, identifica que o sujeito, ao narrar as suas histórias, está reconstruindo a si mesmo e nos possibilitando analisar não só a existência de quem nos conta algo, mas de todo o contexto em que os sujeitos estavam inseridos.

Para tanto, ao se trabalhar com as histórias que os interlocutores nos oferecem como dados para análise do problema da pesquisa, a importância da memória é posta em cena para a reflexão. A memória, portanto, tensiona aquilo que é trazido à tona (ou não) no decorrer das conversas que vamos tecendo com os nossos entrevistados. Michael Pollak (1992) aponta que são dois os elementos da memória, (1) aqueles que são vividos pessoalmente pelos sujeitos e (2) aqueles no qual os sujeitos vivem “por tabela”, ou seja, são partes dos acontecimentos da coletividade, do contexto social e político maior no qual os sujeitos fazem parte. Nesse sentido, não se pode pensar a memória como algo simplesmente do plano individual, mas também do coletivo – e ambos em um movimento de intercruzamento. Além disso, o autor afirma que a memória é construção e que pode ser tanto consciente ou inconsciente. Nas palavras do autor: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (Ibid, p. 204).

Dessa forma, buscou-se responder aos questionamentos feitos para essa pesquisa a partir de entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro sujeitos em Mococa e quatro sujeitos de Alfenas. Tais questionamentos podem ser sistematizados nos seguintes objetivos de pesquisa: (1) Contribuir para a compreensão da relação entre as normativas das sexualidades e os sujeitos; (2) a produção do espaço, da cidade e mais especificamente das cidades pequenas e interioranas e, por fim (3) analisar as experiências de homens que se relacionam com homens em cidades nesse contexto aqui delineado. A escolha de

entrevistas semiestruturadas é justificada por possuir uma abertura para que o diálogo se amplie para além das perguntas já pensadas previamente (vide o roteiro de entrevista em anexo). Os critérios estabelecidos para a escolha dos entrevistados foram ser homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens, assumir publicamente seus afetos e sua sexualidade, ter nascido e crescido nas cidades em questão.

Como já dito, para compor as análises dessa pesquisa, entrevistou-se oito sujeitos, sendo quatro em cada cidade. Intentou-se mobilizar as memórias da infância, da adolescência e da fase adulta, buscando sempre a interação com os espaços vividos pelos sujeitos. Para tanto, nomeamos<sup>3</sup> os sujeitos de cada cidade com a inicial A (Alfenas) ou M (Mococa). Assim, diferenciamos qual cidade cada um está localizado. Para melhor organizarmos as informações de nossos entrevistados, segue a tabela:

**Quadro 2: Informações dos entrevistados**

<b>Alfenas</b>	<b>Mococa</b>
Alessandro, 21 anos, negro, estudante universitário	Marcos, 28 anos, branco, fiscal de vigilância sanitária
Alisson, 33 anos, branco, gerente comercial	Mario, 61 anos, branco, aposentado
André, 41 anos, negro, servidor público e ator	Milton, 23, pardo, estudante universitário
Sander, 41 anos, branco, comerciante e advogado	Mateus, 59, branco, professor

Os entrevistados foram convidados ora por indicação de pessoas, como foi o caso do Alisson; ora por conhecer de vista, como foi o caso de Alessandro e André; ou saber da sua trajetória política, como foi o caso de Sander. Em Mococa, os entrevistados foram escolhidos, guardados todos os critérios, por conhecê-los de vista ou por alguém ter mencionado em algum momento ao serem questionados sobre sugestões de nomes para serem entrevistados. Dos oitos entrevistados, não possui nenhum vínculo próximo. As entrevistas foram feitas presencialmente<sup>4</sup> com a maioria, como foi com Alisson,

<sup>3</sup> O único entrevistados que optamos por manter o nome é o de Sander Simaglio e essa decisão se deu pelo fato da sua vida pública na cidade de Alfenas. Sander já foi vereador da cidade, atua como advogado e também é uma das principais lideranças desde o início dos anos 2000 no Movimento Gay de Alfenas (MGA) ganhando destaque público na cidade.

<sup>4</sup> Ao serem convidados para a entrevista e aceitarem o convite, foi perguntado a eles se se sentiriam mais à vontade com a entrevista por vídeo chamada ou presencialmente. A opção de ser feita por vídeo chamada levava em conta o contexto de isolamento social causado pelo COVID-19. Como no período das entrevistas ainda existia alguma flexibilidade do isolamento social e como alguns preferiam que nossa conversa fosse

Alessandro, Sander, Marcos, Mario e Mateus e em chamada de vídeo com outros dois, como André e Milton.

### **1.3 Estrutura dos capítulos**

O primeiro capítulo, a Introdução, apresenta os questionamentos e os caminhos metodológicos desta pesquisa. O segundo capítulo, “As sexualidades como domínio das relações de poder”, tem como objetivo estruturar um debate teórico e crítico acerca da dimensão da sexualidade, tensionando como a sexualidade é parte de processos que articulam políticas na formação dos sujeitos. Assim, mobiliza-se autores que perscrutam as estratégias de produção e reprodução de normalidades e anormalidades. O terceiro capítulo, “Entre a sexualidade e o espaço: investigando a produção das cidades pequenas e interioranas”, se desdobra na investigação sobre a produção do espaço, da cidade pequena a partir da problemática da sexualidade dissidente, costurando os relatos dos interlocutores com o debate teórico. O quarto e último capítulo, “A produção das masculinidades em contextos de cidades pequenas e interioranas”, dedica-se a analisar a produção masculinidades a partir das diferentes situações passadas pelos interlocutores, explorando como a produção da sexualidade e do gênero são categorias de análises que se interpelam e estão diretamente relacionadas com os contextos nos quais os sujeitos estão inseridos.

---

feita presencialmente e aconteceu guardados todos os protocolos de cuidados, como o uso de máscara, álcool em gel e mantendo distanciamento.



# CAPÍTULO 1

*A perguntinha do milhão “o que é ser bixa?”, “o que é ser lésbica”, “o que é ser trans?” me dá a sensação de que muitos e muitas vão continuar a fazê-la e o assunto não pode ser dado por resolvido. Sobretudo porque, em cada época, cada um, em seu tempo, vai respondê-la como puder, como permitirem ou como lhe der na telha.*

Paco Vidarte (2019, p. 53)

## 2. As sexualidades como domínio das relações de poder

As discussões que orbitam acerca das sexualidades e do gênero vêm ganhando destaque nas últimas décadas dentro e fora do âmbito das ciências sociais, decorrentes de uma preocupação cada vez mais evidente sobre as diferenças (Gilberto Velho, 2013). No entanto, esse debate não está somente nas Universidades, também se encontra tais pautas no mundo corporativo, político até mesmo religioso. Como dimensões que atravessam as análises sociológicas, antropológicas e políticas; fazem parte de um importante arcabouço teórico para compreendermos a relação dos sujeitos e as implicações que elas incorrem em suas vidas. Nesse sentido, pode-se apontar que, pensar gênero e as sexualidades na vida prática, é pensar também como vão se configurando as relações de poder dentro de determinados contextos, pois, elas expressam políticas de normatividade.

Dito isto, podemos apontar a importância das pesquisas e estudos que se debruçam sobre esta temática. Tais pesquisas fazem parte de um conjunto rico de reflexões que colaboram para ampliarmos a compreensão sobre a diversidade da vida humana em suas diferentes dimensões. Assim, ao lançarmos esforços sobre essa temática, está-se apontando para dois pontos que precisam ser considerados: (1) a importância de se investigar a sexualidade humana a partir de diferentes perspectivas e em diferentes áreas do conhecimento humano e; (2) mobilizar sexualidades e gêneros de grupos de sujeitos vulneráveis política, econômica e socialmente é também trazê-los para um lugar de importância para contribuição social e histórica.

Sobre a importância da temática, indica-se que estamos lidando cotidianamente com as implicações trazidas por uma política da sexualidade e, conseguiríamos mobilizar inúmeros exemplos para que possamos compreender como estamos atravessados por essa esfera que, desde a mais tenra infância nos subjugamos às normativas sexuais. Podemos citar, por exemplo, a escolha de cores específicas (rosa ou azul?), os brinquedos permitidos para meninos e meninas, as roupas, o comportamento esperado, a expectativa de casamento, ou até mesmo a estrutura binária dos banheiros públicos. Em outras palavras, refletir sobre isto é imprescindível para nos compreendermos enquanto sociedade<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> O que é sociedade? Quando usamos o termo sociedade, do que estamos falando? O sociólogo Anthony Giddens (1991) a partir de seus estudos sobre a modernidade em sua obra, *As consequências da modernidade*, aponta que é necessário que tenhamos cuidado ao utilizar o termo, pois ele guarda noções bastante ambíguas. De acordo com o autor, a sociedade trata-se de modelos sociais bastante específicos e que imprime uma configuração social bastante específica, como a configuração do Estado. Assim, o autor aponta que se pode ter duas concepções: designar um modelo social ligado à modernidade e também designa um “sistema específico de relações sociais” (p. 17). Para os objetivos dessa pesquisa, tratar de

Não que estejamos indicando que determinadas dimensões dos sujeitos possam ser separadas das demais ou que algumas possuam mais importância que outras. Apesar dessa separação não acontecer na vida prática, é necessário que se faça um recorte a fim de se investir esforços analíticos buscando compreender melhor os engendramentos sociais e culturais sobre determinadas dimensões e, posteriormente, construir diálogos com outras pesquisas que foram e são desenvolvidas, ampliando o arcabouço teórico para lidarmos com a complexidade do social.

Em se tratando da possibilidade de analisar diferentes dimensões do sujeito<sup>6</sup>, indicamos que se está lidando com concepções bastante específicas da ideia da noção de pessoa na contemporaneidade. Nesse sentido, as análises de Stuart Hall (2011) dão conta de explicar que cada época histórica carrega particularidades no que tange à sua maneira de compreender os sujeitos e suas representações. É na modernidade<sup>7</sup>, aponta Hall, que pensar o jogo de relações entre sociedade e o indivíduo ganha maior preponderância. Em outras palavras, o que o autor indica é que, a modernidade estabeleceu instrumentos analíticos e epistemológicos para lidar com a complexidade de diferentes fatores sociais presentes na sujeição.

Assim, ao recorrer às análises históricas que se tem sobre sexualidade, Foucault (2006) pontua que há uma interpretação recorrente acerca da temática: primeiro, aponta-se sobre a liberdade que se tinha nos contextos da antiguidade grega e romana. Posteriormente, aponta o autor, costuma-se discorrer como através da consolidação da moral cristã, houve uma repressão da dimensão sexual na sociedade e, com a ascensão da sociedade burguesa a partir do século XVI, houve uma radicalização dessa repressão e seu afrouxamento a partir do século XIX, muito influenciado pelas teorias freudianas. De acordo com aquilo que Foucault está apontando, credita-se à moral cristã a introdução nas sociedades ocidentais de um rigoroso silenciamento sobre aquilo que envolve a

---

sociedade como sistemas de relações sociais parecem dar conta das problemáticas que vão ser lançadas aqui.

<sup>6</sup> Essas diferentes dimensões dos sujeitos, como a raça, a sexualidade, o gênero, a religião, a classe social; podem e devem ser pensadas como partes integrantes do sujeito social. Assim como apontado no parágrafo, é na modernidade que a possibilidade de pensar esses diferentes fatores de maneira distintas surge. Ou seja, há a partir do advento da modernidade uma concepção bem específica e que, em alguma medida, ainda circula nas análises das ciências sociais.

<sup>7</sup> Recorrendo novamente a Giddens (1991) o autor afirma que nós podemos indicar o início do século XVII no continente europeu como um marcador geográfico e temporal para começar a pensar a modernidade. Para o autor, a modernidade seria, então, um estilo de vida, um modo de organização social. Dessa forma, o autor aponta que as instituições na modernidade são únicas e trazem rompimentos com as sociedades tidas como tradicionais. Qual a importância de mobilizarmos essa nota de rodapé? Nas próximas reflexões deste capítulo se verá a importância dada à sexualidade na modernidade.

sexualidade. Mas do que estamos falando quando nos referimos à sexualidade? Vejamos o que Richard Miskolci discorre sobre:

A sexualidade envolve desejo, afeto, autocompreensão e até a imagem que os outros têm de nós. A sexualidade tende a ser vista, por cada um de nós, como nossa própria intimidade, a parte mais reservada, às vezes até secreta, de nosso eu. Assim, não surpreende que a sociedade tenha encontrado nela um meio de normalizar as pessoas (MISKOLCI, 2012, p. 39).

Dada a importância, pode-se afirmar que a sexualidade é, portanto, um dispositivo de poder nas sociedades ocidentais modernas (FOUCAULT, 1988). E por dispositivo, entende-se tratar de um “conjunto de discursos e práticas sociais que criam uma problemática social, uma pauta para políticas governamentais, discussões teóricas e até mesmo embates morais” (MISKOLCI, 2012, p. 16). Abrangendo essa concepção foucaultiana de dispositivo, demarca-se a compreensão de que a sexualidade é também um dispositivo forjado contextualmente para abranger o conhecimento sobre os sujeitos e ter controle sobre os mesmos. Em outras palavras, podemos pontuar que estamos tratando de um conjunto discursivo que intenta governar.

Diante desse esquema analítico apresentado acima, Foucault (2006) tensiona a ideia de que a sexualidade seria uma dimensão da vida reprimida em decorrência do discurso cristão nas sociedades ocidentais. A hipótese apresentada em seu livro, *A história da sexualidade – a vontade de saber*, é na verdade, uma revisitação a essa análise histórica calcada na repressão. Assim, o autor postula que quando se trata de avaliar a herança que a moral cristã estabeleceu sobre o domínio da sexualidade, traça-se três pontos: a imposição da monogamia, a sexualidade unicamente para reprodução e, por fim, a desqualificação do prazer. No entanto, aponta Foucault, as sexualidades romanas também possuíam seus interditos e as restrições que foram pontuadas acima.

O que Foucault está propondo que reflitamos acerca da questão levantada? O filósofo está discorrendo sobre o equívoco de se lançar mão de análises que apontam o cristianismo como precursor da repressão sobre a sexualidade. Nesse ponto, ele recorre a estudos que indicam que as sociedades romanas e gregas também possuíam práticas repressivas no que concerne à sexualidade. Algumas correspondências de modelos que são tidos como reflexo da moral cristã existem também nas sociedades gregas e romanas. Assim ele afirma que: “A poligamia, o prazer fora do casamento, a valorização do prazer, a indiferença em relação aos filhos já havia desaparecido, no essencial, do mundo romano

antes do cristianismo” (FOUCAULT, 2006, p. 64). Não é que o autor esteja afirmando que tais práticas de relacionamentos não existissem, mas que eram práticas que estavam presentes entre uma minoria de pessoas ricas e de estratos sociais privilegiados.

A importância de se recorrer a essa análise equivocada sobre a repressão advinda da moral cristã não é, necessariamente, para dizer que tal moral não estabeleceu também suas implicações no âmbito da sexualidade. Mas para pontuar que não houve necessariamente, com o advento do cristianismo, uma novidade no que tange a relação repressão e sexualidade. Dito de outra forma, a moral cristã exerceu sua influência, mas antes dela já havia práticas repressivas e delimitação do comportamento sexual. Houve, no entanto, uma especificidade advinda do cristianismo que ele denomina como “poder pastoral”, que exerceu e ainda exerce influência quando se trata da sexualidade.

A lógica do poder pastoral estabelece a capacidade de se abranger uma heterogeneidade de sujeitos que passam a desempenhar na sociedade um papel de pastor diante das outras pessoas e que essas outras pessoas seriam como suas ovelhas. O autor pontua, portanto, que esse novo tipo de poder que é introduzido no ocidente a partir do cristianismo foi um fenômeno fundamental. Mas porque foi e ainda continua tão importante esse novo tipo de poder produto do cristianismo? As palavras de Foucault são bastante esclarecedoras a este respeito:

A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra. A interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam ser apenas dispositivos secundários com relação a essa grande sujeição: maneiras de torná-la moralmente aceitável e tecnicamente útil (FOUCAULT, 1988, p. 24).

Vamos nos deter um pouco sobre a dimensão do “poder pastoral” e as implicações que isso traz para o âmbito da sexualidade nas sociedades ocidentais. Como visto na citação acima, um dos aspectos trazidos pela pastoral cristã é a obrigatoriedade que estava sendo imposta de que tudo aquilo que se passa com os fiéis precisava ser relatado e estar sob o domínio da Igreja. Dessa forma, a confissão se tornou um dos principais mecanismos para coleta de informações sobre a vida dos sujeitos e aí incluso, a vida íntima. Ao se apropriar desses relatos, a Igreja passa a ter uma maior capacidade de lidar com os fiéis. Como bem apontando por Foucault, essa relação é bem descrita na metáfora do pastor com suas ovelhas.

Foucault (1988) argumenta, portanto, que essa nova configuração do poder também vai perpassar o domínio da vida íntima. Isso vai refletir que: “O sexo, segundo a nova pastoral, (reflexo do concílio de Trento e da Contrarreforma) não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até às mais finas ramificações” (FOUCAULT, 1988, p. 23). Pode-se dizer que a nova pastoral exerceu seus domínios controlando o explícito e o implícito, aquilo que deveria ser dito e como deveria ser dito; arregimentando um ordenamento sobre o moral e o imoral, tendo assim, um controle das consciências.

A partir das análises do conceito de poder pastoral, Durval Albuquerque Jr. (2011) argumenta que a fundação da concepção individual dos sujeitos no ocidente tem em sua base a lógica desse poder. A profundidade e a importância trazida pelo poder pastoral é, portanto, fundante para pensarmos a nossa própria noção de sujeito na Modernidade. O autor pontua que, na esteira do pensamento foucaultiano, o poder pastoral foi o que possibilitou o surgimento das instituições modernas como a psicologia, a psiquiatria, a medicina. Diante dessa importância, o autor discorre que:

Perscrutar a verdade de si, buscar tomar consciência de sua verdade mais íntima, foi o que possibilitou o surgimento de instituições e saberes modernos, como o romance, a psicologia, a psicanálise, a psiquiatria, isto é, de todas as práticas voltadas para a individuação, para a construção de corpos e subjetividades singulares em relação a tudo. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 74-75)

O atravessamento das confissões dos sujeitos pelo poder pastoral e posteriormente pelas instituições modernas passa a constituir um amplo conjunto de saberes sobre esses sujeitos. Dessa forma, aponta Foucault (1988), há um entrelaçamento entre o surgimento dessas novas formas de gestão do coletivo com a concepção que surge a partir do século XVIII, que é a noção de “população”. Dentre as instâncias do sujeito que se buscavam o controle pelas instituições modernas, umas dessas preocupações é também com as sexualidades. Mas afinal, para quais finalidades? Diante disso, os objetivos traçados são para o controle do sexo, e com isso, dos corpos. Em seu livro, *A microfísica do poder*, o autor aponta que:

(...) O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade

biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 1979, p. 80).

A sexualidade deixou de fazer parte somente do âmbito do foro íntimo, daquilo que diz respeito somente às questões pessoais e que deve ser tratada no âmbito do privado. Diferente disso, a sexualidade passou a compor o conjunto de discursos incitados pelo poder público e tendo como o objetivo conhecer a intimidade; sendo parte daquilo que normaliza os sujeitos. Como aponta Michel Foucault: “Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da política (...)” (FOUCAULT, 2014, p. 9).

## **2.1 A sexualidade como dispositivo de poder**

A multiplicação dos discursos acerca da sexualidade, é portanto, estratégia das relações de poder lançando investidas que articulam maneiras de dispor a normatização dos sujeitos e exercer suas artimanhas na maneira de se viver e em tudo aquilo que a isso está implicado e muitas vezes são vistas apenas como escolhas individuais, tais como: roupas, posturas, gostos, escolhas que são tidas como simplesmente pessoais, maneiras de compreender a realidade, entre outras coisas. Neste sentido, ressaltamos a não ingenuidade do discurso, pois o que está em jogo é a sujeição a partir das normativas compartilhadas. Sobre o discurso, Michel Foucault aponta que:

[S]uponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2014, p. 8).

O saber da medicina, afirma Foucault (2006) faz parte dos postulados sobre a sexualidade humana, porque ela passa a integrar uma importante peça para o controle dos sujeitos a partir do século XVII e XVIII na França, Alemanha e Inglaterra. Na França a preocupação da medicina estava centrada no controle da taxa de natalidade, na Alemanha o intuito era a melhoria das condições sanitárias e na Inglaterra, previa-se o disciplinamento dos trabalhadores. De maneira geral, pode-se pontuar que a medicina social desse período tinha, cada local com suas especificidades, o objetivo de esquadrihar um conjunto de saberes sobre a população em geral e encontrar mecanismos de controlar o corpo social e lidar com os medos que o crescimento das cidades vinham

trazendo, como as doenças, a violência e as condições sanitárias. De maneira geral, pode-se apontar que a medicina social corroborou para estabelecer saberes sobre como lidar com os pobres, os trabalhadores e instituir mecanismos para instituir o controle estatal.

Foucault (2006) argumenta que o discurso científico sobre a sexualidade demarca uma diferença capital entre os discursos ocidentais e os discursos das sociedades tradicionais. Assim, o interesse científico em lidar com a problemática que envolve a sexualidade humana está entrelaçado em estratégias que buscavam também ampliar o domínio sobre os sujeitos. Conhecer até o mais íntimo é uma importante política de gerenciamento dos corpos, da sexualidade, da natalidade. Enfim, nas palavras do autor:

No Ocidente, não temos a arte erótica. Em outras palavras, não se ensina a fazer amor, a obter o prazer, a dar prazer aos outros, a maximizar, a intensificar seu próprio prazer pelo prazer dos outros. Nada disso é ensinado no Ocidente e não há discurso ou iniciação outra a essa arte erótica senão clandestina e puramente interindividual. Em compensação, temos ou tentamos ter uma ciência sexual – *scientia sexualis* – sobre a sexualidade das pessoas, e não sobre o prazer delas, alguma coisa que não seria como fazer para que o prazer seja o mais intenso possível, mas sim qual é a verdade dessa coisa que, no indivíduo, é seu sexo sua sexualidade: verdade do sexo, e não intensidade do prazer (FOUCAULT, 2006, p. 61).

A reflexão indica que o interesse nas sociedades ocidentais a partir do século XVIII era voltado a analisar a sexualidade a partir das bases de investigação científica – a *scientia sexualis*. O autor está demarcando que no campo de investigação sobre a sexualidade, pode-se localizar que existem historicamente duas formas distintas de lidar com ela e que marca a diferença de como se lidava com a sexualidade no ocidente e em sociedades tradicionais. Assim como apontado, a produção de verdade sobre o sexo a partir da *ars erótica* exprimia esse conhecimento a partir do ensinamento e da ampliação do prazer sexual. Tal concepção marca radicalmente uma diferença com a concepção da *scientia sexualis* que está voltada para organização sistemática de dados sobre o sexo.

O conjunto de saberes e de práticas que marcam a *scientia sexualis* a partir do século XVIII implicou em um sistemático controle dos sujeitos. Quando estamos apontando controle, colocamos o corpo como alvo dessas produções de verdade. Assim, Vinicius Almeida (2019, p. 33) contribui ao discorrer que para Foucault as instituições da sociedade podem ser compreendidas como a materialização do poder. Indica-se que instituições como a escola, o casamento, a religião, entre outras; representam a



materialização do poder, pois atuam diretamente na regulamentação prática da vida dos sujeitos.

Marcar a sexualidade como um dispositivo discursivo nas sociedades modernas ocidentais é também deslocar ou lançar indagações às ideias que a naturalizam. Ao apontarmos a dimensão cultural e política da sexualidade estamos, portanto, reivindicando que seja necessário pautarmos nossas análises a partir das relações culturais e de poder que a atravessa. Ao investigarmos as sexualidades em diferentes contextos, podemos apreender como os significados que a configuram mudam. Por meio disso, podemos argumentar que a sexualidade é também produto sociocultural. David Córdoba Garcia confirma nosso argumento ao afirmar que: “*la sexualidad no es un hecho natural, sino que está construída socialmente*” (GARCIA, 2005, p. 23).

O que Garcia (2005) aponta acima é imprescindível para essa discussão. A afirmação não somente demarca a perspectiva aqui compartilhada, mas indica que por muitos anos houve estudos e pesquisas no âmbito da medicina e da psiquiatria que contribuíam com a naturalização da sexualidade. O autor aponta que as áreas médicas e psiquiátricas vieram como uma nova frente epistemológica para lidar com as questões envoltas sobre a sexualidade, visando legitimidade discursiva em detrimento da moral e da religião. Diante da disputa, a pretensão científica do conhecimento médico e psiquiátrico rompe com as tradicionais interpretações sobre a sexualidade porque em alguma medida aborda reflexivamente essas questões. Entretanto, o autor aponta que:

*a pesar de su pretendida cientificidad, este nuevo marco discursivo se mantuvo dentro de unos limites claramente marcados y regidos por el dispositivo socio-normativo de la sexualidade al que de hecho ayudó a emerger y a consolidarse* (GARCIA, 2005, p. 24).

As reflexões que colocavam restritamente a sexualidade no âmbito da natureza faz parte também de mecanismos engendrados na modernidade, porque é a partir desse período histórico que a distinção entre aquilo que é cultural e aquilo que é natural ganha maior força. Aqui, estamos entrando na seara de uma reflexão sobre natureza/cultura<sup>8</sup>,

---

<sup>8</sup> As discussões que engendram temas sobre a distinção entre a sociedade e a natureza abordam uma qualidade epistemológica específica e temporal que tem seu ponto alto por volta do surgimento da modernidade no ocidente. A relação que se estabelece, portanto, é o indivíduo como sendo um organismo complexo centrado em si mesmo, tendo como oposição aquilo que seria o natural, o não-cultural. As particularidades conceituais atribuídas à “natureza” demonstram seu caráter dinâmico e inserido em contextos, que como dito, são históricos. Interessante apontar que a possibilidade de vislumbrar a “natureza” como um conceito historicamente formulado, situa-o também em categorias construídas socialmente e em disputa (Keith Tomas, 2010).

mas que não se pretende aprofundar. No que tange a discussão sobre as sexualidades é pertinente pensarmos que o deslocamento da sexualidade como algo natural contribui com as tecnologias do poder em dois pontos. O primeiro ponto se refere a ideia de que, se a sexualidade é natural, então faz parte daquilo que não pode ser alterado. Segundo, trata-se da implicação de pensar a sexualidade como estritamente voltada a reprodução (Garcia, 2005).

Dessa forma, ao lançar mão da ideia de que a sexualidade é uma dimensão da natureza, permite-se respaldar tudo que está relacionado à sexualidade ao âmbito do que é irretocável. Ou seja, como se pode lutar contra aquilo que é próprio da natureza? Daquilo que não tem como mudar? Percebe-se que esses argumentos amarravam e, em alguma medida encontram ecos: ao disputar em colocar a sexualidade como o que é próprio da ordem natural das coisas, aquilo que se fala ou se compreende sobre, não é um conjunto discursivo perpassado por relações de poder, mas apenas constatação daquilo que está dado na natureza. Dessa forma, reproduz-se a manutenção normativa da esfera sexual.

Não se pode deixar de apontar a importância da psicanálise para a desnaturalização da sexualidade. Garcia (2005) novamente nos esclarece sobre essa importância ao pontuar que a teoria freudiana teve participação nesse movimento a partir de seus escritos em seu livro, *As três teses sobre a sexualidade*. Analisando essa obra, o autor aponta que Freud, apesar de em alguns momentos abordar a ideia de que a sexualidade era inerente a natureza humana, ele também possibilitou pensar a condição social e cultural da sexualidade ao pensar a perversão humana e os prazeres que fugiam da lógica da reprodução humana. Garcia (2005, p. 19) afirma que se pode explicitar essa relação a partir do índice freudiano de instinto e pulsão. Posteriormente, Lacan também contribui com esse movimento de desnaturalizar a sexualidade, pois “*para quien la sexualidade esté necesariamente desligada de su origen natural conduce a considerala em relación al orden al que finalmente pertenece: el simbólico o el orden del significante*” (GARCIA, 2005, p. 30).

Portanto, a psicanálise trouxe a possibilidade de que as teses sobre a sexualidade, fossem deslocadas cada vez mais de suas leituras naturalizantes e passaram a incluir nas análises os fatores sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, a tese de Michel Foucault em, *A história da sexualidade: a vontade de saber*, radicaliza essa perspectiva ao lançar luz sobre a sexualidade a partir da perspectiva de que não há como a entendermos se não for a partir do tensionamento dos discursos que são produzidos e suas pretensões de

verdades. Em outras palavras, a produção discursiva sobre a sexualidade está historicamente localizada.

O negligenciamento da sexualidade como produto sociocultural integra, portanto, as estratégias de controle do sexo e do corpo dos sujeitos. Garcia (2005) reforça ao indicar que esse maneira de lidar com a questão estabelece uma relação ahistórica com as questões ligadas à sexualidade dificultando que os sujeitos redescubram novas formas de desejo para além daquelas que são instituídas. É assim que podemos apontar que algumas instituições como a família, a religião e a escola são partes constituintes da produção de um saber-poder que envolve os sujeitos e cumpre suas estratégias de disciplinamento.

Essa dimensão complexa do conhecimento sobre a sexualidade humana vai novamente ao encontro das reflexões de Michel Foucault (1979) a relação entre o saber e o poder. Esse conjunto de conhecimento desenvolvido pelas diferentes áreas do conhecimento que está colocando, de maneira geral, o corpo como alvo de controle social, está transpassado pela necessidade de normalização do mesmo. Os argumentos mobilizados por Foucault exploram pertinentemente como há uma relação intrínseca entre a produção de saber e a produção de verdades que submetem os sujeitos às normas sociais. Nesse sentido, podemos apontar que as investigações dos estudos feitos pelo filósofo sobre a sexualidade tinham e ainda preservam esse objetivo, que é o de normalização. O corpo é o alvo ideal dessa regulação, assim ele aponta:

Nesse conjunto de problemas, o “corpo” – corpo dos indivíduos e corpo das populações – surge como portador de novas variáveis: não mais simplesmente raros ou numerosos, submissos ou renitentes, ricos ou pobres, válidos ou inválidos, vigorosos ou fracos e sim mais ou menos utilizáveis, mais ou menos suscetíveis de investimentos rentáveis, tendo maior ou menor chance de sobrevivência, de morte ou doença, sendo mais ou menos capazes de aprendizagem eficaz. Os traços biológicos de uma população se tornam elementos pertinentes para uma gestão econômica e é necessário organizar em volta deles um dispositivo que assegure não apenas sua sujeição, mas o aumento constante de sua utilidade (FOUCAULT, 1979, p.198).

Pode-se avaliar que a produção e controle dos corpos e de tudo aquilo que o envolve está implicado na produção daqueles que são considerados como “normais” e podem fazer parte do sistema de produção capitalista. De acordo com esse raciocínio, podemos indicar que a produção da normalidade, traz a contrapelo a produção daquilo que é considerado como anormal, como desviante. Isso implica, portanto dizer que a sexualidade em sua multiplicidade, como a homossexualidade, a bissexualidade,

poligamia, a masturbação vão ser também parte dessa produção da sexualidade. Em outras palavras, afirma-se que: “O dispositivo de sexualidade produz não apenas a sexualidade considerada normal, mas todas as outras formas de sexualidade” (ALMEIDA, 2019, p. 36).

García (2005), analisando a teoria de poder de Foucault, aponta que o poder como produção das subjetividades não tem a capacidade de englobar a tudo e *todes*. Com isso, o autor indica que para o pensamento foucaultiano, quando se trata das relações de poder, está sendo mobilizando também os espaços de resistência. Essa relação poder e resistência é constitutiva, pois, no mesmo momento em que essas redes de poder criam sujeições a partir de suas normativas, está se criando também os espaços nos quais não se pode alcançar. Resistir a partir dessas localidades representa, ao que parece, potências de mudanças e transformações. O autor afirma que: “*cualquier norma está necesariamente puesta en cuestión en el mismo momento y en el mismo nivel em que se afirma, y que por tanto las vías para el cambio social están abiertas*” (GARCIA, 2005, p. 31).

Amarrando a discussão desse primeiro tópico para avançarmos, podemos constatar a partir da reflexão trazida pelas leituras de Michel Foucault e alguns outros comentaristas, que a sexualidade é um dos importantes dispositivos na modernidade. Dessa forma, percebe-se que ao tratarmos da sexualidade como produto e produtora de verdades que regulam os sujeitos, ela é imprescindível para as análises sobre o social. Assim como dito, no âmbito do poder, a sexualidade intenta também na produção e materialização da normalidade em detrimento daquilo que foge à regra. Ao que tudo indica, na perspectiva de Foucault, as dissidências sexuais são produto mesmo daquilo que se pretende controlar. As homossexualidades<sup>9</sup> ou as diferentes expressões da sexualidade são, portanto, parte do dispositivo da sexualidade.

## **2.2 As homossexualidades como dispositivo da sexualidade**

Apontamos no primeiro tópico deste capítulo a importância que a problemática da sexualidade ganhou na modernidade. Pois, é na modernidade que as instituições sociais passam a pensar a sexualidade separadamente das outras dimensões da vida dos sujeitos.

---

<sup>9</sup> Destaca-se as homossexualidades aqui, pois, é a partir dela que teceremos as reflexões que seguirão. Ao tratar dessa questão em Foucault, claro que poderíamos abranger para as diferentes dissidências sexuais e de gênero: travestis, bichas, lésbicas masculinas, gêneros não binários. Em resumo: ao mesmo tempo em que se produz e materializa a normalização dos corpos, da sexualidade e do gênero; produz-se aqueles e aquelas que resistem.

A sexualidade, portanto, vai representar um conjunto de discursos normativos que serão aplicados no tecido social. Garcia (2005) explica que, assim como aponta Michel Foucault, o crescimento discursivo sobre a sexualidade é um indício contra as teses que afirmam sua repressão, ao contrário disso, as sociedades burguesas instituirão cada vez mais a necessidade de se saber sobre as sexualidades. O autor discorre que: “*Esta nueva tecnología estableció o produjo al sexo como un secreto que hay que desvelar, y produjo a la vez las técnicas y los mecanismos para efectuar su descubrimiento, interrogación y decodificación*” (Ibid, p. 47).

Indo ao encontro da premissa de que a sociedade burguesa busca cada vez mais que os sujeitos falem sobre suas intimidades, não podemos deixar de apontar para o propósito de formação de *corpos dóceis*. Vinicius de Almeida (2019) contribui e nos ajuda a entender o que seria esse conceito foucaultiano de grande importância, principalmente para as análises sobre as sexualidades. Compartilhamos também da perspectiva de Almeida (ibid) sobre o conceito de corpos dóceis que são produtos do poder disciplinar que busca o domínio sobre o corpo e o seu gerenciamento para a reprodução da vida, tanto física, quanto culturalmente. Ou seja, tais corpos, a partir de todos os dispositivos de saber-poder, estão emaranhados pela lógica de que esse corpo faz parte de um todo e esse todo depende dele para seu completo funcionamento, por isso, a necessidade de que desempenhe determinadas funções. E isso traz consequências também para os corpos que não estão seguindo aquilo que se espera, como é apontado pelo autor:

Portanto, não conseguir manter uma rotina ideal, não ter condições físicas ideais, não ter a sexualidade ideal para os padrões normativos, constitui em defeitos que devem ser sentidos como culpa (manutenção da culpa cristã), mas, principalmente, que trazem consequências mais rápidas, como, por exemplo, o desemprego, o abandono e a fome. A confissão dos pecados, a punição por tê-los cometido e a docilidade civil – com maior participação desta – dão-se as mãos para construção de um projeto disciplinador (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Percebe-se, portanto, como a tentativa de lançar sobre o corpo os domínios de um poder busca a sua docilização. Entretanto, a aposta é que está para além disso, que o objetivo é a produção do próprio corpo a partir das disputas sobre o que ele é e o que ele pode. Em outras palavras, o corpo está no centro das práticas de sujeição, pois, é a partir dele que a economia do poder disciplinar busca sua reprodução. As pessoas inadequadas, com deficiência, as mulheres estéreis, os sujeitos que não desempenham suas expectativas

sociais sobre o que é masculino e feminino fogem a esse projeto que almeja uma pretensa “docilidade civil”.

Os argumentos levantados por Foucault apontados nos tópicos anteriores sobre a sexualidade como mecanismo do poder possibilita para que pensemos sobre as homossexualidades como parte desse conjunto de dispositivos que pretendem classificar e ordenar os limites da normalidade social<sup>10</sup>. Nesse sentido, o filósofo aponta que o surgimento da homossexualidade se deu por volta do século XIX e apareceu com o objetivo de circunscrever, no âmbito da jurisprudência e da psiquiatria, as áreas de perversão da sexualidade (Foucault, 1988). Ou seja, a homossexualidade e outras tidas “perversões sexuais” aparecem nesse período para marcar os limites da sexualidade considerada socialmente como “normal”.

Discorrendo sobre as premissas filosóficas de Foucault (1988) e sua perspectiva lançada sobre a sexualidade nas sociedades ocidentais modernas, pode-se compreender que a sexualidades que passam a ser consideradas “anormais” não estão em uma posição fora da lógica das sexualidades ditas “normais”. Vinicius Almeida (2019), a partir das leituras de Foucault, afirma que não se pode interpretar que exista no pensamento do filósofo forças maniqueístas como dominado/dominador, mas “correlações de forças múltiplas que atuam através das tecnologias de produção de saber” (ibid, p. 32). É o conjunto desses saberes como dispositivos que, como já dito, constitui a materialização do poder em diferentes âmbitos sociais.

A materialização do poder no âmbito da sexualidade pode ser percebida quando dispomos análises sobre as dissidências sexuais. João Silvério Trevisan (2011) ao fazer uma análise da homossexualidade ao longo da história do Brasil aponta como as categorias que são criadas para dar conta dos fenômenos sociais contribuem também com a legitimação e a estigmatização daqueles a quem se está referindo. É o que o autor identifica quando analisa a constituição do termo “*homossexualismo*” e como essa denominação compartilha leituras estigmatizadas do que é considerado “anormal”. O autor aponta:

Em verdade é que a civilização sempre precisou de reservatórios negativos que possam funcionar como bodes expiatórios nos momentos

---

<sup>10</sup> João Silvério Trevisan (2011, p. 178) afirma que na busca de se ter categorias científica mais rigorosas para lidar com a problemática das sexualidades desviantes, há o surgimento da figura clínica do *homossexual*. Tal surgimento se deu no ano de 1869 por um médico austro-húngaro chamado Karl Maria Kertbeny e a partir disso, foi amplamente utilizado na ciência, inclusive nos compêndios científicos brasileiros.

de crise e mal-estar, quando então, por um mecanismo de projeção, ela ataca esses bolsões tacitamente tolerados. Em outras palavras, sempre que a minha situação não tem saída, a saída é atacar o mal fora de mim (TREVISAN, 2011, p. 22).

As reflexões de Trevisan acusam a relação em que se desloca a homossexualidade como um marcador de fronteiras disposto para marcar os limites possíveis para a heterossexualidade como norma social aceitável e saudável. Nesse sentido, dificilmente poderíamos falar sobre um sem estarmos intrinsecamente nos referindo a outra. Mobilizando a perspectiva foucaultiana, os compêndios que foram traçados na tentativa de descobrir, circunscrever e apontar a homossexualidade, tem como objetivo materializar outras configurações do desejo humano para além daquela sexualidade burguesa heterossexual e a pintar com as cores da aberração em um primeiro momento e, posteriormente como o patológico e a anormalidade jurídica.

Peter Fry e Edward MacRae (1985) são um dos autores pioneiros em escrever sobre a homossexualidade numa perspectiva sociológica e crítica no Brasil. Em seu livro, *O que é homossexualidade?* os autores dissertam sobre uma nebulosa questão que despertava diferentes rumores e humores na época: Afinal, o que é ser homossexual? Assim, o livro mapeia os percursos históricos das diferentes visões que se teve sobre a homossexualidade. De prontidão, ambos afirmam que não se pode delimitar e estipular um significado homogêneo sobre o que seria a homossexualidade, pois, cada contexto estabelece seus significados e particularidades ao que tange essa questão. Assim os autores defendem que:

Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e as práticas a ele associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o resto destas sociedades (FRY; MACRAE, 1985, p. 10).

A aposta dos autores é não criar linhas teóricas e epistemológicas que delimitem fronteiras para pensar a homossexualidade como x ou como y. Sendo assim, os autores apontam a importância de sair do âmbito dos debates psiquiátricos e jurídicos para pensar as homossexualidades em seu caráter cultural e político mais amplo (Peter Fry; Edward MacRae, 1985). Ou seja, reafirmam a necessidade de se pensar histórica e geograficamente a questão, pois como fenômeno do âmbito cultural e político, cada tessitura social guarda significados específicos.

Peter Fry e Edward MacRae (1985), apontam também que a dicotomia heterossexualidade e homossexualidade que comumente é mobilizada, atende a uma configuração do social específica denominada como industrial. Os autores estão estabelecendo, a partir deste argumento, que a rigidez daquilo que se compreende como feminino e masculino nas sociedades industriais estabelece implicações diretas para se pensar a homossexualidade e a heterossexualidade. Afinal, tais expectativas sociais em torno do que é ser homem e do que é ser mulher estabelece códigos culturais de gênero e de sexualidade<sup>11</sup>. Em outras palavras, gênero e sexualidade são categorias de análise importantes e que dialogam entre si.

Desde que nascemos, portanto, um conjunto de imposições culturais são postos para moldar aquilo que deve nos identificar. Sobre isso, Judith Butler (2015a) afirma que se entende por identidades as normas de inteligibilidade social que são instituídas. Assim sendo, as identidades<sup>12</sup> também se ancoram nesses conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, assegurando a qualidade de ser inteligível culturalmente. O que seria, portanto, o gênero culturalmente inteligível? Butler responde que se trata daqueles que “instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo.” (Butler, 2015, p. 43)

Dessa forma, podemos perceber que o objetivo de Butler (2015) não é de reivindicar que há um sujeito *a priori*, mas a de que os sujeitos se constituem discursivamente. A performatividade é o conceito primordial no pensamento butleriano para refletir sobre a constituição dos sujeitos a partir de atos discursivos que geram significados e decorre na materialização dos corpos. Ou seja, a materialização do corpo interpelado nos rituais públicos é a própria (in)corporação dos construtos e signos culturais que dão sentido ao corpo. O “sexo” como parte dessa materialização

---

<sup>11</sup> O argumento trazido pelos autores dialoga com as reflexões que a antropóloga estadunidense Margaret Mead (2003) trouxe em seu livro, *Sexo e Temperamento*. Na sua obra, Mead desenvolve uma pesquisa em três diferentes sociedades na Nova Guiné: Os Arapesh, Os Mundugumor e os Tchambuli. As conclusões da autora e que são pertinentes aqui indicam que cada uma dessas sociedades pesquisadas estabeleceram diferentes arranjos de personalidade para o feminino e o masculino. O que podemos perceber é cada significado sobre o que é ser homem e o que é ser mulher está ligado a contextualidades e não a padrões naturais ligados ao sexo (genitais). Além disso, a autora ao transpor essa análise para compreender o seu próprio contexto, percebe que quando há padrões muito rígidos de expectativas para o masculino e o feminino, conseqüentemente tais padrões não dão conta da multiplicidade de expressões que estão para além do binário e, em decorrência disso, alguns indivíduos são postos como inadaptados.

<sup>12</sup> Importante inserir uma nota apontando que ao tratar do conceito de identidade para Judith Butler, não se está mobilizando uma compreensão de identidade essencial ou inerente ao sujeito. Radicalmente oposta a essa ideia, a proposta da teoria da filósofa é justamente apontar para a produção situacional das identidades. Ou seja, as identidades não são fixas, mas produzidas em codependência com os contextos em que se está localizado.



performativa está no centro desse processo de cristalização e naturalização do corpo ou, como aponta a autora em seu livro, *Corpos que importam: os limites materiais e discursivos do “sexo”*:

Na verdade, o “sexo” é um ideal normativo, uma materialização forçada e diferenciada dos corpos que produzirá sua sobra, seu exterior, o que se poderia chamar de seu “inconsciente”. Essa insistência de que cada movimento formativo requer e institui suas exclusões dá particular importância ao vocabulário psicanalítico tanto da repressão como da forclusão (BUTLER, 2019, p. 51).

Judith Butler (2015) compõe mais uma vez com nossa reflexão, ao apontar sobre a intercambialidade entre o sexo, o gênero e o desejo e sua constituição política, pois fazem parte da organização social e da vida dos sujeitos. Diante disso, Butler afirma que no âmbito da formação identitária dos sujeitos, exige-se que se tenha coerência entre o sexo, o seu gênero e o seu desejo. Ou seja, é necessário que os sujeitos sejam homens (pênis)/mulheres (vagina) e possuam desejos heterossexuais, assim estabelecendo e mantendo a coerência heterossexual que se espera que os sujeitos tenham. Neste sentido, aponta Garcia (2005)

*Este modelo expresivo pone en relación el sexo, el género y la sexualidad estableciendo una cadena causal entre ellos: el sexo es el núcleo nautral que se actualiza en las prácticas de género, entre las que se incluye un deseo y una práctica sexual orientados hacia um objeto del sexo “opuesto”. Esta matriz de inteligibilidad que Butler define como matriz heterosexual es el marco normativo dentro del cual se producen las identidades sexuales en lugar de ser, como pretende un modelo descriptivo del funcionamiento de las normas (GARCIA, 2005, p. 52).*

Articular essas reflexões é pontuar que a formação das identidades sexuais e de gênero são forjadas no campo do poder, porque sempre são construídas a partir de normas que formatam os sujeitos. Nesse sentido, Guacira Louro (2007) aponta que essas identidades, além de serem sociais e culturais, são também políticas, porque estão sempre em disputa. Para tratar da educação dos nossos corpos ao longo de nossa formação enquanto sujeitos sociais, a autora discorre acerca da importância que a escola possui no processo de imbuir certos padrões hegemônicos.

A discussão traçada por Louro (2007) se centra na escola enquanto uma das instituições de formatação e escolarização dos corpos e das sexualidades dos sujeitos em formação, atravessados por uma pedagogia que inscreve em suas identidades e

sexualidades maneiras aceitáveis de se relacionarem com seus corpos e com o outro. Pode-se indicar, portanto, que as instituições sociais de uma maneira geral abarcam estruturas normalizadoras que disciplinam os sujeitos. Contudo, é importante pontuar que os sujeitos não são meros receptáculos dessas normatizações. A autora argumenta ainda que os sujeitos completam esse processo de formação de identidade através de "tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno".

Por que trazer a escola aqui para o para o debate? Pois, a escola é uma das importantes instituições que contribuem com todo esse processo de produção normativa das identidades sexuais e de gênero. Miskolci (2012) faz uma análise a partir da teoria *queer* de como há um projeto de educação que reforça a sujeição dos indivíduos a partir de modelos de sujeitos que a sociedade em geral espera. Todo modelo educacional prevê que haja a formação de sujeitos e cidadãos qualificados para desempenharem determinados padrões sociais específicos, dentre eles a heterossexualidade é um marco normativo imprescindível. Sobre isso, aponta que: “Em suma, é no ambiente escolar que os ideais coletivos sobre como deveríamos ser começam a aparecer como demandas e até mesmo como imposições, muitas vezes de forma violenta” (MISKOLCI, 2012, p. 38).

Como instituição pública que marca a produção normativa das formações indenítrias, a homossexualidade nesse processo fica renegada desde a mais tenra infância. Afinal, é desde muito cedo, quando vamos sendo inseridos nesses espaços e vamos aprendendo explicitamente ou implicitamente que há determinadas coisas que não se deve fazer ou ser, sob o risco de que se sofra retaliações e violências. Xingamentos como “mulherzinha”, “veadinho” fazem parte muitas vezes do cotidiano das crianças que fogem da expectativa social do que é ser menino ou menina.

### ***2.3 The celebration***

De maneira geral, a discussão tecida aqui estabelece a sexualidade como um dos domínios a serem circunscritas e instituídas normativas com o objetivo de regular como os sujeitos desempenham seus desejos. As homossexualidades, como uma das expressões possíveis de serem definidas como sexualidades dissidentes, pode representar uma economia dos desejos que transforma as possibilidades da docilidade dos corpos e da fabricação rígida das identidades sexuais e de gêneros.

Apesar de sabermos que as homossexualidades, como um termo que foi pensando e constituído no âmbito para demarcação das perversões sexuais e tinha como intenção

demarcar as fronteiras da normalidade, passa a ser reelaborada a partir da segunda metade do século XX numa onda de repensar as produções de conhecimento que a colocavam em condições de psicopatologia e desvio moral. Nesse intento, as pautas políticas aliadas ao movimento feminista, buscaram reivindicar uma quebra paradigmática de toda essa perspectiva estigmatizante.

A data 28 de junho é celebrada como um dos marcos históricos para o estabelecimento de um movimento político para pessoas de sexualidade e gêneros dissidentes. Essa data é decorrente do que ficou conhecido como “*A revolta de Stonewall*” que aconteceu nos Estados Unidos no ano de 1969 e trouxe frutos para a constituição internacional de pautas em torno da liberdade para o que hoje conhecemos como comunidade LGBTQIA+<sup>13</sup>. Garcia (2005) aponta que nesse momento, o tom das reivindicações trazidas pelo movimento orbitava em torno de uma “sexualização humanista”. Além disso, influenciados por leituras marxistas e psicanalistas, intentava-se reivindicar que os sujeitos pudessem voltar para a homossexualidade ou, em outras palavras, voltassem para uma instância anterior à repressão do desejo homossexual.

As reflexões acima indicam que a expressão mais potente do que veio a ser o movimento LGBTQIA+ tinha como uma das propostas políticas reivindicar a possibilidade que os sujeitos experimentassem a homossexualidade que havia sido recalçada ao longo da sujeição. Apontava-se, portanto, para a possibilidade de um retorno ao desejo que estaria sendo reprimido pelas estruturas da heterossexualidade. Garcia (2005) discorre que a pauta do movimento homossexual estava interligada com a de outros movimentos, como por exemplo, a pauta da luta feminista e a da classe trabalhadora e que articulando essas diferentes perspectivas filosóficas e políticas, o objetivo era que os sujeitos pudessem tomar consciência da alienação que sofreram e retomar a si mesmos.

*Si bien la homosexualidad y la heterosexualidad como categorías son producto de un proceso histórico contingente (que se relaciona con las estructuras patriarcales y con el modelo de acumulación capitalista), en el origen y el horizonte de liberación se concibe una sexualidad universal, natural, plena para todos los individuos de la especie humana (GARCIA, 2005, p. 40).*

---

<sup>13</sup> LGBTQIA+ = Lésbica, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e + representando outras possibilidades de manifestação da diversidade de gênero e sexual.

A partir da segunda metade do século XX, portanto, inserido em um clima de contestação crítica bastante efervescente como o movimento feminista e o movimento negro, uma série de debates vão sendo feitos a partir da reivindicação de outras perspectivas para pensar a raça, o gênero e a sexualidade. Nesse conjunto de debates se tinha mais como objetivo buscar na luta por direitos políticos e a complexificação de respostas simplistas sobre o ser humano. Destarte, está-se discorrendo como as reflexões que vinham sendo colocadas estavam indo ao encontro de uma tentativa de desestigmatizar e tomar o caráter político dessas identidades.

Miskolci (2012) argumenta que esse contexto de reflexões terá como importância também, a assimilação de reflexões foucaultianas por pensadoras feministas a partir da décadas de 1980. Como o autor aponta, tais propostas passam a pensar as dimensões da formação dos sujeitos a partir da sua imersão nas normativas sociais. Dito de outra forma, as normas sociais passam a ser compreendidas em seu caráter positivo, no sentido de que são produtoras dos sujeitos. Assim, afirma-se também que é a partir desse movimento reflexivo que se possibilitará o surgimento da *teoria queer*<sup>14</sup> e que vai marcar algumas mudanças teóricas, principalmente no que tange a distinção heterossexual e homossexual. Nas palavras do autor:

Os estudos *queer* vêm modificar isso, especialmente a partir de 1990, quando são lançados três de seus livros inaugurais: *Problemas de gênero* de Judith Butler, *One Hundred Years of Homosexuality* (Cem anos de homossexualidade) de David M Halperin e, sobretudo, o grande livro fundador da Teoria Queer, *A epistemologia do armário*, de Eve Kosofsky Sedgwick. O que esses primeiros estudos queer já vão modificar? Primeiro, o pressuposto de que a maioria é heterossexual é altamente questionável porque se a homossexualidade é uma construção social, a heterossexualidade também é. Então, o binário hetero-homo é uma construção histórica que a gente tem que repensar (MISKOLCI, 2012, p. 30).

A teoria *queer* passa então a repensar os binarismos que estavam sendo articulados analiticamente para pensar a relação entre heterossexualidade e homossexualidade. Como apontado acima, esse binarismo que vinha sendo trabalho até então é uma construção

---

<sup>14</sup> Mas o que é o *queer*? Uma proposta teórica, política e filosófica para pensar as identidades de gênero e sexuais. Apresenta-se como uma alternativa aos termos pejorativos como “bixa”, “trava”, “sapatão” e assim provar um alargamento da noção de humanidade calcada em políticas heterocentradas. Pode-se pontuar, portanto, que *queer* é uma provocação política e epistemológica às identidades essencializadas. A proposta para pensar o queer como o encontro e espaço de possibilidades de Gracia Tujillo (2016, p. 87) é, além de potente, bastante poético.

sócio-histórica e que precisava ser retomada a partir do pensamento crítico. Além disso, Miskolci (2012) aponta que outro aspecto trazido pela teoria *queer* a partir desse primeiro momento é repensar também o binário masculino e feminino como categorias essenciais e estanques de homens e mulheres. O autor aponta que, na verdade, a masculinidade e a feminilidade constituem partes tanto de homens, quanto de mulheres. Mais uma vez, como se percebe, a sugestão é para que se retome criticamente as análises que compartilham de visões sobre o masculino e feminino como dicotômicas e fechadas.

As análises estanques e fechadas das homossexualidades e das heterossexualidades, assim como do feminino e do masculino é também objeto de crítica para Judith Butler (2015). O pensamento da filósofa, que contribuiu bastante com a teoria *queer*, propõe deslocarmos nossas análises e reflexões sobre a heterossexualidade e a homossexualidade como esferas separadas em si mesmas. Mais do que isso, pontua que as fronteiras apresentadas entre essas dicotomias são um mecanismo para a própria formação dos sujeitos. Em outras palavras, o que autora está argumentando com isso é que a formação das identidades dos sujeitos está em uma exclusão da homossexualidade para a consolidação de uma identidade cultural heterossexual.

A heterossexualidade compulsória, ou seja, a expectativa social da apresentação do desejo heterossexual, transpassa a formação dos sujeitos. Para Butler (ibid), a unidade do gênero como algo coeso e relativo à articulação entre o sexo/desejo/gênero é, portanto, efeito de uma prática reguladora que busca normatizar o gênero através da instituição da heterossexualidade compulsória. Essa prática, aponta, opera “mediante um aparelho de produção excludente, restringir os significados relativos de “heterossexualidade”, “homossexualidade” e “bissexualidade”” (ibid, p. 67). O que a autora propõe é investigar genealogicamente o gênero como um efeito de práticas reguladoras. Assim sendo, essa investigação busca compreender como acontece a construção discursiva dessa relação binária

Em *Manifesto Contrassexual*, o expoente teórico *queer* Paul Preciado (2014) (Beatriz Preciado) articula uma proposta política para os corpos que escapam das tecnologias sexuais heterocentradas. Nessa proposta, o autor reivindica que pensemos a contrassexualidade como “tecnologias sociopolíticas complexas” (ibid, p. 25). Ou seja, desloca o sexo como produto das tecnologias sociais que tentam constituir um corpo binarizado em homem e mulher, pois está imprimindo a lógica de seu “sistema heterossexual”. O autor aponta que, tal sistema produz a nossa percepção do mundo, nossos corpos-homens/corpos-mulheres, nossas zonas de prazer.

Preciado (2014) chama a atenção para a proposta de um manifesto político que ele denomina como “contrassexual”. Nela, o autor aponta para que se aposte nas brechas deixadas pela tecnologia sexual. Nas palavras do autor:

A contrassexualidade tem como tarefa identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, saps, bibas, fanchas, *butchs*, históricas, saídas ou frígidas, *herafrodykes*...) e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado (PRECIADO, 2014, p. 27).

A aposta política e teórica da teoria *queer* aqui brevemente colocada é, portanto, reivindicar a multiplicidade além dos binômios que cerceiam as identidades. Dessa forma, apresenta-se uma tentativa de borramento das fronteiras entre hetero/homo, masculino/feminino, cis/trans, além de reclamar pela retomada daquilo que é abjetificado<sup>15</sup> pela sociedade e sua ressignificação. Dito isso, aqueles e aquelas que são desvalorizados, sub-humanizados e precarizados por diferentes fatores são chamados para um movimento de subversão da ordem e valorização. Por exemplo, podemos tomar a reivindicação de termos que são tidos como injúrias como “viado”, “sapatão”, “bixa” e retomá-los em um movimento de reafirmação política e deslocamento de seus lugares de invisibilidade.

A invisibilidade é reflexo desses padrões que são impostos para que a constituição de bons sujeitos e bons cidadãos (Miskolci, 2014). Nesse sentido, o autor aposta que a invisibilidade e as múltiplas violências que os sujeitos sofrem são parte desse projeto político de formação de cidadãos exemplares. Dentre os elementos desse projeto a heterossexualidade e cisgeneridade são constitutivas. No regime de silêncios e de negociação da possibilidade de vivências das sexualidades dissidentes, os sujeitos encontram suas barreiras em diferentes partes da vida social: seja na escola, na família, na religião, na arquitetura, ou até mesmo nos projetos políticos implementados pelas administrações das cidades.

Como visto nesse capítulo, a sexualidade é um regime importante e que implica processos normativas no processo de subjetivação dos sujeitos. Com isso, pode-se

---

<sup>15</sup> O que significa “abjeto” ao qual está sendo referido aqui? Para isso, Miskolci (2012) explica que “Esse termo tão usado pelos teóricos *queer*, sobretudo por Judith Butler, tem origem na psicanálise, mas foi repensado por feministas como Julia Kristeva e antropólogas como Mary Douglas. O abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante. Acho que isso ajuda a entender de onde brota a violência de um xingamento, de uma injúria” (p. 40).

perceber que as sexualidades que fogem da cisheteronorma quebram a tentativa discursiva de enquadramento dos sujeitos em corpos dóceis e deslocam outras possibilidades de se compreender os diferentes âmbitos da vida humana. Dentre esses âmbitos, a produção do espaço em que se vive é uma das articulações importantes, pois compõem a complexa rede de relações de produção de sentidos. O próximo capítulo, indo nessa direção, apresenta uma discussão sobre a produção política dos espaços, da cidade, das cidades pequenas e interioranas.

## CAPÍTULO 3

*Um outro lado é o que faz a qualidade, a mensagem e a promessa das minorias: elas representam não só polos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação, suscetíveis, numa etapa ou outra, de serem retomados por setores inteiros das massas....*

(Félix Guattari, 1996, p. 75)



### **3. Entre a sexualidade e o espaço: investigando a produção das cidades pequenas e interioranas**

No capítulo anterior fizemos uma aposta teórica e conceitual para alinhar os questionamentos sobre a sexualidade como um importante dispositivo que surge na modernidade e que tem como objetivo a normalização dos sujeitos, conforme nos aponta Michel Foucault (1998; 2006). Tornou-se necessário uma abordagem teórica acerca do assunto das sexualidades dissidentes e sua localização no imaginário social, pois possibilita tratar a dimensão política e a produção social de sujeitos no ocidente. Sendo assim, volta-se agora para pensar a articulação entre a sexualidade e a organização dos espaços, pensando os contextos das cidades pequenas e interioranas. No caso específico aqui, de Mococa (SP) e Alfenas (MG).

De início, parte-se da ideia de que a produção do espaço e das cidades está intrinsecamente vinculada com a cotidianidade dos cidadãos e das cidadãs. Nesse sentido, as cidades estão sendo compreendidas a partir das experiências dos sujeitos nesses contextos. Mas quais são as especificidades para se pensar as cidades pequenas? O que os estudos sobre as cidades têm produzido sobre este assunto? As especificidades das cidades pequenas nos vêm apresentando um cenário em que esses “contextos” (Roy Wagner, 2012) estão marcados pela organização de relações pessoalizadas e uma percepção de que há poucas transformações, pouca dinamicidade.

A proposta wagneriana para pensar a produção das localidades a partir do conceito de “contexto” é uma ferramenta analítica que identifica como a produção dessas cidades é imbricada a partir elementos e símbolos que, articulados e relacionados, inventam os diferentes “contextos”. O autor afirma que: “Um contexto é uma parte da experiência – e também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si” (WAGNER, 2012, p. 78). Nesse sentido, o contexto permite compreender a relacionalidade na sua formação e, no bojo desta perspectiva, Roy Wagner (2012) discorre sobre como a cidade representa nosso duplo vínculo: a possibilita criarmos, mas ao mesmo tempo, oferece os próprios limites da Cultura<sup>16</sup>.

Assim, as cidades pequenas e interioranas estão marcadas nas narrativas dos sujeitos desta pesquisa pela falta de espaços, de acontecimentos e também pelo constante

---

<sup>16</sup> O autor traça uma diferença entre a Cultura e a cultura. Segundo seus princípios, a Cultura representa o conjunto de fenômenos humano, abarca uma amplitude maior. Ao passo que a cultura está mais articulada às especificidades de um contexto mais circunscrito. Na sua reflexão sobre as cidades, o que o autor está pontuando é que, as cidades passam a representar esse duplo vínculo entre a Cultura e a cultura. Enquanto espaço cultural, a cidade cria a naturalização de suas próprias necessidades e suas próprias soluções.

policciamento comportamental, pois há sempre o receio de que aquilo que se faz chegue aos ouvidos de algum conhecido. Milton (23, 2020, Mococa), em nosso diálogo realizado por meio de chamada virtual, revela bastante essa preocupação. Mesmo tendo se mudado de Mococa para Alfenas para iniciar seus estudos em biotecnologia, comenta que sentia um constante medo de que as pessoas descobrissem sobre sua orientação sexual e que essa informação viajasse até a sua mãe que vive em Mococa. Assim, Milton me revela que por esse motivo sempre tolheu seus desejos.

Quando eu vim para Alfenas, eu tinha 17 anos ainda. Eu fiz 18 no ano quando eu vim pra Alfenas. Morar mesmo, eu tinha na verdade 17 anos. No primeiro ano de faculdade eu sentia aquele desejo maior de ficar com homens. Eu sentia, mas tinha muito medo. Tinha medo de alguém da faculdade me conhecer. Observar alguma coisa, um beijo de dois homens, né? No caso, o beijo e contasse para minha mãe. Esse era o meu maior medo. Os meus amigos da faculdade falavam: “nossa, por quê? Vai lá, fica”. Mas eu não fiquei, não ficava. Então, foram dois anos da faculdade que eu fiquei nessa. Para de repente confirmar se eu era ou não gay. Então, uma pena, né? Porque dois anos de faculdade é muita coisa. No final de 2016 eu tive o meu primeiro beijo gay. Então, com 19 anos eu fui beijar o primeiro homem. Para você ver como os tempos são diferentes, as coisas são diferentes. E, a partir desse momento fui me identificando, fui me assumindo para os meus amigos. (Milton, 23, 2020, Mococa).

A fala trazida acima aponta uma das qualidades específicas que marcam a relação de Milton com a cidade – um misto de desejo e receio. Ao discorrer sobre sua mudança para Alfenas, Milton traça os receios que ele possuía de ser reconhecido por alguém e se tornar alvo de fofocas em Mococa. Aponta-se que o medo de ser alvo de comentários ou fofocas, potencializa o estabelecimento de estratégias nesses contextos para amenizar a circulação de informações pessoais. Emerson Martins (2017) argumenta que essa é uma das realidades enfrentada por sujeitos de sexualidades dissidentes em cidades pequenas e que muitas vezes buscam o anonimato a partir da migração para os grandes centros, algo que é discutido por James Green (2019) em seu clássico estudo sobre a homossexualidade no Brasil durante o século XX. No que tange à discussão aqui delineada, Green (*ibid*) aponta a recorrente migração de homens homossexuais para os grandes centros, fugindo das pressões da personalidade dos contextos interioranos. Sobre isso, é importante trazeremos as palavras do autor:

Os sistemas sexuais e de gênero nas pequenas cidades e áreas rurais operam num contexto de diferentes estruturas sociais, culturais e econômicas. No decorrer do século XX, literalmente centenas de milhares de homens e jovens que se conscientizaram de seus desejos e

fantasias sexuais por outros homens deixaram suas famílias e amigos nas cidades do interior e migraram para a capital de seu estado, ou mudaram-se para o Rio de Janeiro ou São Paulo. Essas cidades se tornaram dois dos mais importantes centros para o surgimento de subculturas homossexuais (GREEN, 2019, p. 45).

Rosane M. Prado (1995) ao se debruçar e analisar a dinâmica da cidade de Cunha, no Alto Vale do Paraíba, aponta para uma das características das cidades pequenas brasileiras: a pessoalidade, que marca a vida local em todas as suas instâncias. O que a autora argumenta como “pessoalidade”, tratada por ela como um paraíso e ao mesmo tempo um inferno, dá o tom para as relações daquela localidade. A autora aponta que a pessoalidade se refere a possibilidade de ser reconhecido, da falta de anonimato. De acordo com as reflexões da autora, pode-se compreender que a proximidade entre os sujeitos na teia de relações sociais é maior, o que facilita ser reconhecido.

Essas grafias locais marcam um afastamento das propostas dicotômicas entre espaço público e espaço privado, pois borram esses limites. Pode-se perceber essa relação de borramento quando um de nossos entrevistados descreve sua relação com a vizinhança, principalmente em se tratando de bairros populares, indicando assim como existe vínculos marcantes entre as famílias. A seguir mobiliza-se as falas de dois entrevistados que exploram essa questão ao serem perguntados sobre a relação que tinham com a vizinhança e que expõem a característica da pessoalidade como vínculos estreitos nos lugares em que nasceram e viveram e que, neste caso, carregam uma perspectiva positiva sobre a configuração dessas relações:

Era das melhores possíveis, assim. É muito engraçado, por que no interior isso é muito recorrente: “você é filho de quem?” Aí meus pais sempre foram muito queridos e era coisa do tipo, eu ia almoçar na casa de um, ia para casa do outro, dormia na casa do outro. Era bem desse lugar, dessa coisa marcante assim, sabe? De ter a relação melhor do mundo. São pessoas que eu vejo até hoje, a gente conversa ainda. Bem bacana! (Alisson, 41 anos, 2020, Alfenas).

São ótimos. São minha segunda família. Até porque a minha mãe é muito doente, né? Até hoje. Eu tenho irmão pequeno de 11 anos, então os meus vizinhos são a minha base, porque tudo que eu preciso é na hora (Marcos, 28 anos, 2020, Mococa).

É no bojo dessas características que podemos argumentar que os sujeitos nas cidades pequenas são facilmente reconhecidos pela sua localização social. O que isso significa? Isso revela a importância que tem a família, o sobrenome, a profissão como

marcadores de identidades nesses locais. Isto é, tais características fazem parte da distinção social que as pessoas possuem em suas cidades. Assim, Prado (1995) aponta uma distinção entre o “indivíduo” das cidades grandes e a “pessoa” das cidades pequenas. Essa distinção revela o anonimato dos grandes centros e o reconhecimento nas cidades menores, ou seja, os grandes centros possibilitam o anonimato da individualidade, enquanto em cidades pequenas as marcações logo identificam os sujeito em sua identidade local.

Ao discorrer sobre essa dimensão que atravessa a dinâmica e as relações pessoais nas cidades aqui em análise, recorre-me um episódio bastante emblemático. Tal episódio aconteceu depois de uma visita rápida para conhecer melhor as exposições de uma casa cultural em Mococa – a casa Rogério Cardoso. Após um passeio pelas obras disponíveis e pela arquitetura do prédio sede, dirijo-me para a saída e sou abordado por um dos funcionários que me pergunta sobre as impressões da visita. Entre diálogos, o funcionário recorre a uma clássica e emblemática pergunta: “qual o seu sobrenome?”. É a partir dessa interlocução que o funcionário buscou, dentre seu rol de conhecimento sobre as famílias da cidade, saber sobre o meu pertencimento enquanto “pessoa”. Esse episódio resenha a discussão sobre a dimensão da pessoalidade.

Sobre a questão do “indivíduo”, a palestra proferida por Simmel (2005), intitulada como *As grandes cidades e a vida do espírito*, aborda tal problemática. O autor afirma que a vida nas grandes cidades está implicada por relações de impessoalidades e que a inserção do “espírito” nessa dinâmica urbana de rápidos fluxos de informação e econômicos, reivindica cada vez mais um individualismo que conserve a particularidade, postura que ganha qualidades de um comportamento cada vez menos preocupado com a coletividade, ou como ele indica, uma postura “blasé”. Assim, diferente das metrópoles e grandes cidades, nas pequenas cidades há sempre uma preocupação com os rumores, a repercussão que algum acontecimento pode vir a ter na comunidade.

Outro autor que podemos mobilizar para pensar essa questão da “pessoalidade” nas pequenas cidades é o antropólogo Roberto DaMatta (1997). O autor aponta que a sociedade brasileira pode ser compreendida a partir de duas gramáticas: a casa e a rua. Nesse sentido, ambas possibilitam analisar a relação entre o espaço dos costumes e valores pessoais (a casa) e o espaço das leis e da impessoalidade (a rua). Essas duas gramáticas muitas vezes se entrecruzam e se sobrepõem. Aponta-se que o argumento sobre o entrecruzamento entre a casa e a rua, disposta pelo antropólogo, também colabora

com a discussão traçada sobre a “pessoalidade” das cidades pequenas, configurando a dinâmica desses contextos.

Um outro aspecto analisado por Rosane Prado (1995) na cidade de Cunha é a noção de ritmo de tempo. Assim, a autora aponta que muito de seus interlocutores e interlocutoras apontavam a falta de dinamicidade da cidade, ideia de que no município nada acontecia, explicitando a falta de movimento. Essa é também uma das características apontadas pelos entrevistados sobre as cidades de Mococa e de Alfenas, a falta de dinamicidade e de espaços de entretenimento. Apesar disso, é preciso um adendo e indicar que em Alfenas, por possuir duas Universidades e um circuito de festas universitárias, essa característica da ausência de dinamicidade não esteja tão presente, mas em se tratando da comunidade LGBTQIA+, a ausência de locais para a comunidade aparece nas falas dos interlocutores.

Apesar dessa falta de dinamicidade, de espaços de curtição e de socialização, interessante apontar que há um movimento para reapropriar os espaços. Existem, neste sentido, a ocupação de bairros de loteamento e lugares mais afastados para os “rolêzinhos”, o que vai ser discutido em tópicos posteriores. É o caso, por exemplo, dos encontros que acontecem nas pistas de skates em Mococa ou nos bairros e loteamentos em Alfenas. Esses “rolêzinhos”, reunião de carros de músicas altas e consumo de bebida, oferecem uma alternativa aos jovens da cidade para sua sociabilidade. Esses eventos podem ser presenciados em Mococa como em Alfenas, assim como nos conta um dos entrevistados, afirmando como isto é uma alternativa para encontros de jovens. Sobre tais “rolêzinhos”, ele aponta: “uma galera que vai se reunindo em um loteamento afastado da cidade para beber e ouvir música” (Alessandro, 21, Alfenas).

### **3.1 “Lugar nenhum. Aqui não tem lugar nenhum”**

Importante pontuar que a sexualidade faz parte também do processo de subjetivação dos sujeitos. Não se pode desvencilhar de tal questão e deixar de trazê-la para as análises sociais, pois como visto, ela também articula as próprias relações sociais e compõe parte da criação desses contextos. De maneira geral, portanto, aponta-se para as implicações que os afetos e desejos trazem para a vida dos sujeitos, implicações essas que perpassam diferentes dimensões, tais como: família, escola, religião, trabalho e a organização dos espaços. Este é um dos pontos que iremos abordar: a organização do

espaço a partir de uma perspectiva que aponta para a qualidade política e cultural dos arranjos espaciais.

A frase do subtítulo foi dita por um dos interlocutores ao longo da nossa conversa. Marcos (28, Mococa), que trabalha como agente sanitário e mora nas proximidades do bairro que morei durante minha infância. Marcos foi uma das primeiras pessoas pensei em entrevistar para esta pesquisa. Lembro de ser atravessado por ele durante os primeiros anos na escola de ensino básico do bairro em que morei na infância. Entrei em contato com ele depois de ter sido aceito em uma de suas redes sociais. Expliquei-lhe a proposta, prontamente ele disse tinha interesse e logo aceitou o convite para uma entrevista.

Marcamos de conversar em uma praça de bastante circulação na cidade de Mococa, pela proximidade de sua residência, lugar que é conhecida como “Praça da Cidadania”. Nenhum de nós dois tínhamos a liberdade de conversar sobre a temática da entrevista em casa, seria incômodo tratar sobre sexualidade e algum familiar ouvir. Marcos trabalha em uma cidade vizinha e chega no final da tarde, horário em que sugere que nos encontremos e assim ficou combinado. Passo de carro no ponto de descida de seu trabalho e nos dirigimos para a praça. No percurso, Marcos relata que se sente surpreso pelo meu interesse e que nunca havia visto uma pesquisa com tal objetivo e afirma que ser gay é necessário ser bom duas vezes, demonstrando como há uma necessidade de atingir altas demandas e expectativas sociais para ter reconhecimento no trabalho, nos espaços educacionais e nas relações familiares.

Enquanto fomos nos dirigindo à praça, comento sobre o conhecer dos tempos em que estudávamos numa escola ali perto. Além disso, lembro-me também de um outro episódio em que a figura de Marcos me é marcante – o processo seletivo para o tiro de guerra. Esse dia, um desgaste emocional para mim, ficou marcado pelo incômodo por não conseguir me encaixar entre os demais jovens e me lembro de ter ouvido bastante comentários jocosos entre os adolescentes sobre Marcos, até mesmo porque ele carrega em sua performatividade os questionamentos da coerência de gênero (Judith Butler, 2015). Dentre as lembranças sobre as piadas, lembro-me de que muito se especulava sobre a possibilidade de ficar nu na sala de exames ao mesmo tempo que ele durante o processo de seleção.

Chegamos à praça da cidadania e nos sentamos em um dos quiosques que estão dispostos para confraternização de quem se aventura por lá. Começamos a conversar e a desenvolver o diálogo sobre como foi a sua experiência enquanto homem que se relaciona afetiva e sexualmente com outros homens em uma cidade pequena como Mococa.

Nos diálogos que fomos traçando, Marcos me relata que uma das queixas que possuía em viver em um contexto como o de Mococa seria a falta de oportunidade e de lugares para a socialização, ou como ele relata: “hoje a cidade não tem muito disso não” (Marcos, 28, Mococa). Esse “muito disso não” é uma expressão usada por ele para indicar que Mococa não possuía um espaço, um local que possibilitasse a troca de conversa, de olhares ou de paqueras. Essa inexistência de espaços próprios de pertencimento e de construção de identidades para sujeitos de sexualidades dissidentes é uma constante nos relatos dos sujeitos que entrevistei, seja em Mococa, seja em Alfenas.

As provocações que as falas trazidas pelos meus interlocutores sobre a indisponibilidade de um circuito (Magnani, 2002) específico que possibilite tecer linhas identitárias em cidades de contextos interioranos e pequenos, nos apontam para uma relação bastante específica, não contemplada pelas histórias oficiais. Assim como aponta Michael Pollak (1989), a história oral permite com que façamos uma leitura diferente dos fenômenos, pois estamos ouvindo sujeitos que muitas vezes não são ouvidos.

Importante apontar também que essa indisponibilidade de uma localidade, de um espaço de “pegação” ou de um estabelecimento como relatado nas falas acima é um fato ainda mais marcante quando é relatado por Mario (61) na época de sua juventude em Mococa. Nas nossas conversas, que aconteceram na varanda de sua casa em um bairro de classe média, Mario me relata que nunca se sentiu gay, ou hétero, mas um espírito livre. Eu descobro durante a entrevista que ele havia sido casado durante alguns anos com uma mulher e que tinha duas filhas desse casamento. O interlocutor nos conta que durante sua juventude, lá pela década de 1970, nunca se imaginaria pensar abertamente sobre os temas que estão sendo debatidos aqui, quanto mais instituir na cidade de Mococa um estabelecimento específico para a população LGBTQIA+. Assim ele nos relata sobre sua infância e adolescência: “No meu tempo era bem reprimido isso, não era uma coisa como é hoje” (Mario, 61, Mococa).

Importante apontar que Selton Cicco e Larissa Pelúcio (2019) em suas análises sobre as cidades Marília e Bauru, no interior de São Paulo, também deslocam essa problemática da “falta do que fazer”. Ou seja, os autores apontam que as cidades dos interiores podem até oferecer circuitos de lazer, mas esses circuitos geralmente são estabelecimentos pagos, o que traz a indagação de se pensar que muitos desses estabelecimentos nem sempre são acessíveis à população no geral. Além disso, os autores pontuam que o interior ainda não está receptivo a novos valores morais e sexuais. Nas palavras dos autores:

“No interior não tem nada para fazer” – certamente! Quem tem condições financeiras busca seu lazer em cidades mais cosmopolitas e diversificadas – o interior está “modernizado” em termos de serviços, mas não tanto em termos sexuais e morais. (CICCO; PELÚCIO, 2019, p.373)

Richard Sennet (2003) em seu livro, *Carne e Pedra*, colabora com a afirmação acima. A pesquisa do autor traça uma importante análise que pensa as interpelações entre as corporalidades e as espacialidade, articulando uma reflexão que tensiona os pressupostos que separam analiticamente essas duas dimensões. No que tange à reflexão aqui delineada, a perspectiva de Sennet aponta para uma relação mútua entre a construção das espacialidades e a vida humana em suas múltiplas dimensões. Dito em outras palavras, compartilha-se do argumento trazido pelo autor de que dificilmente podemos desarticular essas esferas: espaço, vida, trabalho, sexualidade, corpo.

Novamente, pode-se repensar como as espacialidades não estão alienadas das atividades que os sujeitos exercem ali. No que tange à discussão, pode-se até perceber como há uma traição da linguagem ao tentar articular textualmente tal reflexão. O que queremos apontar com isso? Ao que tudo indica, a complexidade de se pensar a mutualidade da produção espacial e todas as outras dimensões sociais encontra uma barreira na representação textual, pois a deficiência de conceitos para pensar a partir de tal perspectiva nos apresenta um desafio teórico e uma potência que tal temática pode vir a ter.

Desdobra-se, portanto, que a pressuposição da inexistência de vidas de sujeitos que fujam da heteronorma em contextos de cidades interioranas e pequenas no geral, negligencia as suas existências a partir do apagamento ou do ocultamento, afastando-as para as rugosidades ou as margens da cidade. Emerson Martins (2017) aponta que há um tolhimento desses corpos transgressores nesses espaços. A tese de Martins dialoga com essa discussão a partir das análises que o autor tece sobre a contingência política, cultural e econômica para a expressão e vivências de sexualidades múltiplas. Assim sendo, Martins aponta a partir dos diálogos com seus interlocutores:

Territórios são espaços/tempos de conflitos inevitáveis para a comunidade LGBTT. Nossos participantes destacaram que durante suas experiências tiveram que resignificar artefatos, práticas, normas, tidas como verdadeiros ou como verdade. Demarcaram suas práticas “desviantes”, “não-autorizadas”, consideradas “anormais” (MARTINS, 2017, p. 312).



Assim, muitas vezes a organização espacial acaba sendo percebida como produto de processos que acontecem como meros reflexos das atividades humanas, ou seja, destitui-se a importância organizativa do espaço como um dos elementos centrais no arranjo das dinâmicas sociais. Por isto, aponta-se para a importância que a dimensão espacial possui para organização do social e para a forma como as relações são atravessadas por ele. O espaço, portanto, como elemento que corrobora com a organização prática da vida dos sujeitos precisa ser analisado em sua dimensão política, pois implica os limites e as fronteiras da Cultura, assim como nos apontou Roy Wagner (2010).

### **3.2 Refletindo sobre a política do espaço**

As reflexões de Michel Foucault (1979) contribuem também para pensarmos a dimensão política do gerenciamento e da administração espacial, pois, segundo o autor o processo de disciplinamento dos corpos está também articulado com a forma como os espaços estão organizados. As reflexões que o filósofo traz para pensarmos, potencializa a ideia de como a organização política do espaço articula estratégias na distribuição espacial dos corpos. No plano das análises práticas, percebe-se como a separação do espaço urbano é explicitamente marcada por raça e classe social.

Alessandro (21, 2020) foi o primeiro a ser entrevistado e nossa entrevista aconteceu pouco antes do isolamento social<sup>17</sup> ser decretado e nos encontramos na república em que ele mora, em Alfenas. Alessandro é estudante de ciências sociais na Unifal e o vi algumas vezes no trajeto para o campus. A forma de se vestir, usando saia, *cropped* e roupas que são tidas como feminina me chamou a atenção e eu entrei em contato para o convidar para uma entrevista. As vezes que o vi transitar, pude perceber a provocação que ele causava nas pessoas que o viam, principalmente os homens.

Alessandro (Alfenas, 21) também nos propõe uma reflexão acerca da diferença social na demarcação da cidade de Alfenas. A partir da sua fala, ele nos propõe pensar a sua presença enquanto sujeito negro e de sexualidade dissidente nas periferias de Alfenas. Nascido e crescido em bairros das adjacências da cidade, Alessandro aponta que sempre

---

<sup>17</sup> O isolamento social que nos referimos aqui foi decorrente da pandemia causada pelo vírus que ficou conhecido mundialmente como covid-19 e trouxe desafios globais para a diminuição do contágio e do número de óbitos, dentre esses desafios está o isolamento social.

houve uma maior liberdade no bairro que cresceu para a expressão da sua performatividade de gênero dissidente. Ou seja, aquilo que conhecemos como “criança viada” não impôs barreira para que ele transitasse pelos diferentes grupos do contexto em que vivia. Nas palavras de Alessandro, ele aponta que:

Na verdade, eu acho que é uma dualidade, porque eu vivi uma criança viada, mas uma criança viada que ficava no meio de homens. Eu acho que é muito natural, não sei se somente aqui em Alfenas, mas nesses tipos de bairros, é super natural, principalmente enquanto criança, umas crianças viadas junto com os moleques héteros. Então, acho que foi os dois: uma criança viada que estava no meio dos héteros. (Alessandro, 21, Alfenas).

O que está sendo narrado pela fala de Alessandro é também pontuado por todos os entrevistados quando invocados a pensar sobre suas infâncias e que também está presente em minhas memórias. Assim como as experiências relatadas, revivo a minha experiência pessoal durante a minha infância e início da pré-adolescência e percebo que também há poucos conflitos no que concerne à questão da presença de julgamento por parte dos colegas. Não se está afirmando que não há ou não houve episódio de piadas ou outras violências homofóbicas, mas a partir do que nos vem sendo relatado, as ruas do bairro se apresentavam como espaços de maior liberdade. As nossas experiências discorrem sobre práticas do espaço em que as brincadeiras coletivas, exploração do espaço do bairro fazem parte recorrente das memórias. É o que também nos relata Mateus (59, 2020, Mococa) ao narrar sobre sua experiência na infância no bairro em que cresceu, externando sobre as suas memórias de brincar coletivamente e até alguns flertes com os meninos que moravam na vizinhança.

Os meninos iam jogar futebol e eu ia jogar queimada com as meninas, na época era queimada. E não tinha perigo nenhum, a gente ficava até tarde, minha mãe ficava brava porque já tinha passado do horário do banho, de deitar e no outro dia tinha que ir na escola. Mas eu me relacionava com todo mundo, com os meninos, as meninas, mas gostava de ficar mais com as meninas mesmo (Mateus, 59, 2020, Mococa).

A partir desses apontamentos argumentativos, pode-se expressar que a dimensão do espaço constitui não só a parte física, mas também é composto por sua dimensão simbólica. Sobre a dimensão simbólica dos espaços, podemos articular aqui com o que Pierre Bourdieu (1989) afirma sobre os sistemas simbólicos, indicando que são fundamentais para a integração do social, ou seja: “Os símbolos são instrumentos por

excelência da integração social” (BOURDIEU, 1989, p. 10). A aposta bourdieusiana sobre “poder simbólico” atribui aos sistemas de símbolos a capacidade de compor a realidade. Ou seja, a realidade é construída pelos símbolos que encaram e dão sentido a ela e, como dito, possibilita a partir de tais símbolos, integrar o social.

Pensemos aqui, portanto como o espaço atravessa a vida dos sujeitos em todas as suas dimensões, seja no lazer, no trabalho, na educação. O espaço, dimensão física e simbólica, atravessa as subjetividades. Milton Santos (2012), importante geógrafo trouxe pertinentes reflexões sobre a produção do espaço. Segundo suas argumentações, o espaço está organizado em consonância com as formas de produção de mercadoria nas sociedades capitalistas. Nas palavras do autor, podemos perceber como é complexa a constituição do espaço:

O espaço, soma dos resultados da intervenção humana sobre a terra, é formado por espaço constituído que é também espaço produtivo, pelo espaço construído que é apenas uma expectativa, primeira ou segunda, de uma atividade produtiva, e ainda pelo espaço não-construído mas suscetível – ante o avanço da ciência e das técnicas e às necessidades econômicas e políticas ou simplesmente militares – de tornar-se um valor, não-específico ou particular, mas universal como as mercadorias do mercado mundial (SANTOS, 2012, p. 29-30).

As análises feitas por Milton Santos (*ibid*) sobre a constituição dos espaços nas sociedades capitalistas privilegiam, portanto, a intercomunicabilidade da esfera econômica na dinâmica da formação dos espaços. Dito isto, pode-se extrair da perspectiva de Santos como há desdobramentos primordiais nas leituras sobre os espaços e na própria característica dos espaços que são parte da própria lógica das relações econômicas. No que a argumentação acima nos é importante? Ela nos indica as condições espaciais como um dos principais elementos para a dinâmica das relações sociais, somando ao fato de que são parte de processos que estão inseridos em movimentos históricos.

Henri Lefebvre (2008) também lança luz sobre a dimensão política e ideológica do espaço. Mais assertivo ainda, o autor argumenta que o espaço é a materialização ideológica e política. A aposta do filósofo desloca pensar a produção espacial a partir da sua relação com a história, ou seja, alerta que “O espaço é um produto da história” (*ibid*, p. 62). Assim, Lefebvre indica a indissociabilidade de analisar a distribuição e a organização espacial sem pensarmos a lógica de produção de mercadorias, garantindo que a logística da distribuição espacial otimize o lucro desse processo. Nesse sentido, o

espaço se torna estratégico na dinâmica da produção capitalista. Apesar de uma pretensão de se enxergar o espaço como neutro, o autor adverte:

Ora, é evidente, agora que o espaço é político. O espaço não é um objeto científico descartado pela ideologia ou pela política; ele sempre foi político e estratégico. Se esse espaço tem um aspecto neutro, indiferente em relação ao conteúdo, portanto, “puramente” formal, abstrato de uma abstração racional, é precisamente porque ele está ocupado, ordenado, já foi objeto de estratégias antigas das quais nem sempre se encontram vestígios (LEFEBVRE, 2008, p. 61/62).

As configurações espaciais marcam, portanto, um dos aspectos que compõe os fundamentos que organizam os sujeitos. É necessário pontuar, portanto, que não se está aqui indicando que existe um espaço *a priori* da atividade humana. A argumentação aqui estabelecida compartilha da perspectiva que pressupõe a indissociabilidade entre a produção do espaço e a atividade humana, dimensões da vida que se produzem mutuamente. Imagine, por exemplo, que o diálogo entre o espaço e o desenrolar da vida produzam outras ambiências.

Outra vez podemos dialogar com as reflexões de Vinicius Almeida (2019) que nos dá outras pistas para pensar a política da produção de espaço a partir das políticas do urbanismo, do mapeamento dos espaços ou da publicidade. Concorda-se com a afirmação de Almeida no que tange a questão de indicar como esses elementos discursivos estão conjuntamente contribuindo também para a produção de significados do espaço. A imagem criada e compartilhada pela publicidade tem a capacidade de perpetuar ideais de espaço em escala global. A afirmação de Almeida é importante, mas precisa ser tensionada a partir da argumentação de Michel de Certeau (1998), ou seja, apesar desse planejamento público e publicitário corroborar com a produção do espaço, eles não esgotam as possibilidades de significação do espaço, porque a ressignificação é estabelecida no cotidiano da vida dos sujeitos.

Pode-se perceber como a produção do espaço é complexa e demanda pensarmos a partir de múltiplas perspectivas. Das políticas que atuam no gerenciamento das infraestruturas aos “relatos” dos sujeitos, a produção do espaço está acontecendo nesses diferentes processos que estão atribuindo significados. De maneira geral, o que está sendo colocado é a compreensão de que a existência dos sujeitos está interligada com a dinâmica política dos espaços. Em outras palavras, o espaço, a vida, a política, a economia, os afetos

são muitas vezes partes pensadas como separadas em si. Diferente dessa ideia, a fragmentação implica em uma simplificação analítica.

A fragmentação das análises e do espaço é parte do projeto de produção de espaço em sociedades capitalistas. Milton Santos (2012) novamente lança essa reflexão sobre como a nossa percepção espacial está atravessada pela ideia que há uma fragmentação espacial. Assim, dificilmente se consegue abarcar o todo e compreender os problemas resultantes da produção social do espaço e de um sistema de produção econômico que produz suas desigualdades.

Por fim, reafirmamos a importância das análises sobre os espaços para se pensar a dinâmica dos valores de determinadas sociedades. Roberto DaMatta (1997) novamente corrobora com o argumento ao apontar que os espaços brasileiros estão vinculados com os valores socioculturais. Nesse sentido, o autor aponta que: “Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir como um todo articulado” (DAMATTA, 1997, p. 36). Assim, tais gramáticas são possíveis a partir das memórias que se tem, das sensibilidades, das lembranças e podemos analisar também tais contextos. É o que traçamos como análise a seguir ao investigar sobre a produção dos espaços das cidades e suas reapropriações.

### **3.3 A invisibilidade como regime de produção de visibilidades**

Uma ocasião me chamou a atenção e resolvo trazê-la, pois se faz pertinente na discussão aqui tecida. Estávamos entre amigos em uma pista de skate que é frequentada aos finais de semana para socialização na cidade de Mococa e mesmo sem saber, uma das pessoas que estava conversando conosco comenta sobre a necessidade de um bar para viado em Mococa, “um bar com música de viado, que tocasse *Lady Gaga*”. Ele me conhecia só de vista e não tinha conhecimento do desenvolvimento da pesquisa, mas expõe uma das especificidades da sua experiência enquanto homem gay nesse contexto e que vai ao encontro dos diálogos que tracei com meus interlocutores. Em se tratando de espaços específicos para a comunidade LGBTQIA+, as cidades pequenas não oferecem opções para a socialização, encontros, paqueras. Nesse sentido, é possível identificar nas falas trazidas pelos interlocutores essa lacuna, indicando a falta e a importância que veem na existência de tais espaços.

Como apontado acima, um dos pontos principais que está colocado nas entrevistas é a questão da invisibilidade e da falta de estruturas na cidade que possibilitem a

confraternização, o encontro da comunidade LGBTQIA+ no geral. Nesse sentido, pergunta-se: o que nos diz sobre a política da produção da cidade essa inexistência de espaços para o encontro e a confraternização dessa comunidade? A inexistência de espaços e discursos públicos sobre tais temáticas implica uma política de invisibilização dessas experiências? A pergunta nos permite refletir como o regime de visibilidade (Miskolci, 2014) nos coloca frente a frente com formas bastante sofisticadas de poder que impõe os limites do aceitável na vida cotidiana. Em suas próprias palavras, o autor expõe que: “Assim, um regime de visibilidade é também um regime de conhecimento, pois o que é visível e reconhecido tende a estabelecer as fronteiras do pensável” (MISKOLCI, 2014, p. 62).

O conceito trazido por Miskolci (ibid) de regime de visibilidade é uma importante ferramenta analítica para abordar a problemática das homossexualidades em cidades pequenas. As falas dos entrevistados nos deslocam para analisarmos a inexistência de espaços na cidade para a troca, paquera, entretenimento. Isto é o que nos relata alguns ao serem questionados sobre mudanças que fariam ou sugeririam caso fosse possível, assim alguns argumentam que:

Se um dia eu entrar no ramo político, eu acredito que um básico do básico era um lugar próprio só pra eles, né? (Marcos, 28, Mococa)

Eu acho (...) que deveria ter além de locais próprios para a população LGBT como um todo se sentir (...) Antes tinham festas que eram só LGBT aqui em Alfenas, que inclusive, que era assim (...) uma vez a cada seis meses, mas a cidade inteira ia, porque era tipo, única, sabe? Eu acho que falta esses tipos de ambiente para as pessoas saberem os lugares que vai frequentar (Alessandro, 21, Alfenas)

A partir das provocações que são traçadas, denuncia-se que a naturalização da inexistência desses sujeitos é um projeto político para pensar uma cidade homogênea e por homogênea, lê-se: heterossexual. No contexto de décadas atrás, isso era ainda muito mais marcante, como um dos entrevistados aborda em sua fala, ao ser questionado sobre o conhecimento de homens homossexuais que viviam publicamente a sexualidade:

Então, o círculo que eu convivia em Mococa era muito pouco. Eu tinha um amigo que eu acho que é gay até hoje, mas a gente não tinha intimidade, ele não era do meu grupo. Então, eu não convivi muito para ser sincero. Eu fui conhecer um grupo maior quando eu fui fazer direito em Ribeirão Preto, porque eu tinha amigos da USP que faziam psicologia e filosofia, imagina que porra louca. Então, foi aí que eu conheci um pouco mais do universo. Fui no primeiro bar LGBT na época, em Ribeirão Preto (Mario, 61, Mococa).

A fala de Mario explicita como os primeiros contatos com pessoas de sexualidades dissidentes foi em uma cidade de porte médio e que possui uma dinâmica universitária bastante presente e foi nesse contexto que teve a possibilidade de explorar um pouco mais o seu desejo e participar de locais que ofereciam espaços para pessoas LGBTQIA+, diferente do contexto mococuense na época de sua juventude.

Outro ponto trazido por Mario em nossa conversa foi um acontecimento em Mococa na década de 1970. O fato contado narra sobre o suicídio de duas adolescentes que tinham um relacionamento lésbico e como a cidade reagiu diante do acontecimento. Ao trazer essa história, Mario nos indica que naquele tempo tal configuração de relacionamento era um enorme tabu para a população, mas que ao mesmo tempo, despertou o interesse das pessoas em participar do velório das adolescentes, marcado em sua memória como um evento no município. Perguntado sobre os rumores que tal acontecimento trouxe, Mario responde:

Nossa, imagina (...) Vou te contar uma barbaridade. Tinha uma fila de gente, por que imagina? A cidade inteira foi lá ver o velório. Fazia filas! Eu estava com um amigo meu que hoje é médico aqui em Mococa e um senhor que estava na nossa frente virou pro outro amigo dele e falou: “qual das duas que era macho?” Para você ver o grau da época (Mario, 61, Mococa, 2020).

A fala trazida acima nos remete a pensar como, naquele contexto do município, as sexualidades dissidentes instigou toda a população para conhecer o casal de mulheres que possuíam um relacionamento homoafetivo. Assim, pode-se perceber que tal fato conseguiu atingir o imaginário local e despertar o interesse, não só pelo fato da morte de ambas, mas por se tratar de duas mulheres que mantinham um relacionamento e isso está expresso na lembrança do comentário que Mario ouviu “Qual das duas era macho?”. Essa indagação nos convoca a pensar que o interesse estava em suprir a curiosidade e conhecer algo fora do comum e, para isso, mobilizou-se a gramática do sexo cisheteronormativo: o macho (penetrador) e a fêmea (penetrada).

O acontecimento que desestabilizou a cidade marca uma outra possibilidade de análise: a ruptura com a linearidade que a cotidianidade desse espaço possui. Isso explicita, como apontado, códigos que não são compartilhados. Argumenta-se que o acontecimento instituiu uma reelaboração dos códigos de Mococa. Isso está presente também na argumentação de Joseli Silva (2000):

Constatou-se que a aparente simplicidade e a falta de dinamismo da forma das pequenas cidades mascara as relações complexas que imperam em tal espaço, adquirindo sentido apenas quando se entendem os códigos que lhes dão sentido particular (SILVA, 2000, p. 33)

Como indicado acima, a invisibilidade é uma das implicações encontradas pelos sujeitos dessa pesquisa, algo que poderíamos denominar como “cidade-armário” (Claudio Carvalho; Gilson Macedo Jr, 2017). Em um trecho, os autores formulam uma importante reflexão sobre a questão:

De fato, ao analisarmos com mais cautela, podemos reparar a quem se destina a cidade: a ausência de políticas públicas para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais visando sua proteção e garantia de acesso aos direitos capazes de afirmar o princípio basilar da dignidade da pessoa humana é uma prova gritante que a cidade se fecha em torno da heterossexualidade, ignorando a presença e a participação LGBTs em seu corpo, uma vez que não existem políticas públicas voltadas para essa população, temos dois fenômenos que são interligados: a invisibilidade social LGBT – embora não esteja invisível nos relatos de violência urbana em virtude de discriminação – e a redefinição da cidade enquanto “cidade-armário” (Ibid, 2017, p. 104/105).

Novamente nos apoiando nas reflexões teóricas de Miskolci (2014) e do conceito de “cidade-armário”, a inexistência desses espaços nos propõe analisar que a produção dos espaços nesses contextos ainda evita trazer as implicações de se expor no cotidiano da cidade as vidas de sujeitos que experienciam sexualidades dissidentes. Como apontado acima, esse é o cenário que eu, enquanto sujeito gay vivido e crescido em cidades pequenas e meus interlocutores me apontam, da dificuldade em se experimentar de maneira mais aberta e pública suas sexualidades, suas performatividades e suas identidades<sup>18</sup>.

Gilson Macedo Jr. e Cláudio Carvalho (2017) contribuem, mais uma vez, ao apontar como a quietude com relação a determinados assuntos expressa uma necessidade de silenciamento, contribuindo com a perpetuação de um projeto político de cidade. Nesse sentido, a busca por manter os padrões normativos aceitos ganham eco. Milton (23, Mococa) reflete sobre essa questão ao abordar como teria sido mais fácil sua

---

<sup>18</sup> Em seu artigo, *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, Kathryn Woodward (2000) aponta que a identidade se refere a um conjunto de representações que possibilita situar os sujeitos no mundo. Esse conjunto de representações articulam uma série de símbolos que atravessam os sujeitos, que como apontado pela autora, atribuem significados. Sobre as questões de representação, a autora aponta que: “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência àquilo que somos” (WOODWARD, 2000, p. 17).



autoaceitação se tais assuntos fossem mais debatidos, que se tivesse mais referências positivas nessas cidades. Ou seja, a produção de discursos éticos sobre sexualidades dissidentes possibilitaria a quebra dessas “cidades-armário”.

Olha, eu acho que conhecer pessoas diferentes (...) as pessoas te abraçam como a família não te abraçou. Principalmente nós que somos LGBT e etc. Eu senti isso aqui em Alfenas. Então, se eu tivesse a oportunidade de voltar na adolescência, eu com certeza, faria novas amizades. Eu procuraria meios para me identificar na época. Porque hoje em dia, existem tantas pessoas que conseguem esse contato de conhecer outras pessoas, de conhecer lugares, de conhecer espaços (...) de fala, de comunicação, de pessoas que entendem sobre o assunto. Hoje em dia, por exemplo, eu presencio meninos e meninas se assumindo com 12, 13 anos. Na minha época, eu jamais pensaria nisso, porque é diferente. Foi um momento diferente. É claro que isso tem a ver também com a tecnologia da informação, tudo se intensificou, enfim. Então, eu procuraria participar mais desses espaços, lugares, sair, se divertir mais. Porque quando a gente fala, “ah vamos sair para se divertir”, a gente não sai só para se divertir, a gente sai para aprender também, né? Querendo ou não a gente sempre aprende alguma coisa, a gente encontra alguém para conversar alguma coisa e, faltou muito isso na minha adolescência (Milton, 23, Mococa, 2020).

Não só em Mococa ou Alfenas é encontrado esse contexto de invisibilidade. Emerson Martins (et al. 2020) também discorre sobre essa problemática em sua pesquisa. O autor afirma que há um projeto de castração dos desejos dissidentes em cidades pequenas. O autor ao analisar a fala de um de seus entrevistados, defende que: “Sobre isso, Rafael afirma que a lógica nas cidades pequenas é “castrar” os desejos e os modos de vida dissidentes, não combatendo-os, mas extenuando-os, deixando-os na escuridão do não-dito” (Ibid, 2020, p. 149).

Apesar de existir essa qualidade em ambas as cidades, é necessário distinguir uma diferença que marca a cidade de Alfenas com relação a cidade de Mococa: o Movimento Gay de Alfenas (MGA) e a Universidade Federal de Alfenas. Cito aqui as duas instituições, pois ambas atuam na cidade promovendo discussões e eventos com a temática da diversidade<sup>19</sup>. A cidade no sul de Minas conta, portanto, com uma iniciativa para arregimentar um debate acerca das necessidades e da importância de explorar tais assuntos e nos esclarecimentos de preconceitos, seja com a comunidade LGBTQIA+, seja com a comunidade negra ou com muitas outras pautas políticas dentro do bojo da diversidade.

---

<sup>19</sup> Essa é uma discussão que será debatida melhor no último tópico do capítulo.

### **3.4 Os pontos de fuga e as válvulas de escape para os encontros em contextos de cidades pequenas e interioranas**

Assim como vimos nas discussões acima, a cidade é também parte de um projeto político de organização social. A separação espacial, a disposição arquitetônica e seus estilos, a dinâmica que organiza os fluxos compõe e articula estratégias organizativa da urbanidade, as oportunidades de trabalho que funcionam como imã para migrações. Raquel Rolnik (1995) apresenta um apanhado histórico sobre o surgimento e a formação das cidades e suas reflexões possibilitam apontar como há um atravessamento dos interesses políticos para a sua organização, o que também já foi explorado por Henri Lefebvre (2008) e Milton Santos (2012)

Apesar de todos esses esforços que contemplam a formação e manutenção do espaço e da dinâmica das cidades, há um tensionamento dos sujeitos ao se apropriarem dos espaços no cotidiano de suas vidas. O percurso para o trabalho, a ida para a escola, as brincadeiras de rua, a sentar na calçada, os fluxos entre os bairros, os rolês em loteamentos e praças das cidades fazem uma rearticulação e uma ressignificação dos espaços. Esse movimento é importante e desloca as políticas urbanas. Ana Carlos (2007) aponta que é a partir dos usos cotidianos que os sujeitos contam outras histórias e deixam rastros de memórias que escapam das políticas neoliberais infligidas para a dinâmica da produção de mercadorias e do lucro. Nas palavras da autora:

É assim que as relações que os indivíduos mantêm com os lugares habitados- através de seus corpos – se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no acidental; momentos do cotidiano dos habitantes em sua relação com os lugares da vida. É desta forma que os lugares vão ganhando sentido através das apropriações vividas e percebidas através do corpo e todos os sentidos humanos (CARLOS, 2007, p. 43).

As provocações indicam a importância de se (re)pensar, a partir das vivências do cotidiano, como os sujeitos produzem outras narrativas e pintam em outras cores as memórias sobre as cidades. Os usos e apropriações que são feitas a partir da necessidade diária ou dos lazeres recontam que, apesar de um projeto político para a cidade, os sujeitos deslocam outras significações para os espaços da cidade. Essa discussão é importante, pois, pensando as experiências de homens gays em cidades pequenas, podemos tensionar o debate da produção desses contextos a partir dos novos sentidos.

Marluci Menezes (2000) aponta que não se pode compreender o espaço em seus significados estáticos, mas em um amplo processo de transformação. Tais transformações, aponta a autora, são parte de processos que incluem tanto elementos locais, quanto elementos globais. Ao trazer tal argumento, a análise lança luz para os processos interligados entre o tradicional e o novo, o local e o global.

As análises socioespaciais partem então, como aponta Menezes (2000) do pressuposto da dinâmica e dos contínuos processos de mudanças. Assim, a autora assinala que: “A realidade não é um mundo estático, é mutável” (*ibid*, p. 169). Sendo assim, a argumentação compartilha da perspectiva de que para compreender a produção das identidades que estão ali situadas é necessário pensar também a partir de processos que são mutáveis, dinâmicos, que se sobrepõem e justapõem. De maneira geral, portanto, uma interrelação complexa que mobiliza o espaço e o tempo para a produção dessas identidades locais.

Um dos espaços que é lembrado pelos interlocutores como espaços de reapropriação nos contextos de cidades pequenas são as praças. Assim, esses lugares compõem o circuito Magnani (2002) para encontros, paqueras ou apenas para a distração. Assim como em Mococa, Alfenas também possui a cultura de frequentar a praça da central e isso é trazido nas falas de Alisson (41, Alfenas) que na sua adolescência tinha o costume de frequentar a praça Getúlio Vargas com seus amigos e lembra que isso é um costume que se conserva até os dias atuais. Comentando sobre os pontos de encontro e entretenimento, ele aponta:

Era a praça, porque aí a gente tinha a praça Getúlio Vargas. Eu acho que existe até hoje essa cultura. Aí, a gente ia na praça e a gente ficava dando voltas, sabe? Dava uma seis voltas, comia um churros e ia embora para a casa. Então, aquele lugar era o entretenimento meu também. (Alisson, 41, Alfenas, 2020).

Como apontado acima, em ambas as cidades o passeio nas praças é um ponto crucial na dinâmica de entretenimento. Assim como a praça Getúlio Vargas, a praça da matriz em Mococa é ponto de encontro de famílias e jovens aos domingos à noite, lugar em que se pode ver a circulação de pessoas, principalmente de jovens e famílias. Roberto DaMatta (1997) nos apresenta um outro argumento e dessa vez o antropólogo aponta que além da divisão casa/rua, os espaços possuem um terceiro: o “outro mundo”. Esse “outro mundo” seria uma síntese das duas estruturas da casa e da rua (uma junção da hierarquia e da igualdade), citando como um dos exemplos, as praças.

Alisson (41, 2020, Alfenas) pontua como as praças são palco importante para a socialização dos contextos de cidades pequenas. É nesse espaço que muitas vezes os adolescentes, as famílias encontram para passear e encontrar pessoas. A falta de locais públicos para interação estabelece essa demanda para as praças que passam a compor o local escolhido pelos mocoquense e alfeneses. É na circulação por esse ambiente que se conhece pessoas novas e reconhece aqueles do círculo de amizades.

Joseli Silva (2000) argumenta sobre a importância das praças nas cidades pequenas como espaço importante para a sociabilidade dos cidadãos e cidadãs. A autora aponta que é nesse espaço que as pessoas se apropriam para múltiplos usos, ressignificando tais espaços e rearticulando seus binômios de casa/rua, público/privado, feminino/masculino, sagrado/profano. Nas palavras da autora<sup>20</sup>:

Esse mesmo local pode servir de espaços de socialização de jovens no domingo à noite, ou ainda a realização das festas religiosas congregando várias classes de renda, unidas pela crença religiosa. Assim, a apropriação do espaço é determinada pelas relações que se estabelecem entre seus membros, pelo manejo de símbolos e códigos comuns (Ibid, p. 30).

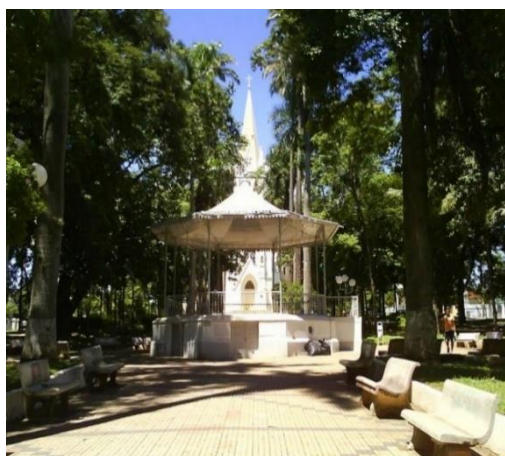


Imagem 1 – Praça da Matriz  
Fonte: Prefeitura Municipal de Mococa



Imagem 2 - Praça Getúlio Vargas -  
Alfenas  
Fonte: *Foursquare*

Por que trazer as principais praças das cidades em tela? Estabelecer que elas compõem parte da produção de dinâmicas e proporcionam com que experienciem os seus

<sup>20</sup> Assim como apontado pela autora, ambas as praças aqui ilustradas são também apropriadas pelas principais quermesses da cidade. Assim, anualmente nesses espaços uma festa religiosa que mobiliza um grande fluxo de mocoquenses e alfenenses. Nas festividades monta-se inúmeras barracas de comidas, há bingos com prendas, leilões de doações dos próprios frequentadores da igreja e muitas vezes um parque com carrinho de bate-bate, barco viking é montado durante a festa.

espaços. Diferente do “outro mundo”, a casa e a rua marcam estruturas socioespaciais que delimitam o comportamento dos sujeitos – dispondo de códigos culturais específicos para cada um desses espaços. As praças representam assim, uma “renúncia ritualizada deste mundo com seus sofrimentos e suas contradições, lutas, falsidades e injustiças” (DAMATTA, 1997, p. 50).

A perspectiva apontada por DaMatta (*Ibid*) sobre as praças como o “outro mundo” entra em um diálogo pertinente com o contexto das cidades de Mococa e de Alfenas. Interessante apontar que é desses espaços que muitas vezes os sujeitos se apropriam para socialização, entretenimento e paqueras. Mesmo que as praças mais procuradas sejam lugares com igrejas e símbolos religiosos, existe uma “renúncia ritualizada”, como está apontado acima. Essa análise vai ao encontro com o que é abordado por um de nossos entrevistados sobre a apropriação desse “outro mundo”, a praça do Rosário em Mococa, que é conhecida na cidade pela presença de prostitutas durante o dia (mulheres de meia idade) e durante a noite por encontros de homens gays e travestis. Em um trecho de nosso diálogo podemos perceber tal tonalidade:

[ENTREVISTADO] Porque assim, eu peguei mais amizade com homossexuais quando eu andava muito na praça, que eu tinha meus 17, 18 anos também (Mario, 28, Mococa, 2020).

[ENTREVISTADOR] E você falou que ia na praça, na praça do Rosário?

[ENTREVISTADO] Isso, mas eu ia só para passear. Eu achava um barato. Eu quase morria de rir de tudo que eu via lá (...)

[ENTREVISTADOR PERGUNTA SE A PRAÇA ERA LOCAL DE PEGAÇÃO]

[ENTREVISTADO] É, parava uns carros lá. Isso! Aconteceu já! Comigo poucas vezes, porque eu nunca fiz esse tipo de coisas, mas sim acontecia (Mario, 28, Mococa, 2020).

Quando Mario me relata sobre seus passeios na praça do Rosário, logo me lembro das minhas idas com um amigo quando tinha por volta de 20 anos de idade para experienciar um pouco da adrenalina da paquera e das possibilidades de encontros sexuais com outros homens, uma das poucas possibilidades na cidade. A praça do Rosário fica nas proximidades da praça da Matriz, mas diferente dessa, possui um fluxo bem menor durante a noite e pouca iluminação. Assim, muitas vezes foi e é (hoje muito menos que nos meus 20 anos) ponto de pegação. Tal espaço era conhecido como frequentado por

homens que procuram sexo com homens, os carros passavam por lá buscando parceiros sexuais.

A praça, na ocasião apresentada nas memórias de Mário, compôs parte do final da sua adolescência e é referência em se tratando de uma dinâmica em que o desejo entrava em cena, articulando paqueras e homens na busca de sexo com outros homens. Essa apropriação do espaço da praça estabelece novos significados e a reinscreve em novas ritualidades. Podemos aqui dialogar também sobre a descrição traçada por Paulo Rogers (2006) sobre a localidade que a praça possuía para a articulação de encontros dos “afectos malditos”. Em sua pesquisa, Rogers (*ibid*) afirma que se sentar na única praça do município de sua pesquisa abria possibilidades para os convites sexuais de outros homens em lugares para além da visão da vizinhança, possibilitando explorar desejos.

Como visto em tópico anterior, há uma reclamação constante da falta de espaços próprios na cidade e para que haja uma interação, muitas vezes a estratégia que se adota para o flerte ou a procura de parceiros é entrar nos sites de bate-papo e nos aplicativos específicos para o público gay. Assim, possibilita que o usuário opte por manter o anonimato, principalmente em salas de bate-papo em que as informações pessoais são poucas ou quase nulas. Mario (28) nos apontou sobre o uso desses meios, tanto por homens homossexuais assumidos, quanto por aqueles que mantêm sigilo.

Bate-papo, aplicativo. É isso! Mas eu acredito que a maioria dos homossexuais daqui preferem namorar gente de fora (...) Porque o povo daqui é bem fofoqueiro, né? Pode não parecer, mas aqui tem muitos que são e ninguém imagina (Mario, 28, Mococa, 2020).

A partir dessa provocação, acessei por alguns dias as salas de bate papo do site UOL para uma breve exploração delas para tatear brevemente a movimentação desse ambiente<sup>21</sup>. Pode-se constatar o fluxo de usuários que opta por esse espaço para procura de parceiros sexuais, incluindo homens casados que procuram outros homens. Tais interações, mensagens, uso de apelidos nos coloca diante do fato de como há uma procura de homens que requerem sexo sigiloso e encontram o anonimato através da internet. Isso vai ao encontro com o que Mario aponta sobre muitos homens saírem com outros homens, mas ninguém sequer imaginar. Em cidades pequenas, isso ganha contornos mais

---

<sup>21</sup> Esse foi um breve exercício feito a partir da provocação que os entrevistados me trouxeram no que se refere a falta de espaços na cidade. Pensando nisso, pensei em entrar no site de bate papo a fim de espiar as interações que vinham acontecendo. O objetivo dessa pesquisa não é analisar essas interações, o que demandaria uma pesquisa específica para tal, mas é interessante trazer um apontamento para o texto.

definidos devido a possibilidade de serem reconhecidos mais facilmente pela comunidade à qual pertencem. O sexo no sigilo, possibilita, portanto, explorar os desejos.

A fala trazida acima nos permite entrar em diálogo novamente com a pesquisa de Paulo Rogers (2006) que traça uma análise experimental sobre os corpos desejan-tes que articulam novas possibilidades para se pensar o contexto rural e, aqui nos ajuda a pensar também as pequenas cidades. Tais afectos malditos extrapolam as regras desses contextos e assumem, a partir do anonimato, seus desejos indizíveis.

Portanto, conceito de uma *ética dos afectos mal-ditos* todas aquelas relações sexualizadas camponesas que não tem como *destino* à reprodução utilitária em moldes camponeses ideais, oficiais, naturalizados. Relações íntimas, ambíguas, para uma demanda que *deveria* se adequar à perpetuação de valores selecionados, situados, em prol da conservação da espécie e das relações parentais e vicinais. Uma *parte mal-dita* que se reconstrói em meio a acontecimentos e experimentações (ROGERS, 2006, p. 86).

Nesse sentido, aponta-se para as possibilidades de transgressão das normas desses contextos, reinventando as possibilidades de experimentar os desejos e as cidades. O corpo e seus desejos escapam, portanto, das amarras daquilo que se intenta enquadrar em seus regimes de visibilidades heterossexuais. Pode-se perceber, com isso, que Mococa e Alfenas são cidades que podem ser recontadas a partir dessas narrativas que são muitas vezes silenciadas, mas que reinscreve novos sentidos sobre o município. Apoiando-se em Michel de Certeau (1998) tais narrativas são relatos que multiplicam os significados dessas cidades.

Por fim, um dos pontos de fuga para a exploração dos desejos e inserção em espaços de construção da identidade, é a circulação que tais sujeitos estabelecem entre os municípios. Essa é também uma especificidade encontrada por Pelúcio e Cicco (2019) sobre os fluxos entre as cidades do interior como pontos de fugas, desterritorialização e trocas desejan-tes. Os autores entram em consonância aqui, pois, há uma ampla procura dos sujeitos em cidades da circunvizinhança que oferecem aquilo que não se encontram nas cidades de origem. Os fluxos marcam, então, mais uma das especificidades que interligam os diferentes municípios. De Mococa para Ribeirão, para São Paulo, para Poços de Caldas. De Alfenas para Poços de Caldas, Belo Horizonte, Varginha.

As idas e vindas, além de marcar a busca por entretenimentos com nichos específicos, como bares ou boates LGBTQIA+, está indicando também, além da falta desses espaços no contexto em que vivem, muitas vezes a fuga das amarras da

peçoalidade que fora indicado em tópicos acima. Sobre isso, Marcos (28, Mococa) expressa o interesse de muitos sujeitos em procurarem seus parceiros em outras cidades por conta da fofoca e da “mente pequena” de pessoas de pequenas cidades.

[ENTREVISTADO]: Mas eu acredito que a maioria dos homossexuais daqui preferem namorar gente de fora (Marcos, 28, Mococa).

[Entrevistador]: Por que você acha isso?

[ENTREVISTADO]: Porque o povo daqui é bem fofoqueiro, né? Pode não parecer, mas aqui tem muitos que são e ninguém imagina (Marcos, 28, Mococa).

A fala de Marcos nos coloca novamente frente à provocação de Cicco e Larissa (2019) no que concerne a falta de atualização dos valores morais de contextos de cidades pequenas. A expressão “mente pequena” usada por Marcos (28) explicita não só a dificuldade que ele percebe com relação a temática de sexualidades fora da norma heterossexual, mas a dificuldade de atualização. Outro interlocutor que aponta um dado interessante é Sander, ao ser perguntado sobre um espaço público que ele se sentia mais seguro, a pergunta se referindo à cidade de Alfenas, ele nos respondeu São Paulo – o que retroalimenta essa noção de que há sim um interesse que os sujeitos almejam pelos grandes centros urbanos, pois há a ideia da facilidade de vivenciar seus desejos e a multiplicidade de locais oferecidos na cidade, o que é percebido também por Silvana Nascimento (2014) sobre o desejo de travestis no interior da Paraíba em migrarem para os grandes centros.

Robson Laverdi (2012) corrobora com a discussão ao apontar como, muitas vezes, seus interlocutores buscavam locais de sociabilidade LGBTQIA+ na cidade de Cascavel (Paraná) aos finais de semana, uma cidade com número maior de habitantes e mais pontos de interação. Tal busca se relacionava ao anseio por novas oportunidades de entretenimento e, também, pela liberdade de explorar os seus desejos, diante de mais chances de conhecer homens que também estão ali à procura de conhecer outros homens. A reflexão de Laverdi (*ibid*), portanto, lança luz também sobre a particularidade que possuem os fluxos migratórios (temporários ou não) para as cidades na vizinhança ou para os grandes centros. Esses fluxos, além de ser uma alternativa para tais sujeitos, reinscreve os significados e a produção dos espaços.

Podemos convocar a potente análise certauniana sobre a produção dos espaços a partir desses movimentos. Michel de Certeau (1998) nos instiga a avaliar analiticamente



tais fluxos e refluxos a partir dos seu argumento sobre a produção do espaço como linguagem e sua mutabilidade a partir dos diferentes elementos que ali estão situados. Pensemos, portanto, como esses corpos circulantes estão deslocando novos relatos e produzindo novos espaços. A beleza dessa reflexão está em compreender a dinâmica criativa do espaço que se relaciona com os movimentos significantes. Trazendo como metáfora da fala e como as palavras ganham diferentes significados de acordo com seu arranjo e o contexto no qual a fala é dita, similarmente, o autor reflete sobre espaço a partir dessa lógica, em que depende dos arranjos dos elementos significantes e do contexto em que esses elementos estão dispostos.

A dificuldade de encontrar espaços de sociabilidade, lazer e encontros não é um encerramento para os sujeitos, mas a oportunidade de (re)apropriar a cidade e colocar em circulação os desejos por entre os interiores. Moisés Lopes (2016) nos provoca ao argumentar que precisamos deixar de lado nossos pressupostos sobre as cidades pequenas e interioranas que sempre articulam dicotomias problemáticas, como moderno versus arcaico, simples e complexo. O que conseguimos demonstrar aqui é que as fronteiras não são tão fixas e rígidas e que os sujeitos encontram seus pontos de fuga e colocam em circulação seus desejos, seus corpos e borram os projetos de cidades normativas. Os corpos que circulam, que desejam, articulam e rearticulam aquilo que se pressupõe sobre as cidades.

### **3.5 – A importância de novas perspectivas para pintar a cidade de outras cores**

Chego em Alfenas para iniciar minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Alfenas no início de 2014. Uma nova aventura e muita felicidade por estar conseguindo realizar o meu objetivo de ingressar em uma Universidade pública. Lembro-me da minha chegada na cidade e da euforia em desbravar novos horizontes e vivenciar uma vida acadêmica. Uma das minhas surpresas foi quando me disseram que a cidade possuía uma organização não governamental LGBTQIA+ chamada “Movimento Gay de Alfenas” (MGA). A minha surpresa se deu por saber que uma cidade do porte de Alfenas teria uma ONG defendendo tal causa.

O MGA foi fundado por um grupo de amigos no início dos anos 2000 e sua história foi bem retratada por Marta Rovai (2019)<sup>22</sup> em seu livro, com entrevistas, documentos e fotografias que narram as lutas e conquistas que o movimento almejou ao longo de sua trajetória. A importância do MGA para a cidade de Alfenas e para o sul de Minas Gerais é indiscutível e uma das pessoas que sempre tiveram à frente do movimento foi o advogado e comerciante, Sander Simaglio. Por isso, logo o convidamos para somar suas experiências à pesquisa. Como um dos fundadores do MGA, Sander reconhece a importância que teve em levantar uma bandeira em um contexto que nem sempre foi receptivo, assim ele nos relata:

Eu me empoderei enquanto cidadão, fazia faculdade de direito e comecei a ficar incomodado de ver que Alfenas tinha uma festa gay no sábado, todo mundo se encontrava, todo mundo se divertia e na segunda-feira ninguém mais olhava na cara de ninguém porque ninguém podia falar que era gay. Eu comecei a sentir incomodado com aquilo e comecei a marcar umas reuniões esporádicas na casa de amigos. “Vamos assistir um filme? Vamos”. “Vamos debater isso?” “Vamos tomar um suco?” “Vamos falar sobre a parada gay de São Paulo? Olha que legal, tal”. Comecei. E isso foi automático, foi criando proporções gigantescas, mas foi meio que automático na minha vida (Sander, 41, 2020).

A fala de Sander apresenta como era necessário abordar questões políticas em torno da questão LGBTQIA+ e construir um movimento que possibilitasse mudanças, pois o cenário era de que as pessoas se sentiam envergonhadas e com receio de declarar seus desejos. É a partir da necessidade da mudança em Alfenas e de trazer para a cidade um movimento que colocasse na pauta pública o respeito à diversidade sexual e de gênero, que um grupo foi organizado e passou a discutir estratégias, políticas públicas e representar demandas de cidadãos e cidadãs LGBTQIA+ da cidade.

A importância da organização política do MGA é por deslocar os discursos LGBTQIA+fóbicos e colocar na ordem das políticas públicas e na representatividade um contra discurso que possibilite articular estratégias que contem que outras possibilidades de viver são possíveis, como bem nos aponta Rovai (2019). Compartilhando com as afirmações da autora, Sander (41, Alfenas) também reconhece como foi importante que o MGA trouxesse para as ruas e para as instituições de poder as pautas do orgulho, do

---

<sup>22</sup> O livro de Marta Rovai é um importante documento histórico que relata a trajetória do MGA na cidade. Nesse sentido, o intuito aqui não é refazer o trabalho que está muito bem relatado no livro “Que possamos ser o que somos”.

respeito, da saúde e da representação. Ele nos lembra como a cidade passou a conhecer o movimento a partir das paradas do orgulho LGBTQIA+ que aconteceram desde 2004 e que, desde aquele movimento, os alfenenses puderam quebrar paradigmas e preconceitos. Assim, ele nos conta que: “Ela [Alfenas] viu discursos politizados, um discurso social dizendo porquê nós estávamos ali e a população entendeu e abraçou essa diversidade muito bem e o poder público mais ainda” (Sander, 41, Alfenas).

Essa é uma importante diferença que marca os dois municípios, Alfenas e Mococa. A cidade de Mococa nunca possuiu um movimento organizado em torno da pauta LGBTQIA+ e não houve eventos significativos em torno de tal questão. Lembro-me de participar em Mococa de um evento que aconteceu em 2019 na câmara dos vereadores, que fora organizado por Vinicius Macía e que contou com uma série de voluntários que palestraram sobre diferentes temas dentro do universo LGBTQIA+. Essa diferença é um ponto sobre o qual Milton (23, 2020, Mococa), que também vive em Alfenas, discorre, apontando a necessidade de Mococa construir um movimento assim como o MGA, porque permitiria conscientizar, formar agentes políticos e trazer para a cena pública o debate sobre a diversidade sexual e de gênero.

As festas, a pauta política levantada dentro da câmara dos vereadores de Alfenas, as imagens em *outdoors* na cidade para divulgar as paradas colocam em tensão o regime de visibilidade (Miskolci, 2014) daquela cidade. O movimento reivindica, direta e indiretamente, apropriar-se da cidade e deslocar a heteronormatividade. Ao colocar as cores nas ruas e os corpos em festas, há um movimento que toma como seus os espaços da cidade e visibilizam as sexualidades dissidentes que, no dia a dia, estão nas fissuras que encontram para vivenciar seus desejos.

Um elemento importante que as narrativas apontam sobre as paradas é sua possibilidade de desordenar os territórios e papeis. A ocupação do espaço público por aquilo que se quer escondido no privado, “no armário”, coloca em exposição e confronto sem pedir licença – o masculino que se quer feminino, o feminino que se quer masculino, o não binarismo, o amor entre gênero, a homoafetividade (ROVAI, 2019, p. 147).



Imagem 3- Parada do Orgulho  
LGBTQIA+ de 2006  
Fonte: Instagram MGA - Afenas



Imagem 4 – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2016  
Fonte: *Instagram* MGA – Afenas



Imagem 5 – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de 2018  
Fonte: *Instagram* MGA - Afenas

Eu tive a oportunidade de participar de duas Paradas do Orgulho LGBTQIA+ em Afenas, no ano de 2016 e 2017. Lembro-me da celebração e do clima de festa que coloca a bandeira do arco-íris às ruas para reivindicar aquele espaço. Há um intenso clima de alegria e euforia de um caleidoscópio de corpos e performatividades de gênero (Butler, 2015) que confronta as normas rígidas do monocromático heteronormativo. *Drag queens*, travestis, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais circulam e colocam outras configurações de Afenas nesse dia de festa.

Além de organizar as festas, o MGA também articulava propostas de leis e políticas públicas para Afenas. Sander (41, 2020, Afenas) lembra que o movimento ganhou tamanha notoriedade que ele conseguiu ser eleito vereador. Relembrando as iniciativas que o coletivo estabeleceu para o município, ele nos aponta sobre a aprovação

da lei rosa<sup>23</sup>, do estabelecimento do dia municipal do orgulho LGBTQIA+, centros de referências da diversidade, iniciativas no âmbito da saúde pública para pessoas com HIV e para pessoas travestis e transexuais. Outra iniciativa é a organização da Semana da Diversidade, contando com diferentes eventos em prol da temática diversidade sexual e de gênero. Sander reafirma a importância da Universidade Federal de Alfenas na promoção de debates acerca da temática.

Sobre esse ponto relativo a gerar debates e discursos acerca dos assuntos aqui em tela, nossos interlocutores Alessandro e Sander apontam sobre a importância da presença das Universidades na cidade, principalmente a Universidade pública. Além disso, Emerson Martins (2017; et al. 2020) também identificou a problemática da experiência da chegada da Universidade em cidades menores e a importância que esse movimento teve para a ressignificação desses espaços. O que a questão aqui delineada aborda é que a Universidade pública, em seu movimento de expansão para as cidades interioranas e o oferecimento de cursos de humanidades, possibilitou que tais cidades convivessem com a diversidade.

Eu sou fã número um da Unifal [Universidade Federal de Alfenas], então eu sou suspeito para falar, mas quando esses cursos [cursos de humanidades] (...) eles oxigenam a cidade, eles oxigenam a comunidade alfenense. Eles transformam Alfenas realmente em uma cidade envolvida com a Universidade. Projeto, palestra, filme, discussão, debate. “Vem para cá, gente”! Eu sinto vocês abrindo os portões da Universidade. Eu fico, aí, é uma coisa meio simbólica assim (...) parece que tá todo mundo com a mão em um portãozão de ferro enorme, tipo um portão da família Adams. Aquele portão pesado e todo mundo empurrando esse portão, abrindo e a cidade adentrando a Universidade (Sander, 41, Alfenas, 2020).

Eu acho que a cidade em si é uma cidade que tem mais abertura para ser, para você conseguir ser, entendeu? Então, eu acho que por ser uma cidade universitária, eu imagino que uma cidade que não tenha universidade seja muito mais problemático esse tipo de coisa. Eu tenho um amigo que mora em uma cidade vizinha e ele é gay, negro e é afeminado e ele anda com uma faca. Porque aqui se a gente vê, agora não tanto e quando a gente tá em período de férias também e tal. Mas quando a gente tá em período de aula, a faculdade tem muitos gays circulando na cidade (...) Então, é natural, você vê todo tipo de gay, principalmente dentro da universidade (Alessandro, 21, Alfenas, 2020).

---

<sup>23</sup> Conhecida como “Lei Rosa”, a lei municipal nº 3.277 que pune práticas discriminatórias contra pessoas por conta de sua orientação sexual. A “Lei Rosa” foi uma proposta apresentada pelo MGA para a câmara dos vereadores e é uma das conquistas no currículo do movimento.

As duas falas trazidas estabelecem uma especificidade importante para a cidade de Alfenas e nos faz refletir de modo comparativo com a cidade de Mococa<sup>24</sup> que é a questão da presença da Universidade pública na produção dessas cidades. As falas acima desenham e destacam a importância que a Universidade possui não só quando recebe estudantes de diferentes lugares e em suas múltiplas particularidades, mas também quando abre as portas da instituição, traçando diálogos importantes sobre questões sociais com a comunidade em geral, diálogos esses que são estabelecidos a partir de projetos de extensão, palestras, cursos.

A interiorização das Universidades é um importante fator que também é apontado por Silvana Nascimento (2008) e Emerson Martins (2020 et. al). No que tange à inserção de Universidades públicas em cidades no interior do Brasil, esses autores apontam sobre a influência de levar novas perspectivas, novos debates e oferecer aos sujeitos desses contextos outras oportunidades. É o que nos apresenta Silvana Nascimento (2008) quando discorre sobre a entrada das mulheres na Universidade no interior de Goiás ou Emerson Martins (*Ibid*) quando aborda a importância de o ambiente universitário para seus interlocutores homossexuais redescobrirem seus desejos e compreenderem um pouco mais sobre o que ronda os preconceitos e estigmas com relação às orientações sexuais e de gênero. Contando sobre a mudança de um de seus interlocutores, Diego, do município de Iporã do Oeste (SC) para cursar a Universidade Federal da Fronteira Sul em Realeza (PR), o autor discorre que:

Essas fissuras nas verdades seculares sobre a sexualidade, sobre as relações, sobre os modos de vidas possíveis, são efeitos das experiências e dos fluxos que a vida proporciona. Quando Diego migra, de Iporã do Oeste para Realeza, não esperava encontrar algo muito diferente das práticas culturais que já vivia, haja vista a similitude das cidades, mesma colonização, religião, população. Porém, nada seria como antes na vida de Diego (...) (MARTINS et. al, 2020, p. 144).

As considerações sobre a mudança de Diego coadunam com as histórias que muito dos interlocutores dessa pesquisa apontam sobre a importância da Universidade e dos deslocamentos para outro município para mudanças no aspecto de experienciar outras possibilidades de seus desejos sexuais. Milton (23) relata bem como isso se deu em sua

---

<sup>24</sup> Mococa possui duas Instituições de Ensino Superior: a Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC) e a Fundação Universitária Cristã, porém, tais instituições não estabeleceram no município uma dinâmica de cidade universitária, com casas de estudantes, um circuito de festas universitária e o deslocamento de estudantes de diferentes lugares para a cidade.

vida que, apesar de seus receios nos primeiros anos de faculdade, passou a explorar sua sexualidade e seus desejos por outros homens. É claro que não é só a mudança para outra cidade que contribui para isso, mas no caso de Alfenas, as aberturas que a Unifal estabelece a partir dos diálogos com a comunidade exterior, debatendo assuntos que são importantes, gera um conjunto de questões necessárias para (re)pensar a diversidade sexual e de gênero<sup>25</sup>.

Portanto, pode-se perceber como esses espaços que são reapropriados na cidade constroem novas narrativas que possibilitam expor novas perspectivas e outras potências do viver. A Universidade e o MGA configuram-se como espaços que minam as invisibilidades que sujeitos de sexualidades dissidentes experienciam nos interiores do país. Apesar dos avanços, é necessário que o movimento seja contínuo, pois assim como nos indica Berenice Bento (2014) com seu conceito de “cidadania precária”, os grupos de minoria política no Brasil precisam estar sempre atentos e vigilantes com relação ao retrocesso dos seus direitos conquistados ou da visibilidade pública que se conseguiu ter.

---

<sup>25</sup> Um exemplo disso aconteceu em 2016 quando, juntamente com outros alunos/alunas e coordenado pela professora Marta Rovai, organizamos o “Seminário Gênero, Sexualidade e Feminismos”. O evento contou com diversas palestras, minicursos e apresentação de trabalho e mantendo as portas da Universidade abertas para a comunidade alfenense.

## CAPÍTULO 4

*Certamente, nós buscamos reconhecimento neste mundo de maneira a existir enquanto sujeitos sociais, participando em um mundo comum. Ao mesmo tempo, nós sabemos que não há reconhecimento perfeito neste mundo. Isso não significa que devemos deixar de lutar por reconhecimento, mas que compreendamos o reconhecimento precisamente como uma luta constante.*

(Judith Butler, 2016, p. 28)



#### **4. A produção da masculinidade em contextos de cidades pequenas e interioranas**

Como foi sistematizado nos dois capítulos anteriores, as temáticas que aqui estão delineadas, sexualidade e espaço/cidade, fazem parte de uma complexa rede de significados que influem qualidades específicas para as vivências dos sujeitos. Pensar a sexualidade como uma das dimensões na produção das cidades e vice-versa, possibilita pensarmos também a problemática sobre as cidades pequenas e as experiências de homens que se envolvem afetiva e sexualmente com outros homens. Desse modo, a experiência (Bruce Kapferer, 1980) dos interlocutores nos possibilita delinear a produção desses contextos ao navegarmos por suas memórias e assim, indicarmos como foi para esses sujeitos viver e crescer em tais cidades.

Apresentaremos neste capítulo, as experiências desses sujeitos desde a infância, apontando como tais fases da vida trazem importantes memórias para se pensar as leituras feitas sobre seus gestos e corpos e como isso os colocavam em um lugar de dissidência, apontando as implicações na produção de masculinidades. Ao retomar tais assuntos, novamente é inevitável que as minhas próprias memórias não venham à tona e me faça lembrar das interferências para que eu me comportasse como “homem”. Isso é compartilhado também por Sander quando ele aponta sobre essas chamadas de atenção com o objetivo de correção:

Na verdade, quando nós homossexuais, na década de 80 éramos crianças, existia (...) um erro entre aspas, um erro da feminilidade, né? Feminilidade do menino e da masculinidade da menina. Então, assim, eu me lembro que a gente sempre tinha que ter gestos masculinos. Vou te dar alguns exemplos e você vai me cortando caso eu vá me estendendo muito. A minha mãe solteira, tinha uma amiga também (mãe) solteira. Nós dois, os meninos da mesma idade, meses de diferença, aí minha mãe sempre me comparava com ele. ‘Você tem que soltar pipa, o André joga. Você tem que jogar bola, o André joga. E eu nunca gostei de jogar bola, eu nunca gostei de soltar pipa. As minhas brincadeiras era completamente diferente de todos os meninos. Não que eu brincava, de repente com brincadeiras tidas femininas da época. As minhas brincadeiras eram mais cheias de criatividade. Eu brincava de teatro, eu brincava (...) mais sensíveis. Então, eu sofri muito nesse sentido (Sander, 41, 2020, Alfenas).

Sander nos discorre na prática como há uma tentativa de separação entre o universo feminino e masculino, bem como nos demonstra que essa tentativa de separação está em exercício desde os primeiros dias de vida dos sujeitos. O que a narrativa mobilizada nos indica é a tentativa por parte de sua mãe de alimentar em Sander um perfil

específico de masculinidade e para isso, ela usa do jogo de contraste entre ele e seu colega André.

A pretensão de uma separação entre o feminino e o masculino é uma das qualidades apontadas por Pedro Oliveira (2004) ao se debruçar sobre a masculinidade. Em suas análises, o autor aponta que a masculinidade se constitui também a partir do movimento de negação de tudo aquilo que é visto culturalmente como feminino. Assim, a produção social da masculinidade está calcada na ideia de que ambos os universos de significações precisam ser mantidos separados e, além disso, o masculino subordinando o feminino. Como nos apontou Sander em sua fala acima, há sempre a necessidade de se afastar tudo aquilo que nos coloca no universo feminino.

Tal separação é uma tentativa de delimitação recorrente desde a mais tenra infância dos sujeitos e estabelece suas implicações até mesmo antes do nascimento. Um dos fenômenos recentes são os famosos chá de revelação, em que se reúne amigos e familiares para revelar o “sexo do bebê”. Um dos códigos emblemáticos desses eventos de revelação e que desencadeia uma série de outros códigos que produzem o gênero é a cor que se mobiliza para revelar se será menino (azul) ou menina (rosa). Joan Scott (1995) articula uma importante reflexão sobre como o gênero é uma categoria analítica para análise das relações sociais. A autora aponta que os desdobramentos daquilo que se entende do que é masculino ou feminino é contextualmente constituído e por isso, atravessados pela história. Ou seja, há a dimensão temporal dos construtos culturais sobre o que é ser homem e o que é ser mulher e nos alerta sobre a importância de não pautarmos nossas reflexões a partir de perspectivas estáticas.

Essa cobrança, como dito, também era recorrente em minha infância. Um dos momentos marcantes que me vem à memória quando penso em tais interdições na busca de uma masculinidade hegemônica (Raewyn Connel; James Masserschmidt, 2013) aconteceu quando um vizinho colou chiclete no meu cabelo durante um dia de brincadeira de rua e ao chegar em casa, meu pai ficou indignado com a situação e rasga uma agenda que eu costumava usar de diário, indagando como era possível eu saber escrever daquele jeito (agenda decorada com adesivos, canetas coloridas) e não saber brigar. Nesse momento, eu estava sendo convocado a agir como um “homem”. Miguel Vale de Almeida (1996) também discorre uma definição clara sobre a masculinidade hegemônica, vejamos:

A masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador. Implica um discurso sobre a dominação e a ascendência social, atribuindo aos homens (categoria social construída a partir de uma metonímia do dimorfismo sexual) este privilégio potencial (ALMEIDA, 1996, p. 163).

É interessante a provocação que Alessandro (21) nos trouxe ao discorrer sobre isso. Ao narrar suas experiências, conta-nos que não teve problemas com relação a ter que agir nos parâmetros de uma masculinidade esperada. Segundo suas reflexões, isso tem a ver com o ambiente feminino que foi criado e na ausência da figura paterna. Para trazer um contraste a isso, Alessandro coloca a diferença com relação a seu irmão que também é gay, mas cresceu com a presença da figura paterna e teve dificuldades de se expressar sem uma pressão de agir ou se comportar dentro de determinadas normas, ou seja, aponta como a presença masculina estabeleceu uma situação diferente da dele.

Meu pai morreu antes de eu crescer, então, eu não tive contato com ele. Era a única pessoa masculina. Único contato de algum homem que eu tinha, então, tipo, era só minhas irmãs e a minha mãe. Então eu sempre tive contato com mulheres, então eu nunca fui ‘ah, não faz isso, não faz aquilo’. Eu imagino que se eu tivesse contato com ele, talvez eu sofreria algum tipo de repressão. Mas não, então, no núcleo familiar foi tranquilo (...) O fato de ter masculinidade no ambiente interfere, principalmente uma criança viada. Porque (...) Eu tenho um irmão que é gay e ele é mais velho que eu e ele teve convívio com meu pai, ele é mais introspectivo que eu. Então, para mim é certeza que foi interferência de uma presença masculina, entendeu? (Alessandro, 21, 2020).

Pedro Oliveira (2004) aponta para as implicações da figura paterna na perpetuação dos padrões hegemônicos da masculinidade. O autor argumenta que desde a infância o menino passa a se identificar com a figura masculina que seu pai representa e mais do que isso, o menino reconhece como o masculino possui o lugar de privilégio nas relações sociais. A análise do autor entra em diálogo com a fala trazida acima sobre a ausência da figura paterna e a flexibilização dos padrões de masculinidade que nosso interlocutor teve em sua família, majoritariamente composta por mulheres.

Assim como nos apontou Alessandro, argumenta-se aqui a necessidade de se pensar sobre os encadeamentos da figura masculina ou ausência dela para maiores exigências no desempenho de uma performatividade de gênero masculino que reitere a coerência entre ter um pênis, utilizar artefatos masculinos e agir a partir dos modelos de

comportamento esperados para um homem. Importante indicar que é a partir dessa coerência que os sujeitos passam a ser inteligíveis culturalmente e conseguem ser lidos enquanto sujeitos pertencentes a esses contextos (Butler, 2015).

Emerson Martins (2017) aborda que foi a partir das reflexões levantadas pelo feminismo negro que houve avanços nos debates sobre as masculinidades. O autor aponta que é a partir da década de 1980 que se passa a ter um movimento que estabelece questões acerca da relacionalidade entre homens negros e mulheres negras e o sofrimento causado pelo racismo em suas comunidades. Nesse momento há um insurgente pensamento crítico para refletir sobre a constituição das masculinidades. É, portanto, nesse bojo, que se amplia o arcabouço teórico sobre as masculinidades, tensionando criticamente uma ideia estática e única sobre o masculino.

É no final da década de 1980 e início da década 1990 que a noção de masculinidades, tomada como uma categoria, mais crítica inclusive, passa a ser amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento e profissionais. Neste período, começa-se a estudar com maior ênfase a dimensão cultural das masculinidades e sua interface com imposições institucionais. Tais estudos vinculam-se também à crítica feminista, à teoria dos papéis, aos estudos psicanalíticos sobre “identidade de gênero” e aos estudos sobre homossexualidade (MARTINS, 2017, p. 104).

Ao serem questionados sobre as experiências na infância, sobre as brincadeiras e como se dava a relação dos interlocutores com os espaços onde moravam (as ruas, o bairro), é comum encontrar nas respostas a ideia explícita de brincadeiras de meninas ou de meninos. Essas respostas indicam como há a ideia de que exista uma brincadeira infantil que é mais voltada para meninas e outras que são voltadas para meninos. Mateus (59, 2020) exemplifica essa dicotomia ao afirmar que tinha muito mais interesse pelas brincadeiras “das meninas”, das bonecas e pelo universo entendido como feminino. Assim ele nos conta:

Eu já me identificava com tudo que mulher gostava, inclusive no tipo de esporte. Os meninos iam jogar futebol e eu ia jogar queimada com as meninas. Na época era queimada. E não tinha perigo nenhum, a gente ficava até tarde, minha mãe ficava brava porque já tinha passado do horário do banho, de deitar e no outro dia tinha que ir na escola. Mas eu me relacionava com todo mundo, com os meninos, as meninas, mas gostava de ficar mais com as meninas mesmo (Mateus, 59, 2020, Mococa).

Vejamos que essas distinções são colocadas contextualmente<sup>26</sup> para os sujeitos. A formação de suas subjetividades está atravessada pela pretensão política de impor os limites aceitáveis do gênero. O perigo desses limites é enfrentado por aqueles que transitam para além das fronteiras culturais do gênero que seu “sexo” impõe e as implicações de se ultrapassar esses limites estão nas retaliações e violências diversas. O reconhecimento como “viado”, “bichinha” para os homens que ultrapassam os limites da masculinidade é uma das estratégias para manter essas fronteiras reconhecíveis e temidas.

Richard Miskolci (2013) aborda como há uma relação direta e estreita entre os padrões culturais de masculinidade e a formação do Estado nação. A sua análise tece uma série de argumentos que apontam como os ideais nacionais estão fundados também por valores morais e sexuais bastante específicos e que tentam a produção de sujeitos normais. Sobre a relação entre a nação e o desejo, a homossexualidade enquanto categoria, afirma Miskolci, funciona exatamente como a fronteira entre a normalidade e anormalidade.

Nesse ponto, o conceito “heteronormatividade compulsória” é importante, pois possibilita costurar reflexões sobre essa dicotomia: masculino/feminino. O conceito heteronormatividade compulsória apresentado por Judith Butler (2015) possibilita refletirmos como a estruturação dicotômica desses símbolos são parte do regime heterossexual, pois reflete como a materialidade dos corpos estabelece implicações para a significação da realidade a partir dessa diferença entre o pênis e a vagina. Indo mais a fundo nessa discussão, é a partir desse conjunto reiterado e compartilhado culturalmente que os contornos corporais passam a ganhar significado e a ser compreendido socialmente, ou seja, o próprio sexo é uma forma significada (Judith Butler, 2019).

As narrativas e as lembranças que tecem a análise sobre essa intimidação por ter/agir a partir de determinadas normas de gênero vão ao encontro do texto de Paul Preciado (2020) em que o autor aponta que todas essas interferências que se sofre na infância não possui o objetivo de proteção contra possíveis violências, mas são tentativas de retroalimentar as normas que os adultos mesmo carregam em seus corpos. Assim, o autor argumenta:

A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia do gênero vigia o berço dos seres vivos que estão por

---

<sup>26</sup> É importante sempre ressaltar que quando estamos discutindo políticas de gênero, estamos abordando sobre práticas que são significadas em contextos específicos. Assim, foge-se do erro de atribuirmos ao comportamento dos sujeitos perspectivas que os homogeneizam e os essencializam.

nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma faz sua ronda em torno dos corpos frágeis. Se você não for heterossexual, a morte o espera. A polícia do gênero exige qualidades diferentes do garotinho e da garotinha. Ela molda os corpos a fim de desenhar órgãos sexuais complementares. Ela prepara a reprodução, da escola até o Parlamento, industrializa-a (PRECIADO, 2020, p. 70).

Paul Preciado (*ibid*) nos oferece uma reflexão pertinente para pensarmos como a formatação dos gêneros e dos corpos acontece e a localização da criança nesse processo. A aposta provocativa do autor nos desloca para pensar a transmissão das normas e padrões de gênero de geração para geração. Dessa forma, o adulto representa um importante elo que educa esses sujeitos para estarem prontos e enquadrados dentro do regime em que homem é homem e mulher é mulher. Vale lembrar, portanto, sobre a expectativa de que o menino cresça e se torne o homem forte, provedor, competitivo e agressivo, sendo todo este padrão de comportamento reiterado a partir de diferentes instituições sociais, tais como a educação familiar e escolar.

#### **4.1 Tensionando a produção de sexualidade e masculinidades no ambiente escolar**

Uma das instituições sociais relevantes para a formação social dos sujeitos é a escola. No que tange a questão das sexualidades e do gênero, Guacira Louro (2007) argumenta que a escola é um dos espaços principais na educação dos corpos. A autora argumenta, portanto, que a escola também atua no disciplinamento dos corpos. Ou seja, o sentido dessas práticas de disciplinamentos dos corpos está na construção de indivíduos docilizados, nos dizendo o tempo todo o que é preciso para sermos inteligíveis na lógica do que é ser homem ou mulher nos contextos em que vivemos.

Para a população LGBTQIA+ a escola muitas vezes representa um espaço de violência física e simbólica, pois muitas vezes não se cabe nessa estrutura. Louro (2007) já estava apontando sobre isso quando argumentava sobre as pedagogias da sexualidade dispendidas para a normatização dos sujeitos. Nesse sentido, é recorrente encontrarmos relatos sobre as homofobias no ambiente escolar. Os interlocutores também narram suas experiências negativas nesse espaço.

Eu não tive nenhuma dificuldade de aprender, identificar as letras do alfabeto, reconhecer meu nome. Mas eu era muito quieto, uma criança quieta. Eu não participava muito, porque já era a chacota por causa da minha voz que sempre foi assim. Mas eu sempre tinha um amiguinho que sentava junto sabe (Mateus, 59, 2020, Mococa).

Eu gostava mais de analisar tudo, do que me expor, não sei se era uma forma de proteção. E era interessante, eu entrava em uma sala, eu estudava cada pessoa que estava dentro da sala. Eu sabia como ela reagia e tinha os que eram afins e os que não eram afins. Eu nunca forcei barreira, se tinha afinidade e eu tive o prazer de estudar quase oito anos com o mesmo grupo de amigos (Marcos, 61, 2020, Mococa).

Eu sempre fui modelo de aluno, o melhor aluno da sala, o caderno mais bonito, a letra mais bonita, o mais criativo, o mais limpinho, o mais cheiroso. Porém, o mais hiperativo, o mais bagunceiro. Então, assim, o mais obediente. E, qual que era essa relação? Hoje, eu me enxergo que era por isso. Que eu tinha que ser melhor (...) tudo que eu estou te dizendo é o que a sociedade me impôs, não é o que eu acredito, claro. Eu tinha que ser o melhor aluno, eu tinha que ser o mais limpinho, o mais bonitinho, do cabelo mais (...) da meia sem sujeira, do tênis sem sujeira, da lancheira mais perfeita, para tampar entre aspas, para tampar a minha sexualidade, que era errada, pecaminosa, suja (Sander, 41, 2020, Alfenas).

Percebo que é recorrente esse comportamento introvertido em algumas respostas. Milton (23, 2020, Mococa) e Sander (41, 2020, Alfenas) relatam que eram alunos introvertidos na fase do ensino básico e também há a compreensão da necessidade de serem bons alunos para se desvencilhar dos preconceitos. Todas essas preocupações vão ao encontro também com a forma como enxergo hoje a minha timidez e o meu esforço por boas notas. Ser pouco notado muitas vezes pode ser compreendido como uma estratégia de defesa para ser menos visto e conseqüentemente não evidenciar os trejeitos de “viadinho”.

James Green (2019) aborda que foi na década de 1920 que o termo “viado” surgiu no vocabulário popular e se juntou a outros termos como “puto” e “fresco”. O que podemos extrair das reflexões que o autor traz com o surgimento desse termo está relacionado com as questões sobre as masculinidades, pois era utilizado para denominar homens efeminados. O autor pondera a dificuldade de conhecer a história do surgimento do termo, mas sugere: o termo surgiu a partir do fracasso de um policial em prender homens que ficavam na Praça da República no Rio de Janeiro, local de “pegação” entre homens na época. Como sua missão não fora concluída, ele descreve que ao tentar autuar os sujeitos, eles saíram correndo como veados. O termo é tão emblemático na cultura nacional que muitas vezes se evita tudo o que a ele esteja relacionado, como por exemplo, o número 24.

Os termos tidos como xingamento possuem importância na produção de sujeitos, eles funcionam como retaliações que são proferidas muitas vezes para humilhação. José

Silva (2019) em suas observações em uma escola notou como os meninos possuem o costume de mobilizar o termo “viado” nas relações entre si, funcionando como um marcador de fronteira que produz masculinidade e que tentam afastar tudo aquilo que pudesse representar o que é feminino.

Importante pontuar que a escola, portanto, em toda sua estrutura física e programática precisa ser pautada a partir dessa discussão aqui posta em cena. Uma fala trazida por Mateus (59, 2020, Mococa) e por Milton (23, 2020, Mococa) ganha relevância, pois ambos apontam seus traumas em relação a chacotas. Mateus traz em nossa conversa seu medo em ir ao banheiro, pois possuía receio do que poderia acontecer dentro daquele espaço. Ele nos conta sobre o medo de ser assediado, das piadas e violências que podiam acontecer.

Eu quase não usava os banheiros da escola, eu tinha medo de ir ao banheiro porque sempre dentro do banheiro vinha algum menino fazer alguma piadinha, querer brincar, mostrar o órgão sexual, e naquela época não tinha essa sexualidade aberta como existe hoje (Mateus, 59, 2020, Mococa).

Paul Preciado (2018) novamente nos coloca para refletirmos sobre a produção do gênero e dessa vez ele tensiona os banheiros como tecnologias de gênero. Pense nesse momento, por exemplo, a estrutura binária homem/mulher dos banheiros públicos. O que era para ser um lugar para fazermos nossas necessidades básicas, na verdade funcionam também como produtores de gênero. O medo recorrente de Mateus atua também nessa produção de um gênero masculino específico, pois, seu receio de frequentar esse espaço está relacionado com a retaliação por fugir das normativas que se espera de um menino.

Não há como fugir do debate sobre a construção das ideias sociais que estão envoltos nas masculinidades. As experiências que estão sendo relatadas nos diálogos que tive com os interlocutores estão apontando como a masculinidade sempre foi uma problemática importante. Na escola os limites aceitáveis de um comportamento posto para homens e mulheres são colocados. A educação formal, nesse sentido, corrobora com o projeto de constituição de gênero inteligíveis (Butler, 2015).

Quando estamos travando a análise sobre o que é ser homem ou quais são as qualidades que compõe aquilo que é masculino, precisamos pontuar aquilo que Pedro Oliveira (2004) argumenta sobre não cairmos no erro de definirmos a masculinidade como algo estático e essencial, pois como já dito, ela é contextualmente definida e passa a ser ressignificada a partir dos limites possíveis encontrados por cada sujeito, pois as



brechas nas normas da masculinidade abre margem para rearticulações, bem ao estilo do debate de Gilles Deleuze (2006) sobre a diferença e a repetição – a repetição nunca é mais do mesmo, mas sempre um espaço positivo de criação e recriação.

No que tange ao âmbito escolar, Milton (23, 2020, Mococa) discorre sobre as lembranças que possui do que ele entende hoje como homofobia, já que na época ele ainda não tinha capacidade de denominar tais violências. Já na adolescência, ele nos conta que essas violências foram se intensificando e percebe como o ambiente conservador da escola em que estudou durante o ensino médio contribuiu para isso. Perguntado sobre episódios que lhe vem à cabeça durante esse período ele nos relata:

Um menino, uma vez, eu acho comentou com uma outra amiga sobre mim. Eu estava, acho que correndo de um cachorro, e pelo meu jeito de correr (...) Olha as coisas, olha o nível que chega (...) Eles começaram a tirar o maior sarro, a rir descaradamente. Porque se não fosse descaradamente eu não ia perceber, obviamente. E isso me deixou bem triste, bem triste mesmo. Graças à Deus, eu tenho esse privilégio, eu nunca sofri uma agressão física na escola. Uma agressão física muito forte, mas na época, essas coisas, esses tipos de comportamento, esses olhares, essas conversas, tudo isso me afetava muito. Muito mesmo! (Milton, 23, 2020, Mococa).

Milton apresenta um dos choques que estão presente em suas lembranças durante o período escolar. Novamente, podemos localizar em sua fala a ridicularização da performatividade de gênero como uma das estratégias políticas de alertar o sujeito da incoerência. Um simples exercício feito por Milton, que foi o ato de correr, virou alvo de chacota de seus colegas de escola pelo fato de não atender as expectativas de correr “como homem”. Esse relato de Milton me fez lembrar sobre um episódio que aconteceu comigo nessa mesma escola durante o meu último ano de ensino médio.

Estávamos todos animados com a finalização do ensino médio e tinha-se o costume de alguns dias do ano irmos vestidos diferente para o “trote”. No dia em específico, o trote era para que fossemos vestidos de “emo”, uma estética que é relacionada com um estilo de música bastante comum à época. Peguei emprestado com uma amiga algumas roupas bem típicas desse estilo (roupas listradas, sapatos de estrela) e que muitas vezes eram roupas utilizadas por homens e mulheres. Parece que tudo ia bem, estava me divertindo e de repente eu ouço a seguinte interpelação de um dos colegas: “Era para vim de emo ou para vim de mulher?” Este foi como um soco no estômago e fiquei o resto das aulas envergonhado e cabisbaixo. Ser reconhecido como mulher era

para mim ser identificado como “viado” – algo que não tinha o valor de orgulho que possui para mim hoje.

Esse dia marcou as minhas lembranças sobre esse período escolar e logo me veio à tona quando ouvi o relato do interlocutor e quando o reli. José Silva (2019) indica a existência no espaço escolar de dinâmicas que atuam disciplinando os sujeitos (se munindo de uma reflexão teórica e conceitual foucaultiana). Suas análises apontam como diversas atividades, dinâmicas, interações e xingamentos atuam na produção de masculinidades aceitáveis. Em suas palavras:

Refletir sobre o papel da escola que investe na construção de um sujeito para uma sociedade disciplinar. Para que eles/as possam se autogovernar e assim percorrer outros contextos com seus corpos docilizados. Esse é um processo contínuo, onde diversas ações são reiteradas e naturalizadas. Ensinamos a posição correta e errada de cada sujeito, assim como o que é correto e errado ser dito, ouvido, pensado, vestido, entre outras ações. Será assim possível organizar essas pessoas em sociedade, cada uma tendo consciência de suas ações e de sua posição nas relações, realizando também um investimento sobre outras pessoas. Em determinado momento já se supõe que cada um possa se auto governar, ser o juiz de si mesmo (SILVA, 2019, p.103/104).

Podemos a partir da citação acima encontrar um diálogo com o debate que traçamos no primeiro capítulo sobre a sexualidade como um dispositivo na modernidade, assim como nos aponta Michel Foucault (1988, 2014). Nesse sentido, a escola como espaço educativo é também um importante local para a produção das sexualidades, das corporalidades e das expressões de gênero que são tidas como normais. E aqueles alunos e alunas que não se encaixam nos padrões esperados? Milton (23, 2020, Mococa) afirma que seria bastante profícuo se durante sua formação ele tivesse se deparado com um debate sobre diversidade de gênero e de sexualidade. Também compartilho da angústia trazida por Milton, assim como José Silva (2019) também corrobora com a necessidade de debate sobre tal temática ter sido traçado nas escolas que estudou.

Olha, eu acho que conhecer pessoas diferentes (...) as pessoas te abraçam como a família não te abraçou. Principalmente nós que somos LGBT e etc. Eu senti isso aqui em Alfenas. Então, se eu tivesse a oportunidade de voltar na adolescência, eu com certeza, faria novas amizades. Eu procuraria meios para me identificar na época. Porque hoje em dia, existem tantas pessoas que conseguem esse contato de conhecer outras pessoas, de conhecer lugares, de conhecer espaços (...) de fala, de comunicação, de pessoas que entendem sobre o assunto. Hoje em dia, por exemplo, eu presencio meninos e meninas se

assumindo com 12, 13 anos. Na minha época, eu jamais pensaria nisso, porque é diferente. Foi um momento diferente. É claro que isso tem a ver também com a tecnologia da informação, tudo se intensificou, enfim (Milton, 23, 2020, Mococa).

Sander (42, 2020, Alfenas) indica como o MGA teve uma atuação importante no amparo a pessoas LGBTQIA+ na escola. Ele nos conta que atuou em Alfenas dando palestras em escolas e narra que já foi procurado por alunas trans para relatar transfobia que estavam sofrendo pelo corpo docente e pela gestão da escola que estudavam. Apesar disso, ele nos relata sobre um evento que estava sendo organizado para acontecer em uma escola na cidade de Alfenas, mas que no dia do evento, a direção cancelou e deu como justificativa que ainda não estava na hora daquilo acontecer. Apesar dos entraves, o debate e a luta pelo reconhecimento existem e o MGA é uma das instituições que arregimenta esse processo em Alfenas. Sander aponta como é difícil, mas que a dificuldade precisa ser pensada produtora de pautas e lutas políticas:

Então, assim, é (...) essa evolução, ela caminha muito lento, muito lenta. É, eu já tive discussão com professora, com diretora, já militante, de escolas públicas de Alfenas, tenho até hoje, por questão de nome social, do banheiro. Tivemos um problema no CAIC, de duas trans que não podiam usar o banheiro feminino porque uma aluna evangélica reclamava e essa aluno evangélica tinha relação com vereador, o vereador com o prefeito que entreviu com a diretora (...) complicada. Agora, eu trago isso deste momento, 2018 e 2015 para você comparar com a minha realidade. Eu era o único gayzinho da escola. Eu era o único afeminado da escola, sempre fui afeminado, A palavra certa é efeminado. Sempre fui efeminado, sempre fui (...) sempre. Sempre gostei de brincar com as meninas e isso sempre teve muita dificuldade. Parecia que eu era um E.T. Como lidar com esse E.T. na escola? (Sander, 42, 2020, Alfenas).

As referências de outras pessoas LGBTQIA+ são apontadas pelos interlocutores como importantes para enxergar outras possibilidades de se viver, de referências positivas que mude a perspectiva sobre si mesmo e sobre a diversidade sexual e de gênero. A escola, como visto, deixou essa lacuna. Não se discutiu sobre assuntos que tangenciam sobre diversidade, sexualidades, identidade de gênero. No entanto, como aponta Milton (23, 2020) as novas gerações estão podendo ganhar esse referencial a partir dos conteúdos que são gerados pela internet, com os influenciadores digitais que vêm cada vez mais vem ganhando espaço e criando conteúdos em sites na rede social, como por exemplo, o

proeminente *YouTube*<sup>27</sup>. Pode-se apontar também para o movimento de levar para o espaço escolar a discussão sobre etnicidade, diversidade, identidade de gênero e orientação sexual. Tal movimento é parte do esforço de educadoras e educadores de estabelecer a temática para os alunos e alunas do ensino básico.

Portanto, podemos compreender que a escola é um espaço importante na construção dos sujeitos e na produção das masculinidades. Abordamos que se está produzindo gênero o tempo todo dentro desses espaços e que a pretensão em se ter uma delimitação entre feminino e masculino é institucional, pois está presente desde os currículos até a arquitetura. Apesar de toda essa pretensão, muitas vezes os sujeitos escapam a essa tentativa de encaixotamento em regras fixas, pois as dissidências resistem apesar da lógica de normalização. Todos os entrevistados dessa pesquisa, cada um em diferentes maneiras, puderam resistir a toda pressão da produção escolar da heterossexualidade e da masculinidade hegemônica.

#### **4.2 “Vira homem, rapaz. Aqui você vai virar homem”**

Alessandro (21, 2020, Alfenas) já havia pontuado em tópicos anteriores que compreendia essa sua liberdade de transitar pelos símbolos tidos como femininos e masculinos a boa relação que tinha com a sua família, em especial com a sua mãe. Sobre isso ele indica que a primeira vez que vestira uma saia foi em sua própria casa e teve a aprovação materna. Ele nos descreve como como foi a reação de sua mãe ao vê-lo pela primeira vez usando a vestimenta:

Quando eu sai, aí tipo, a minha mãe tava na porta e foi a primeira pessoa que eu vi. Ela começou a falar que tava muito bonito e que a saia tava bonita e que tinha ficado bonito. Aí, a partir daquele momento, eu tipo, para mim, foi o que eu precisava ouvir, porque assim, era a única pessoa que tinha que falar alguma coisa, sabe? Porque não importava outras pessoas, então, tipo, eu acho que foi muito isso assim, desse movimento, quando a gente recebe uma carta branca em casa, a gente fica mais tranquilo para ser como a gente é (Alessandro, 21, 2020, Alfenas).

---

<sup>27</sup> O *YouTube* é um importante canal de comunicação em que diversos usuários criam seus próprios conteúdos e compartilham em seus canais. O formato da plataforma é desenhado para que haja facilidade em se desenvolver seus vídeos e possibilita ser visto por pessoas em diferentes locais do mundo. Nessa plataforma se é possível encontrar inúmeros vídeos debatendo temas como os que estão orbitando essa discussão. Esse é um insight produtivo que levaria por si só uma pesquisa inteira e que aqui está apenas sendo pontuado.

Novamente, podemos perceber através da resposta dada acima como o núcleo familiar é um importante núcleo de construção e desconstrução de paradigmas, dentre eles os modelos de masculinidades. A aprovação materna com relação ao uso da saia possibilitou com que Alessandro se sentisse legitimado de transitar com adereços e vestiários que são tidos como femininos. André (43, 2020, Alfenas) vai ao encontro das reflexões trazidas ao comentar sobre a aceitação que sua família teve com relação a seu primo e reflete que o acolhimento familiar possibilitou com que ele desenvolvesse suas habilidades na área da moda. Diferente desse acolhimento, ele relata também como presenciou casos de amigos em que suas famílias não tiveram a mesma aceitação e de como isso teve implicações negativas em suas subjetividades.

A construção da masculinidade passa necessariamente pela família. Pedro Oliveira (2004) argumenta a afinidade que existiu historicamente entre a masculinidade e a família. Segundo a análise histórica do autor, é na modernidade que a masculinidade surge como um símbolo significativo e arregimentou a permanência de algumas instituições, tais como a instituição familiar. O modelo de família monogâmica e patriarcal está calcado também nos modelos da masculinidade viril que caminha lado a lado com o assentamento dos valores burgueses, bem como a exclusão de todas as expressões que fugissem dessa virilidade.

O argumento de Pedro Oliveira (*Ibid*) permite corroborar com a discussão, pois, afirma a relação direta existente entre a família e a masculinidade. Mais que isso, é importante pontuarmos que a masculinidade agiu como mantenedora dos valores familiares burgueses. No imaginário, ainda há esse lugar em que a masculinidade detém um valor simbólico de prestígio e, no intento de manter toda a coerência cultural, espera-se que as novas gerações retroalimentem tais padrões.

Esse é um ponto importante no debate, pois é muitas vezes a família que pode representar o porto seguro ou abandono. Nos dois casos, de André e Alessandro, a família teve uma reação positiva e o acolhimento com relação a sexualidade. As reflexões de Emerson Martins contribuí com o que está sendo apontado aqui: “No caso, a família tem centralidade nisto, já que contato e o nível de resposta, responsabilidade de *feedback* do que somos, é sempre intenso e cenário de acolhimento e sofrimento” (2017, p. 194).

Ao contrário dos exemplos citados, Sander não teve uma relação boa na sua trajetória de vida, pois sempre via a necessidade de atender a expectativas de seu tio e de sua mãe. Assim ele nos conta:

Não só no seio familiar, que era a minha mãe que morava com um tio meu, irmão dela, que era quem sustentava a família, que era a figura masculina que eu tinha e era totalmente heterossexual, machista, arrimo de família, que não podia chorar, que não podia (...) enfim, não podia usar roupa nem colorida, filho de italiano que ele é, roupa cinza, marrom e preta (Sander, 41, 2020, Alfenas).

Essa preocupação com o comportamento desviante está então presente direta ou indiretamente nas correções dispendidas, como foi apontado nos trechos acima. Pode-se destacar a partir dos relatos que isso faz parte das preocupações dos contextos de cidades pequenas e interioranas em atender a necessidade de reconhecimento e aceitação. Sobre isto, Joseli Silva aponta que há uma busca para “obter o reconhecimento da coletividade e aproveitar-se das relações sociais profundamente marcadas pela pessoalidade” (2000, p. 27). Assim, busca-se sempre evitar os comentários, as piadinhas e a ruptura dos padrões culturais previstos para aqueles sujeitos e sujeitas.

Com relação a essa busca de manter sempre um padrão de masculinidade específica por medo do que os outros vão falar, mais uma vez a fala de Sander nos coloca para refletir sobre a relação do “inferno da pessoalidade” (Prado, 1995). Em uma de suas falas, o entrevistado pontua sobre a necessidade que via em manter uma postura que não desagradasse o tio, advogado e bastante conhecido na cidade de Alfenas. Foi a partir disso que Sander se inseriu cada vez mais no âmbito religioso, no interesse em ser padre e se enclausurar no seminário, a fim de escapar de tudo aquilo que o relacionaria à homossexualidade e poderia envergonhar seu tio e sua mãe.

Imagina que vergonha para o meu tio advogado, quem me bancava já que meu pai me abandonou, quem me sustentava, quem punha comida na mesa, ter um sobrinho viado morando (...) por várias vezes, eu lembro de ele me mostrar a cinta e me falar: ‘Vira homem, rapaz. Aqui você vai ficar homem’. A cinta era ameaça. Minha mãe falava que preferia um filho morto do que um filho gay. Então, isso tudo era por eles, né? Era contra a minha felicidade. Era ir na marcha ré da vida mesmo. Eu queria esconder, eu queria tampar como se fosse possível, né? (Sander, 41, 2020, Alfenas).

Essa preocupação com “o que os outros vão falar?” compunha uma tensão no ambiente da casa que indica a preocupação dos responsáveis com relação aos filhos e com relação a sua própria atuação como multiplicadores das normas de gênero. No entanto, no espaço da rua a relação apresenta outros sentidos: tem-se maior liberdade em estar presente brincando com as outras crianças, sem maiores problemas com relação a

preocupação com essa questão. Assim, articulo aqui que muitas vezes pude estar presente entre brincadeiras com meninos e com meninas, fazer parte das rodas de conversas na rua em que morava sem ter uma cobrança maior sobre agir de tal forma. Tal experiência na rua foi abordada no capítulo anterior, mas a retomamos para reafirmar como há uma possibilidade para pensar o espaço da rua na infância, muitas vezes, a liberdade com relação a isso pode ser muito maior que no âmbito da casa:

Então, essa questão do espaço público, foi muito legal, muito tranquilo. (Sander, 41, 2020, Alfenas).

Minha família era de classe média baixa. Meu pai era pintor de parede, trabalhou na CESPE e minha mãe era doceira e no bairro onde eu morava hoje é praticamente o centro, a cidade abraçou, né? Lá eu tinha uma turma de amigos muito legais, a gente tinha muita amizade e tudo (Mateus, 59, 2020, Mococa).

Na verdade eu acho que é uma dualidade, porque eu vivi uma criança viada, mas uma criança viada que ficava no meio de homens. Eu acho que é muito natural, não sei se somente aqui em Alfenas, mas nesses tipos de bairros, é super natural, principalmente enquanto criança, umas crianças viadas junto com os moleques héteros. Então, acho que foi os dois: uma criança viada que estava no meio dos hetero (Alessandro, 21, 2020, Alfenas).

As falas acima colocam para reflexão a questão da suposta dualidade rua e casa que também foi discutida no capítulo anterior. A narrativa que trouxe os três interlocutores acima também está presente em menor ou maior grau em todas as falas dos outros entrevistados, a liberdade que ambos compreendem ter durante a infância nos bairros em que viveram. Alessandro (21, 2020, Alfenas) escancara como não houve maiores problemas com relação aos seus comportamentos e trejeitos nos espaços da rua quando era criança ou adolescente, não havia nenhuma dificuldade muito aparente para ele enquanto uma “criança viada” e em ocupar as brincadeiras e a dinâmica que acontecia nos espaços da rua.

Essa é uma das referências que foi trazida e que cruzou com a minha própria experiência – a rua, nesse contexto, representou para os meus interlocutores e para mim o espaço de uma heterotopia (Foucault, 2013). Era no ambiente da casa que a produção da sexualidade e do gênero normativo tinha maior preponderância e seu exercício acontecia com maior violência. É o que nos relata Milton (23, Mococa, 2020) ao lembrar sobre as diferentes violências que sofreu durante o seu percurso de vida com a sua família e sua mãe. Ele nos lembra sobre um fato que o marcou quando se sentiu motivo de chacota

em um churrasco de família, afirmando que percebeu as risadas de seus parentes ao comentarem sobre seus trejeitos femininos.

Então, a gente estava em uma casa, em um churrasco e as pessoas começaram a conversar, buchichar entre elas sobre a minha pessoa e eu já sabia o que era. Me incomoda com toda a certeza. O motivo dos comentários era pelo meu jeito de ser, de me portar, do jeito de me sentar na cadeira, esses episódios me marcaram muito. Tanto na escola, quanto na família (Milton, 23, 2020, Mococa).

Apesar de ter essa distinção aqui delineada (a casa e a rua), não podemos apontar que o âmbito da casa esteja separado do âmbito da rua. O que se pode perceber com essa análise é que as interferências que muitas vezes tais crianças recebem de seus familiares está relacionado com as preocupações sobre as possíveis repercussões sobre a masculinidade ou a feminilidade da criança no âmbito da rua. Dito em outras palavras, há uma inter-relação e uma porosa fronteira entre esses âmbitos. Não que o espaço da rua seja totalmente seguro para sujeitos de sexualidade dissidente no contexto aqui desenhado, mas o que me foi narrado delineia como muitas vezes o ambiente familiar pode causar muito mais traumas que o ambiente da rua.

Larissa Pelúcio e Shelton Cicco (2019) já expuseram como as cidades pequenas e interioranas muitas vezes possuem dificuldade em atualizar seus valores morais e sexuais. Toda essa problemática reforça a dinâmica da produção de uma masculinidade viril e de uma performatividade que expresse todos os padrões esperados do que é ser homem. Novamente podemos nos apoiar nas análises de Pedro Oliveira (2004), pois o autor lança luz sobre essa discussão ao explorar como o contexto de cidades pequenas atua no reforço da honra e da masculinidade. Segundo o autor, em tais contextos, a expectativa que se tem com relação a tais características é maior devido a coerção social ser mais elevada.

Além disso, outro ponto é importante ao tratarmos da coerção social desses contextos: o medo dos comentários sobre os desvios possíveis dos gêneros. A tensão com relação às fofocas e comentários também influi diretamente na produção de retaliações sobre como o filho ou a filha deve se portar diante das pessoas. Esse *insight* também é trabalhado por Pedro Oliveira (*Ibid*) quando analisa as implicações das fofocas e dos mexericos na consolidação da masculinidade. Nas palavras do autor:

As fofocas e os mexericos não existem de modo reificado. São os grupos que atuam por meio deles. Grupos bem integrados tendem a fofocar mais livremente do que os menos integrados. Fofocas reforçam



a coesão existente no grupo. Vistas como vivências interacionais da masculinidade, elas normalmente tendem a tornar abjetos os comportamentos que não seguem a cartilha do padrão tido como válido pelo senso comum, desonrando os homens que se desviam do decoro masculino, principalmente no que toca à orientação sexual (OLIVEIRA, 2004, p.268).

As fofocas são constitutivas das relações sociais e ganham maior amplitude devido à proximidade dos vínculos sociais. Nesse sentido, a vigilância com relação ao comportamento dos sujeitos atua na produção de corpos e identidades aceitáveis. A família e a escola, como já abordado, tenta proteger a retroalimentação da coerência identitária de seus membros exercendo pressões físicas e/ou psicológicas. Muitas vezes, tais sujeitos se escondem no anonimato ou preferem explorar seus desejos em outras cidades, assim como já foi apontado no final do segundo capítulo.

Eve Sedgwick (2007) ao discorrer sobre o regime do armário, o que a autora denomina como “epistemologia do armário” apresenta uma análise sobre a produção da cultura ocidental atravessada pelos meandros que marcam essa relação entre revelação e segredo, público e privado. No que tange as análises aqui delineadas, lidar com essas pressões sociais que projetam padrões específicos demanda dos sujeitos energias para manutenção dos comportamentos que atendam essas expectativas. Tal regime atua na produção de zonas em que o segredo precisa ser mantido e zonas em que isso se dissipa. Não importa se o sujeito é assumido para a família e/ou amigos, ele sempre vai lidar com a presença formadora do “armário” em algum âmbito de sua vida.

Novamente, os entrevistados indicam como circular pelas cidades vizinhas permitiram com que conhecesse e explorasse seus desejos por outros homens e fugir dos comentários com relação à sexualidade. Tomando as reflexões ingoldianas (Tim Ingold, 2015), esses trajetos criam linhas e malhas de significado que (re)elaboram suas masculinidades, suas sexualidades, seus gêneros e implica no fazer cidade. Assim, tais movimentos são fluxos contínuos e importantes que demonstram como tais contextos não são estáticos, mas inseridos nesses circuitos e dinâmicas entre as cidades do interior.

Por fim, finalizamos esse capítulo com as ponderações das autoras Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha (2013) em que apontam: “É nos relatos de vida apreendidos em narrativas que procedemos à interpretação das formas de viver sociabilidades que tecem redes de interações nos ritmos da vida cotidiana” (ECKERT; ROCHA, 2013, p. 136). As narrativas aqui tecidas, demonstram como os contextos aqui delineados implicam diretamente na dimensão das masculinidades dos sujeitos, das sexualidades que são tidas

como culturalmente aceitáveis e a circulação que empreendem por entre as cidades na busca de mais liberdade para explorar suas sexualidades.

### **Considerações finais**

O objetivo desta pesquisa foi investigar as experiências de homens que se relacionam afetiva e sexualmente com homens em contextos de cidades pequenas e interioranas. Problematizamos a partir desse objetivo a relação de coprodução entre a sexualidade e o contexto em que se vive. Neste sentido, apontamos para refletirmos sobre os limites e estratégias que os sujeitos encontram para vivência de seus desejos. Para isso, iniciamos nossa imersão reflexiva tecendo análises sobre a dimensão da sexualidade como um dos âmbitos sociais que dispõem padrões normativos para a produção de sujeitos. Como visto, a sexualidade é um dos dispositivos consolidados na modernidade e que atua como produtora de normalidades e anormalidades. Pode-se perceber essa produção na vida prática dos sujeitos desde o nascimento: cores, vestiários, padrões de comportamento e emoções.

No primeiro capítulo tecemos a discussão apresentando como foi na modernidade que a preocupação com a sexualidade ganhou maior relevância pública. As discussões foucaultianas apontaram para a dimensão normativa e produtiva da sexualidade. O processo de sujeição no qual os indivíduos estão imersos está atravessado por políticas de controle da sexualidade, do gênero e dos corpos. Esse movimento articula artimanhas bastante sofisticadas para (in)corporar padrões hegemônicos.

Ao longo da discussão sobre a sexualidade, apontou-se como a homossexualidade foi produto da própria lógica heterossexual que criou os limites do possível. Nesse sentido, está-se argumentando que há um movimento dialético de produção entre heterossexualidade e homossexualidade, uma coproduzindo a outra e estabelecendo as fronteiras do permitido e do proibido. A homossexualidade, como discurso jurídico e médico, marcou no século XIX o objetivo explícito de circunscrever, como patologia médica e legal, a manifestação do desejo por pessoas do mesmo “sexo”. Percebe-se que esse movimento tentou dar nome às “abjeções”.

A perspectiva butleriana dá conta de nos expor uma chave analítica que indica a dimensão da coerência social necessária a ser estabelecida pelos sujeitos. A autora afirma sobre a necessidade de que se mantenha a relação de coerência cisheteronormativa entre

o sexo, o gênero e o desejo sexual. Essa expectativa é resultado da estratégia do sistema cisheteronormativo que intenta produzir sujeitos “normais” e corporalidades que são reconhecidas como humanas. Nesse movimento, os sujeitos precisam estabelecer e manter a relação esperada entre, por exemplo, ter pênis – ser homem – viver nos padrões comportamentais esperados para o “ser homem” - sentir desejos por outras mulheres (com vagina). Em sua reflexão ética, o preço de se bagunçar todo esse esquema é a precarização cada vez maior da vida.

No entanto, há contra discursos. Apostas políticas e filosóficas que apostam em ampliar e desnaturalizar o movimento da heterossexualidade compulsória. A teoria *queer*, como visto é uma das alternativas epistemológicas que lança luz a essa fasta dicotomia entre a heterossexualidade e a homossexualidade. Além disso, tal perspectiva resgata todo esse movimento de estigmatização e o desloca para uma ressignificação que aponta a importância política desse espaço marginal. A positividade do *queer* está na capacidade de produzir mudanças a partir das brechas e fissuras.

A sexualidade é, como visto, parte que também atua na produção de subjetividades e implica diretamente na vida prática dos sujeitos. Apesar disso, é necessário pontuar que tais implicações precisam ser analisadas a partir da contextualidade. É a partir desse movimento que se coloca a importância e a necessidade de também articular análises sobre o espaço e a cidade nesse sistema de produção da dinâmica e das relações humanas. Procuramos, a partir desta pesquisa, argumentar como a cidade não pode ser simplesmente vista como palco em que a vida acontece, mas como parte daquilo que atua na (co)produção da vida. Indo ao encontro desta afirmação, procuramos a partir do segundo capítulo, pontuar que o espaço e a cidade atuam politicamente como produtos e produtores das relações sociais. A perspectiva lefebvriana, articulada junto a outros autores, corrobora com a nossa proposta ao afirmar que o espaço é a própria materialização ideológica. Dito isso, está-se ressaltando que o espaço não é neutro, mas parte importante na teia de produção da realidade.

Apesar disso, os sujeitos articulam suas artimanhas e estratégias para tentar, mesmo que minimamente, escapar de toda as normativas espaciais e sexuais dispostas. A corpografia é uma dessas apostas teóricas e políticas que permitem repensar os usos, memórias que os cidadãos carregam através das experiências que vivenciam na cidade. Essa reflexão tensiona analisarmos também o espaço e as cidades não como âmbitos estáticos e deterministas, mas reapropriados e ressignificados pelas pessoas que ali

transitam. Michel de Certeau já fomentou essa discussão ao discorrer sobre como o lugar é o arranjo de símbolos que estão ali organizando e significando o espaço.

A articulação entre sexualidade e espaço está aqui entrelaçada ao analisarmos as experiências de homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens em contexto de cidades pequenas e interioranas. Três qualidades desses contextos ganharam destaque: a pessoalidade, a percepção da falta de movimento e a inexistência de espaços de pertencimento para pessoas LGBTQIA+. Com relação a esse último, os interlocutores desta pesquisa apresentaram suas reclamações com relação a falta de espaço para socialização e pertencimento. A lacuna no espaço desses contextos está compreendida aqui como parte do “regime de visibilidade”. Ou seja, limites imposto sobre aquilo que pode ou não pode ser visto.

Com relação a pessoalidade, os interlocutores da pesquisa apresentam uma série de relatos que apontam como Mococa e Alfenas estão atravessados por esta qualidade. A pessoalidade é a proximidade entre os vínculos nas relações entre as pessoas. Assim, a pessoalidade permite, por um lado, que os sujeitos tenham sempre com quem contar – como foi demonstrado a relação com a vizinhança. Por outro lado, ela implica com que os sujeitos precisem sempre repensar formas de omitir aquilo que não é socialmente bem visto, como por exemplo, o desejo de homens por outros homens.

Ainda em se tratando sobre a pessoalidade, pode-se perceber sua atuação no borramento das barreiras entre o público e o privado. As experiências narradas pelos sujeitos dessa pesquisa dão conta de indicar que há sempre um embaralhamento destas duas instâncias no que tange às cobranças familiares que os sujeitos tiveram. Toda essa expectativa familiar compõe muito das falas trazidas nas entrevistas: seja e haja a partir de determinados padrões para que não se fale de você. Essa é a lógica que destoa os limites do binômio fora/dentro, público/privado, família/vizinhos porque as expectativas são estabelecidas entrelaçando esses diferentes âmbitos.

Em se tratando dessas expectativas, identificou-se o papel preponderante da família e da escola na produção de masculinidades. “Aqui você vai virar homem” é uma das expressões que denominam uma subseção do terceiro capítulo e ilustra como a família e a escola são duas instituições sociais importantes e que atuam diretamente na produção e correção da performatividade de gênero dos sujeitos. Novamente, há uma articulação complexa entre a produção de gêneros inteligíveis culturalmente, a sexualidade heterossexual como norma e a dinâmica do contexto em que se vive.

Ser homem não pode ser analisado como condição essencial, estática e universal. Pelo contrário, ela precisa ser pensada como dinâmica e produzida contextualmente. Como foi apresentada, cidades pequenas e interioranas ainda compartilham a importância dos estereótipos do homem viril. Muito daquilo que se espera do “ser homem” está alinhado pelo reconhecimento da comunidade, pelo medo do que “vão falar”, dos comentários e fofocas. Nesse sentido, tais contextos atuam também na produção de masculinidades.

Apesar disso, nossos interlocutores abordaram a partir de suas histórias de vida como estão sempre, em maior ou menor grau, escapando dessas normativas todas. Os sujeitos passam a reelaborar tais dinâmicas a partir de seus desejos, em diferentes maneiras, seja pela simples presença de um corpo estranho. Sobre isto, esta pesquisa apontou que os sujeitos traçam estratégias para exercerem seus desejos, mesmo que muitas vezes seja nas margens e rugosidades da cidade. As sombras e lacunas que as cidades produzem são ocupadas por tais desejos, em que os sujeitos passam a os experimentar. Outro ponto importante é como os sujeitos estão sempre em movimento, seja na própria cidade, seja entre as cidades do interior – gerando fluxos e mais fluxos de informação que também atuam na produção e reelaboração das cidades.

Por fim, esta pesquisa pôde demonstrar a importância e a necessidade de se pensar como as sexualidades dissidentes também estão presentes em contextos de cidades pequenas e interioranas. Mais do que isso, tais sujeitos atuam ativamente e passivamente na produção dessas cidades, muitas vezes literalmente, fazendo sexo nos bairros de loteamento. Apesar do regime político cisheteronormativo de produção das cidades atuando na visibilidade/invisibilidade, na produção de masculinidades – os sujeitos estão sempre escapando e bagunçando/borrando as fronteiras, seja do que é ser homem, do que é ser homossexual ou dos limites geográficos da cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

**AGIER, Michel.** Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, XXXX.

**ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de.** A pastoral do silêncio: Michel Foucault e a dialética revelar e silenciar no discurso cristão. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 5, n. 06, 26 nov. 2012.

**ALMEIDA, Vinicius Santos.** Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência dos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 271 p. 2019.

**ALMEIDA, Miguel Vale de.** Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal – Anuário Antropológico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996

**BENTO, Berenice.** Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. Revista Contemporânea v. 4, n. 1 p. 165-182 Jan.–Jun. 2014

**BOURDIEU, Pierre.** O poder simbólico. Rio de Janeiro – Editora Bertrand Brasil, 1989.

**BRITTO, Fabiana.** “A ideia de corpografia urbana como pista de análise”. Revista Redobra, nº 12, ano 4, p. 36-38, 2013.

**BRITTO, Fabiana.; JACQUES, Paola.** “Cenografias e corpografias urbanas”. Cadernos PPG-AU/UFPBA. Vol. 7, edição especial, 2008.

\_\_\_\_\_. Corpo e cidade – coimplicações em processo. Rev. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez, 2012.

**BUTLER, Judith.** Corpos que importam. – São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

\_\_\_\_\_. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

\_\_\_\_\_. Corpos que ainda importam. In: Dissidências sexuais e de gênero. Salvador: EDUFBA, 2016.

**CARLOS, Ana Fani A.** O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

**CARVALHO, Claudio Oliveira; MACEDO JUNIOR, Gilson Santiago.** ‘Isto é um lugar de respeito! ‘: A construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano. Revista de Direito da Cidade, vol. 09, pp. 103-116, 2017.

**CERTEAU, Michel.** “Caminhadas pela cidade”. In: A invenção do cotidiano. 3ª edição – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

**CICCO, Shelton Y. J. de; PELÚCIO, Larissa.** “No interior não tem nada para fazer”: derivas das sexualidades no interior paulista. *Periodicus*, n. 9, v. 1. maio-out, p. 345-376, 2018.

**CONNELL, Raewyn; MASSERSCHMIDT, James W.** Masculinidade hegemônica: repensando o conceito – *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro/abril/2013

**DAMATTA, Roberto.** *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª edição, Rio de Janeiro – 1997.

**DELEUZE, Gilles.** *Diferença e repetição*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006

**FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel C. de V.** Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 8, n. 11, p. 211-236, 2014.

**FOUCAULT, Michel.** *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Ética, sexualidade, política*. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. – 24 ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade*. Verve, 5: p. 260 – 2077, 2004.

\_\_\_\_\_. *O corpo utópico; As heterotopia / - São Paulo: n-1 Edições, 2013*

**FRY, Peter; MACRAE, Edward.** *O que é homossexualidade*. – São Paulo: Abril Cultural: Editora Brasiliense, 1985.

**GARCIA, David Córdoba.** *Teoría queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad*. In: *Teoría Queer: Políticas* Bollerías, Maricás, Trans, Mestizas. – Madrid: Editora EGALES, 2005.

**GEERTZ, Clifford.** *A interpretação das culturas*. – 1. ed. 13.reimp. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

**GIDDENS, Anthony.** *As consequências da modernidade*. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

**GREEN, James N.** *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 2 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2019.

- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely.** Micropolítica - cartografias do desejo. – Petrópolis: Editora Vozes, 4ª ed., 1996.
- HALL, Stuart.** A identidade cultural na pós-modernidade. – 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- INGOLD, Tim.** Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- JACQUES, Paola.** (2005) “Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade”. Revista Arqtexto n. 7.
- JUNIOR ALBUQUERQUE, Durval Muniz.** A pastoral do silêncio: Michel Foucault e a dialética revelar e silenciar no discurso cristão. Revista Bagoas, n. 06, p.69-89, 2011.
- KAPFERER, Bruce.** *Performance and Structuring of Meaning and Experience.* In: *The anthropology of experience.* Edited by Victor Witter Turner and Edward M. Bruner, University of Illinois Press, 1986.
- LAVERDI, Robson.** Cidade, trabalho e homossexualidade vividos: por uma história oral da alteridade gayem pequenas cidades no Brasil. Oral History Forum d’histoire orale 32, 2012.
- LEFEBVRE, Henri.** Espaço e política. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LOPES, Moisés A. de Souza.** Algumas observações sobre as homossexualidades em “contextos interioranos”: lançando questões “fora dos centros”, Amazôn., Rev. Antropol. (Online) 8 (1): 24 – 37, 2016
- LOURO, Guacira Lopes.** “O corpo educado: pedagogias da sexualidade”. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme C.** De perto e de dentro: notas para uma etnografia. Rev. bras. Ci. Soc. [online], vol.17, n.49, pp.11-29, 2002.
- MARTINS, Emerson.** Uma hermenêutica da homossexualidade: o fazer-se gay como prática política de liberdade em cidades pequenas. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017.
- MARTINS, Emerson; ROSA, Rogério M.; Toneli, Maria J.; BEIRAS, Adriano.** Cuidado de si, modos de vida e práticas de liberdade: o fazer-se gay em cidades pequenas. Revista Reflexões, Fortaleza – CE – Ano 9, nº 16 – Janeiro a Junho de 2020.
- MASSERSCHMIDT, James W; CONNELL, Robert W.** Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21 (1): 424, janeiro-abril, 2013
- MAUSS, Marcel.** Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MEAD, Margaret.** Sexo e temperamento. – 4ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo, Editora perspectiva, 2003.



**MEIHY, José C. S. B.** Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. *Revista de História* 155, p. 191-203, 2006.

**MENEZES, Marluci.** Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n. 13, p. 155-175, jun. 2000.

**MISKOLCI, Richard.** Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Revista Bagoas*, n. 11, p. 51-78, 2014.

\_\_\_\_\_. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autentica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

\_\_\_\_\_. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins de século XIX*. – São Paulo: Annablume, 2013.

**NASCIMENTO, Silvana de Souza.** *Faculdades femininas e saberes rurais. Uma etnografia e socialidade no interior de Goiás*, - São Paulo: Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP, 2008.

**OLIVEIRA, Pedro Paulo de.** *A construção social da masculinidade – Belo Horizonte*: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

**PARK, Robert Ezra.** A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: *O Fenômeno Urbano*. Organizado por Otávio Guilherme Velho – Rio de Janeiro, 1967.

**POLLAK, Michael.** Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

**PRADO, Rosane M.** Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, v.: il, 1995.

**PRECIADO, Paul B.** *Manifesto contrassexual*. – São Paulo: n-1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. Quem defende a criança queer? In: *Apartamento em Urano: Crônicas da travessia*. Editora Zahar, 2020.

\_\_\_\_\_. “Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais””. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19 (1): 312, 2011.

\_\_\_\_\_. *Lixo e Gênero. Mijar/Cagar. Masculino/Femino*, 2018. Texto disponível em: <https://www.select.art.br/lixo-e-genero-mijar-cagar-masculino-feminino/> (acesso no dia 20/01/2021).

**ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornélia.** Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. *RUA [Online]*, n. 16, v. 1, 2010.

\_\_\_\_\_. Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleção etnográficas, - Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

**ROGERS, Paulo.** Os Afectos Mal-Ditos: O Indízivel das Sexualidades Camponesas. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Brasília, 2006.

**ROLNIK, Rolnik.** “O que é cidade”. São Paulo: Brasiliense, 1995.

**ROVAI, Marta G. O.** Que possamos ser o que somos. 1. Ed. – Alfenas, MG, 2019.

**SANTOS, Milton.** (2012) “Pensando o Espaço do Homem”. – 5 ed., 3. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

**SCOTT, Joan.** Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995

**SEDWICK, Eve Kosofsky.** A epistemologia do armário, cadernos pagu (28), janeiro – junho, 2007.

**SENNET, Richard.** “Carne e Pedra – o corpo e a cidade na Civilização Ocidental”. Record, Rio de Janeiro, 2003.

**SILVA, José Rodolfo L. da.** “SEJA HOMEM DE VERDADE!”: (Re)constituindo masculinidades numa escola de cidade pequena e do interior. Dissertação – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

**SILVA, Joseli Maria.** Cultura e territorialidades urbanas – uma abordagem da pequena cidade. Revista de História Regional, n. 5, p. 9-37, 2000.

**SILVEIRA, Flávio Leoneu A.** A poética do cotidiano missioneiro: etnografia e reflexão sobre si mesmo. Compartilhando imagens e emoções com os contadores de causos nas Missões Gaúchas. Cadernos de campo, São Paulo, n. 16, p. 13-29, 2007.

**SIMMEL, Georg.** As grandes cidades e a vida do espírito. MANA 11 (2): 577-591, 2005.

**THOMAS, Keith.** O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800) – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

**TREVISAN, João Silvério.** Devassos no paraíso: (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). – Ed. revisada e ampliada – 8ª ed. – Rio de Janeiro, Record, 2011.

**TRUJILLO, Gracia.** *(Pre)ocupando al 15-M. Activismo feministas y queer/cuir en las protestas contra las políticas de austeridad.* In: Dissidências sexuais e de gênero. – Salvador: EDUFBA, 2016.

**VELHO, Gilberto.** *Um Antropólogo na Cidade: Ensaios de Antropologia Urbana.* Seleção e apresentação: Hermano Vianna, Karina Kuschnir e Celso Castro. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.

**VIDARTE, Paco.** Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: n-1 edições, 184 p., 2019

**WAGNER, Roy.** A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

## ANEXOS

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Apresentação do pesquisador e dos objetivos da pesquisa para o entrevistado;  
Salientar a importância do depoimento para o trabalho, para a construção do conhecimento;  
Pedir autorização para gravar, garantindo que preservará o anonimato;  
Dizer que caso tenha alguma passagem que queira o gravador desligado, é só pedir.

2. Informações básicas do entrevistado

Nome;

Idade;

Naturalidade;

Escolaridade;

Estado civil;

Como você define sua sexualidade?

Como você define sua identidade de gênero?

Autodeclaração de raça/cor;

Possui irmãos? Quantos?

(Explorar as respostas, estimulando o entrevistado a dar exemplos de situações vividas por ele e outros conhecidos)

3. O tópico tem como objetivo compreender a infância do entrevistado, tentando perceber os elementos de ser gay na infância em cidades interioranas.
  - Conte sobre sua infância, sua experiência de ser criança nos bairros/ruas em que morou,
  - Você consegue mapear elementos dessa experiência na infância nos bairros/ruas que tenha relação com ser uma criança que hoje se define como gay?

- Conte sobre primeiros anos de escolarização, suas experiências nos primeiros anos de escola, sua relação com a dimensão da sexualidade, as implicações dessa dimensão na escola.
4. O tópico tem como objetivo compreender a adolescência do entrevistado, tentando perceber os elementos de ser gay na adolescência:
- Conte sobre sua adolescência, sua experiência de sua adolescência nos bairros/ruas em que morou;
  - Quais eram as formas mais frequentes de entretenimento na cidade que você recorria como adolescente na cidade?
  - Qual era sua relação com a sexualidade na adolescência e como você viveu isso nos espaços da cidade?
5. O tópico tem como objetivo analisar a dimensão da sexualidade dos sujeitos, posteriormente compreender a relação entre a dimensão de ser gay e a cidade.
- Com quantos anos você se assumiu? Conte sobre esse processo;
  - Percebe alguma diferença na maneira com que você se relaciona com a cidade antes e depois de se assumir?
  - Quais são os lugares que você frequenta para se divertir/confraternizar?
  - Possui algum receio/medo ao andar pela cidade por conta de sua sexualidade? Sente-se seguro?
  - Já sofreu alguma violência física ou verbal de homofobia? Conte como foi.
  - Possui algum estabelecimento ou trajeto que evita por se sentir desconfortável/inseguro por conta da sua sexualidade?
  - E espaços públicos nos quais se sente mais confortável/acolhido?
  - Costuma demonstrar afeto em público no parceiro? Qual a sensação que te ocorre ao demonstrar afetos?
  - Hoje, qual a sua relação com seu bairro/rua/ambiente de trabalho?

- Se você um gestor público e levando em conta sua sexualidade: Quais iniciativas tomaria para que a cidade seja aquilo que você gostaria que fosse.
- Por fim, gostaria de acrescentar alguma informação que não foi discutida em relação a dimensão da sexualidade e da cidade?

O tópico 6 foi pensado especificamente para ser direcionado ao presidente do Movimento Gay de Alfenas (MGA):

6. Tópico específico para o presidente do MGA.
  - Conte-nos um pouco sobre o início do seu envolvimento com o MGA;
  - Quais foram as maiores dificuldades que você encontrou para construir e manter o MGA?
  - Quais foram e são as reações do poder público com relação ao MGA e a parada LGBT?
  - Como você percebe a reação da população alfenense antes e hoje com relação a parada do orgulho LGBT?
  - Como você avalia a importância do MGA e da parada do orgulho LGBT para cidades de pequeno porte como Alfenas?
7. Agradecer o entrevistado e ressaltar a importância da sua contribuição para a pesquisa.